



Vicent Guillem Primo é Doutor em Ciências Químicas pela Universidade de Valência (Espanha). Trabalha como investigador da influência da predisposição genética no câncer. Em seu tempo livre, dedica-se à divulgação de livros e conferências sobre espiritualidade, de forma gratuita e totalmente voluntária. É Autor dos livros *As Leis Espirituais* e *A Lei do Amor*.

"O conteúdo deste livro é uma mensagem de amor para você."

Desejo que te sirva para que você conheça melhor os seus sentimentos; que te permita distinguir seus sentimentos de amor verdadeiro das formas de egoísmo que imitam o amor, mas que não são; que você procure alimentar o primeiro e elimine os segundos porque é o único jeito de se tornar feliz. Eu desejo que você consiga perder o medo de amar, para que sua vida se torne um reflexo do que você sente. Espero que depois de ler este livro, fique claro que tens um direito fundamental que você não deve permitir que ninguém viole, e este é o direito à liberdade de sentir. Com todo o meu amor, para você.



WU |

Vicent Guillem

A LEI DO AMOR

WU

Vicent Guillem

A LEI DO AMOR

As Leis Espirituais II

WU

Título: A Lei do Amor

Subtítulo: As Leis Espirituais II

Autor: Vicent Guillem Primo

Revisão e Edição para Português Brasileiro: As Leis Espirituais Brasil

Tradução para Português De Portugal: Martinho Nogueira da Silva

Edição para Português Brasileiro: Equipe As Leis Espirituais Brasil

Nº de registro de propriedade intelectual V-289-12 (Valência, Espanha).

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra por todos os meios atualmente disponíveis, com a condição de não ser feita com fins lucrativos nem que seja alterado o seu conteúdo.

Site oficial do livro: <http://lasleyesespirituales.blogspot.com>

Site oficial do livro em português:

<http://asleisespirituais.blogspot.com>

E-mail: lasleyes.espirituales@gmail.com

O trabalho A lei do amor, de Vicent Guillem Primo, foi licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivados 3.0 Não Adaptada.
Com base no trabalho disponível em <http://asleisespirituais.blogspot.com.es/>.



INDICE

PRÓLOGO.....	3
INTRODUÇÃO.....	4
A LEI DO AMOR.....	13
AS RELAÇÕES DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR.....	21
A INFIDELIDADE NA RELAÇÃO DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR.....	64
OS EGO-SENTIMENTOS NAS RELAÇÕES DE CASAL.....	69
AS RELAÇÕES COM A INFÂNCIA À LUZ DA LEI DO AMOR.....	88
O AMOR AO PRÓXIMO À LUZ DA LEI DO AMOR.....	100
OS DEZ MANDAMENTOS À LUZ DA LEI DO AMOR.....	122
MISSÃO DE JESUS NA TERRA II.....	177
A DESPEDIDA.....	194

PRÓLOGO

Querido leitor ou leitora, se está lendo estas linhas, certamente leu anteriormente o livro As leis espirituais. Por isso, compreenderá que prefira te chamar por irmão ou irmã. Começamos o prólogo de As leis espirituais dizendo que o conteúdo do livro era uma mensagem de amor para toda a humanidade. O conteúdo do livro que está começando a ler continua sendo uma mensagem de amor, pois, na realidade, é a continuação do livro anterior. Aprofundaremos mais, tanto quanto possível, uma dessas leis espirituais, talvez a mais importante: a lei do amor. Nesta segunda parte, continuaremos colocando ao nosso amigo Isaías todas aquelas questões que ficaram por apresentar sobre o sentido da vida e sobre os sentimentos. Muitas das perguntas formuladas que encontrará a seguir são as suas perguntas que nos chegaram via e-mail, foram apresentadas a nós em palestras ou pessoalmente. Selecionamos as que são de maior interesse para todos e que têm a ver com o tema de que vamos tratar agora: o amor.

Desejo que isso lhe sirva para conhecer melhor os seus sentimentos, que lhe permita distinguir os sentimentos de amor verdadeiro das formas de egoísmo que imitam o amor, mas que não o são, que você busque alimentar os primeiros e eliminar os segundos, pois é a única forma de conseguir chegar a ser feliz. Desejo que consiga perder o medo de amar para que a sua vida seja um reflexo do que sente. Espero que, depois de ler este livro, fique claro que você tem um direito fundamental que não deve permitir que ninguém restrinja que é o direito à liberdade de sentimento.

Com todo o meu amor para você.

INTRODUÇÃO

Você é feliz? Não, não me responda ainda, porque não creio que é uma pergunta a que se possa responder levemente. Além de que gostaria que fosse uma resposta sincera, que não respondesse simplesmente para passar uma boa imagem, pensando na resposta que eu gostaria de escutar. Não pense que lhe peço sinceridade por mim. A mim você seguramente poderia enganar que nada aconteceria. Peço que seja sincero consigo mesmo, que não tente se autoenganar, porque toda a sua vida depende da resposta desta pergunta. Por que julgo que é tão importante? Porque acho que o desejo de todo ser humano é conseguir ser verdadeiramente feliz. Por acaso você não deseja ser feliz? Eu observo as pessoas e não me parece que a maioria é feliz. Não exalam felicidade. Por quê? Possivelmente, porque não sabem como ser felizes.

É possível chegar a ser feliz e como? Creio que todos nós já fizemos essa pergunta alguma vez, ou seja, como se pode chegar a ser feliz? Intuitivamente, relacionamos o ser feliz com o fato de conhecer o amor. Refiro-me ao amor de casal. Por isso, muitas vezes temos sonhado em encontrar esse amor que nos faça felizes. Há pessoas que me dirão que não, que não é verdade, que o amor não traz felicidade “porque eu amei muito e o que esse amor me fez foi sofrer”. São pessoas que associam o amor ao sofrimento e, para não sofrer, preferem não amar. Mas, o que é o amor, o que são os sentimentos? Sabemos realmente o que é o amor? Vamos deixar esta pergunta em aberto. Teremos muito tempo para pensar nela ao longo do livro. Agora, quero falar com vocês de outro tema.

Depois dos meus primeiros contatos com o mundo espiritual e das minhas primeiras experiências com viagens astrais, despertou em mim um forte sentimento de saudade por aquele

mundo e, ao mesmo tempo, uma falta de interesse pela vida neste. A minha visão do mundo e da vida tinham mudado radicalmente. Se antes não compreendia o que acontecia, depois das minhas primeiras experiências extracorpóreas comecei a ficar com a impressão de que este mundo é como uma espécie de teatro onde o ser humano passa a vida toda interpretando um papel, como se fosse um ator que, à força de passar muito tempo representando a mesma obra, acabou tão identificado com o seu personagem que julga que a sua personalidade é a do personagem que interpreta e que não há outra realidade para além da obra que representa. Contemplava as pessoas com a sensação de que somos todos robôs agindo mecanicamente, inconscientes da verdadeira realidade, entretidos com coisas banais e irrelevantes a que damos toda a importância. Refiro-me à importância que atribuímos a ter sucesso na vida, como ter reconhecimento, fama, prestígio, dinheiro ou poder. A maioria das pessoas emprega todas as suas forças para conseguir esses objetivos, como se disso dependesse a sua felicidade. A sensação que tinha era que tudo aquilo a que as pessoas dão tanta importância era totalmente irrelevante para mim, porque em nada disso encontrava qualquer motivo que me fizesse feliz como tinha me sentido quando estivera no plano espiritual. Ao mesmo tempo, outra preocupação me gerava intranquilidade e esta era conseguir recordar completamente todos os detalhes das experiências vividas no plano espiritual, porque, ainda que eu tivesse anotado tudo o que recordava, tinha a impressão de que era impossível recordar tudo completamente e contá-lo tal como o tinha vivido. Por essas razões, quando tentava relaxar para voltar a sair do corpo não conseguia. Pensamentos desordenados inundaram minha mente, impedindo-me de obter o relaxamento completo de que precisava. A minha consciência não estava suficientemente relaxada e tranquila para poder repetir a experiência. Isso ainda me provocava maior nervosismo e desânimo.

Numa das tantas vezes em que tentava relaxar, deitado na cama, trancado no quarto, na escuridão quase total, em solidão e silêncio completos, entre pensamentos desordenados que me vinham à mente, ouvi muito claramente: “Não se preocupe”. Isso me assustou enormemente, como quando te acordam de repente enquanto está dormindo. A minha primeira reação foi abrir os olhos e olhar ao meu redor. Estava escuro. Às cegas, acendi a luz. Não havia ninguém. Estava tudo calmo. Não escutei, em momento algum, qualquer abrir ou fechar de portas, nem qualquer outro ruído. Nesse instante cheguei a pensar “Será minha imaginação?”. Voltei a apagar a luz e recostei-me de novo na cama, procurando voltar a relaxar por meio de exercícios de respiração profunda. Porém, depois de um tempo, voltei a ouvir muito claramente: “Não se preocupe”. Dessa segunda vez, o susto foi menor e, em vez de me levantar, permaneci totalmente imóvel e expectante. Eu estava consciente de que, na verdade, essa voz não soava nos meus ouvidos. Era mais como uma voz que falava na minha mente, como um pensamento muito claro, mas que não procedia de mim.

“Quem é você?”, perguntei mentalmente para tentar alguma coisa, sem esperança de que essa pergunta fosse ter qualquer resposta. E não houve uma resposta imediata. Passaram-se uns minutos e nada aconteceu, então relaxei novamente.

- Homem de pouca fé. Depois de tudo o que já viveu, ainda tem dúvidas? Quem você acha que sou?

- É o Isaías? - perguntei.

- Diga-me você, em vez de me perguntar - respondeu.

- Reconheço "a voz do seu pensamento". Mas é que não o vejo, por isso não tenho a certeza.

- Sinta e não pense apenas e as suas dúvidas serão dissipadas. Você não me vê porque está ligado ao seu corpo, mas pode me ouvir claramente e isso é o suficiente para o que deseja.

- Afinal, o que é o que eu desejo? Eu não sei a que você se refere - eu disse.

- Você está preocupado com algo que eu lhe disse para não se preocupar.

- Ah, sim? E por que estou preocupado? - eu disse.

- Me diga você, ou quer que nós joguemos adivinhação? Garanto que eu ganharia de você. Não se esqueça de que eu sou capaz de ler os pensamentos, mas prefiro que deixemos isso para outro momento porque não gosto de jogar em vantagem.

- Bem, há várias coisas que me preocupam. Por um lado, preocupa-me ver como as pessoas estão, ver como sofrem.

- Antes também sofriam e você não se preocupava tanto.

- Isso era porque, antes, eu não me dava conta. Quero dizer, não me dava conta como agora - disse.

- Claro, porque agora a sua sensibilidade despertou e não é só porque você vê, é porque sente e vive. Elas já sofriam antes, mas, como não se dava conta, isso não o afetava. Agora que você está consciente, isso o afeta, é muito normal. Mas, sofrendo, você não vai conseguir que elas deixem de sofrer.

- É que eu gostaria de fazer algo por elas, mas me sinto impotente. Sei que conversamos sobre isso quando estávamos com Vesta e Juno. Refiro-me a fazer com que as pessoas conheçam a realidade sobre como o mundo funciona, sobre a espiritualidade, e que o ser humano necessita desenvolver a sua capacidade de amar para poder evoluir e ser feliz, mas, simplesmente não sei por onde começar.

- Então comece pelo princípio. Haha!

Senti-me um pouco aborrecido, pois tinha a sensação de que Isaías estava brincando com algo que era muito sério para mim. Claro, ele percebeu isso imediatamente.

- Não fique incomodado, homem! Não ache que isso não é um assunto importante para mim, é exatamente por isso que estou aqui. Apenas estava tentando fazer você rir um pouco para te descontraír. Você não sabe que o humor e o amor estão relacionados? O riso é um reflexo do bem-estar interior, da felicidade, assim como do amor.

- Me desculpe, é que estou muito suscetível.

- Não faz mal. Já lhe disse que estou aqui para ajudar.

- Pode parecer bobagem, mas não sei como divulgar essa mensagem e também estou preocupado por não lembrar toda a experiência por que passei. Também sinto que não tenho conhecimentos suficientes para transmitir tudo o que as pessoas precisam. Não me considero preparado e eu mesmo tenho muitas perguntas. Como vou conseguir esclarecer as dúvidas dos outros se eu mesmo não tenho tudo claro?

- Você vai conseguir porque eu te vou ajudar.

- Acho que você não me entende. Mesmo que você me ajude, tenho medo de não me lembrar do que você me disse depois quando eu voltar ao corpo.

- Eu entendo você, mas você a mim, não, porque está ofuscado. Antes eu lhe disse para não se preocupar com isso. Tudo tem uma solução e, nestes tempos, mais ainda. Você pode falar?

- O quê? Não estou entendendo. Por que você está me perguntando se eu posso falar agora? Não estamos conversando?
- eu disse.

- Você não me entendeu. Não com a mente. Agora estamos nos comunicando com o pensamento. Me refiro a se você pode usar a sua voz, emitir sons. Perceba que você continua ligado ao seu corpo.

- Não sei. Ainda não experimentei - respondi.

- Experimente, mas tente não se desconcentrar.

Tentei fazer o que Isaías me pedia. Foi então que me apercebi do que Isaías me tinha dito. Continuava no meu corpo, mesmo que me tivesse esquecido desse fato. Quero dizer que ainda não tinha prestado atenção a isso. No momento em que Isaías me pedia para falar foi quando tomei consciência dele, apesar de me parecer que não respondia às minhas ordens e quase não o sentia. A minha sensação era como se estivesse paralisado, dormente. Tentei mexer a boca para falar, mas não podia. Estava dentro do meu corpo, mas não o podia mover.

- Não posso - disse mentalmente.

- Espera um momento, vou te ajudar um pouco.

Em breve comecei a sentir uma espécie de formigamento na cabeça, que entrava pela nuca e era muito agradável e suave. O formigamento descia progressivamente por dentro da cabeça até à zona do pescoço. Era como se estivesse a receber uma descarga elétrica, mas de muito baixa intensidade, que não me incomodava nada, pelo contrário, era muito agradável. O formigamento tinha como que pulsações de maior e menor intensidade e circulava desde a parte alta da cabeça até ao pescoço como se fosse um repuxo. Isso fez com que deixasse de sentir adormecimento na parte da cabeça, ainda que o resto do corpo continuasse em paralisia completa.

- Experimente agora - disse a mim.

Ainda me custava mexer a boca e, embora então já a pudesse mexer um pouco, ainda não podia articular nenhuma palavra. Apenas conseguia engolir saliva, mas com grande dificuldade.

- Custa-me muito - pensei.

- Continue a tentar.

Estive ali a mexer a boca e a língua uns cinco minutos sem que acontecesse nada até que, finalmente, pude emitir um pequeno rumor, que mais parecia um rugido gutural.

- Ainda me ouve?

- Sim - respondi mentalmente.

- Já chega por hoje. Continuaremos a praticar esse exercício noutra ocasião.

- E qual é a finalidade desse exercício?
- É para que possa falar enquanto me ouve mentalmente.
- Para quê?
- Para que grave o que lhe digo.
- Gravar?
- Sim, homem. Não tem aparelhos para gravar a voz? Use-os, assim poderá registar pormenorizadamente o que falamos sem necessidade de ter de se recordar. Assim terá o seu problema resolvido.
- E o que é que faço com isso?
- Também quer que lhe diga o que fazer com isso? Use a sua imaginação. O que é que se faz no seu mundo quando alguém tem alguma coisa para contar e a quer divulgar?
- Escreve um livro?
- Por exemplo, não queria ajudar as pessoas? Não queria que as pessoas conhecessem a verdade sobre o funcionamento do mundo e ajudá-las a desenvolver a sua capacidade de amar para poderem ser felizes? Pois eu também. Vou ajudar você a transmitir às pessoas o conhecimento de que precisam para poderem despertar o seu interior e se lembrarem do motivo pelo qual vieram ao mundo, que não é outro mais do que desenvolver a sua capacidade de amar e, assim, poderem começar a ser um pouco mais felizes. Contudo, um único livro não vai ser suficiente. Serão necessários uns quantos volumes, mas, cada

coisa a seu tempo. Se quiser, começamos hoje mesmo com o título para ver se será capaz de o recordar. O título vai ser As leis espirituais.

- Ah! Mas, o que são “as leis espirituais”?

- Vamos esperar até poder gravar para que não esqueça logo em seguida o que dissermos. Não quero que fique traumatizado. Hehehe!

- Muito amável.

- Bem, vou lhe adiantar já alguma coisa. Sabe que uma dessas leis espirituais é a lei do amor? É a mais importante, pois tudo no universo gira em volta do amor. Haverá muito a dizer sobre isso, assim, terá de escrever mais que um livro para tratar da lei do amor.

A LEI DO AMOR

- O destino do espírito é alcançar a felicidade pela experiência do amor incondicional, por sua livre decisão.
- Sem amor não há evolução. Sem amor não há sabedoria. Sem amor não há felicidade.
- O amor é a força harmonizadora e dinamizadora do universo espiritual.



Qual é, segundo o seu critério, a aspiração mais elevada do ser humano?

Alcançar a felicidade verdadeira e permanente.

Qual é o caminho a seguir? Quero dizer, se queremos avançar no amor, por onde se deve começar?

O caminho começa em si e continua nos outros, isto é, temos de nos amar a nós mesmos para podermos amar os outros.

Se cada ser humano intui esse caminho, por que razão ainda não o conseguiu alcançar? A minha impressão é que há muito pouca gente no mundo que se pode dizer feliz.

Não pense que é um caminho fácil ou rápido. No processo de amar a si e de amar os outros há diferentes etapas que têm de ser percorridas antes de chegar à meta final, a qual será a de amar incondicionalmente qualquer outro como a si. Jesus resumiu isso numa mensagem muito simples, mas muito profunda, quando disse “Ama o próximo como a ti mesmo”. É um caminho que implica viver múltiplas experiências, encarnando inúmeras vezes. A tarefa é dupla. Por um lado, temos o desenvolvimento dos sentimentos e, por outro, a eliminação do egoísmo. Anteriormente, já falamos dos diferentes níveis de egoísmo, do ponto de vista espiritual, das diferentes fases da vaidade, do orgulho e da soberba e de como se manifesta o egoísmo em cada uma dessas etapas. Agora, gostaria que aprofundássemos o tema do desenvolvimento dos sentimentos, de como eles vão se desenvolvendo gradualmente a partir de si até aos outros, começando pelos que nos são mais chegados até aos que não têm nenhuma ligação especial conosco. Falaremos do amor de casal, do amor no seio da família (entre pais e filhos) e nas relações humanas e sociais. Analisaremos também como o egoísmo se instala entre os sentimentos e os adultera, causando verdadeiros estragos, confundindo os seres humanos e afastando-os do caminho do amor e da felicidade. O egoísmo é o

maior inimigo do desenvolvimento do amor e tem muitas ramificações. Se não as conhecemos, podemos nos desviar da nossa evolução até ao ponto de chegarmos a pensar que estamos amando quando, na verdade, estamos nos deixando levar por formas de egoísmo disfarçadas de amor, como se fosse um lobo vestido com pele de cordeiro.

Mas o que é amar a si mesmo?

Agir com liberdade de sentimento quer dizer reconhecer as necessidades afetivas próprias e os seus sentimentos e passar a desenvolvê-los para que sejam o motor da sua vida, para que as decisões importantes da sua vida sejam tomadas de acordo com esses sentimentos.

O que é amar aos outros?

Sentir os outros como a si. Quando alguém sente o outro como se fosse ele mesmo sente a felicidade do outro tanto como a sua própria e percebe o sofrimento do outro como se fosse o seu próprio. Quando uma pessoa ama os outros deseja tanto a felicidade deles como a sua própria e esforça-se tanto a ajudá-los a alcançar essa felicidade como para que as suas ações não os prejudiquem nem lhes provoque sofrimento.

E de onde vem o sofrimento?

O sofrimento pode vir como consequência das ações egoístas dos outros ou como consequência do próprio egoísmo. Quer dizer, às vezes sofre-se porque somos vítimas de atos egoístas dos outros, enquanto outras vezes a nossa própria atitude egoísta faz com que julguemos os atos dos outros equivocadamente, culpando-os do nosso sofrimento quando, na realidade, sofremos porque os outros não agem conforme esperávamos ou exigíamos deles. Também se sofre quando uma pessoa reprime os seus sentimentos e não vive de acordo com eles, mas contra eles. A última opção causa um sofrimento mais intenso.

Como saber se sofremos em consequência dos atos dos outros ou como consequência das nossas próprias atitudes?

Sendo sinceros conosco. Sem sinceridade não pode haver crescimento, pois, em vez de reconhecer a realidade tal como ela é, com a finalidade de mudar a nossa forma de atuar de acordo com esse reconhecimento, o que acontece é que a iremos distorcer para justificar os nossos atos egoístas, para justificar os atos egoístas dos outros ou para justificar a repressão dos nossos sentimentos.

Como se pode saber se os outros sofrem em consequência dos nossos atos ou não? Não pode acontecer de provocarmos sofrimento aos outros ainda que a nossa intenção não seja essa? O que se deve fazer nesses casos?

É preciso distinguir de onde vem o sofrimento antes de decidir se é consequência dos nossos atos egoístas, da nossa atitude repressiva com os sentimentos ou se é consequência do egoísmo deles próprios. Há certos sofrimentos que não podemos evitar aos que amamos, como os que surgem nas suas vidas como consequência do seu próprio egoísmo, em que se veem confrontados com as consequências dolorosas de seus atos egoístas do passado. Nesses casos, o melhor que podemos fazer por eles é aconselhá-los o melhor possível para que tomem consciência de que o seu sofrimento pode ser consequência das suas próprias atitudes egoístas e de que tomem muita atenção quanto à experiência que estão vivendo para que não gerem esse sofrimento aos demais. Há sofrimentos que surgem quando se enfrenta alguma prova dura que se escolheu antes de encarnar, fazendo parte essa prova do próprio processo de aprendizagem espiritual. Nesses casos, pode-se reconfortar a pessoa que está vivendo esse momento, dando-lhe ânimo e esperança para que tenha forças para superar essa prova, fazendo com que veja que

essa prova tem um significado e que, se for superada, conseguirá progredir espiritualmente.

Consideremos o caso de alguém nos ter feito saber que lhe estamos provocando sofrimento. Como devemos encarar essa situação?

Com sinceridade e realismo. Analisemos primeiro a nossa atitude em relação a essa pessoa para ver se reconhecemos egoísmo da nossa parte ou não. Se reconhecermos uma atitude egoísta da nossa parte que prejudica ou causa sofrimento a outra pessoa, cabe a nós alterar tal atitude. A tomada de consciência das nossas atitudes egoístas faz parte da aprendizagem espiritual, pois, em muitas ocasiões, agimos egoistamente sem consciência de que esse egoísmo causa dano aos outros, por isso é necessário observarmos as consequências dos nossos atos a fim de tomarmos consciência do sofrimento que provocamos. Também pode ser o caso de que a outra pessoa sofre porque existe em nós uma repressão dos nossos sentimentos de amor em relação a ela, porque a repressão dos sentimentos não provoca danos apenas a si, mas também aos outros. Ou seja, sofrem por privação de amor. Também deveríamos analisar a possibilidade de que o sofrimento dessa pessoa não é causado pelo nosso egoísmo mas pelo seu próprio, isto é, que se pode tratar de uma errônea avaliação da realidade por parte dela. Nesse caso, a sua própria atitude egoísta a levará a considerar, injustamente, o nosso comportamento como egoísta, ou porque não teve suas expectativas satisfeitas ou porque não agimos da forma que esperava ou exigia de nós.

Nesse último caso, deveríamos satisfazer as exigências do outro? Ou seja, deveríamos dar a ele o que espera de nós para lhe pouparmos o sofrimento?

Use o bom senso e avalie se o que é pedido a você é justo e honesto. Está em suas mãos ou à sua vontade fazê-lo ou não. Em

qualquer caso, não pode ser exigido, porque a exigência, em si mesma, já configura um ato de egoísmo. No limite, deve ser formulado como um pedido, tendo a possibilidade de ser recusado sem que ocorra nenhum tipo de represália, do contrário se trataria de uma ofensa ao livre-arbítrio. Em qualquer caso, não é aconselhável alguém se sentir obrigado a adotar atitudes sem ser motivado por sentimentos apenas para agradar aos outros. Anulando a sua própria vontade ou a sua liberdade, a única coisa que se consegue é sofrer inutilmente, pois nem progredimos nós nem ajudamos o outro a fazê-lo. Apenas satisfazemos o seu egoísmo. Exemplificando, seria um esforço tão inútil como o daquele que carrega às costas outra pessoa que finge estar manca mas que pode perfeitamente andar. Nesse caso, agrada-se ao outro à custa de um sobre-esforço desnecessário, pois o que estamos fazendo por ele, ele consegue fazer por si mesmo.

Mas há pessoas que opinam que, se gosta de alguém, você tem que se sacrificar por esse alguém, ou seja, deve colocar a felicidade da pessoa amada antes da sua própria. O que acha disso?

Que é errado pensar dessa maneira. A felicidade de uma pessoa não pode justificar o sofrimento de outra. Seria injusto, da parte do mundo espiritual, pedir a alguém que renunciasse ao seu direito à felicidade. Todos os seres espirituais têm direito a ser felizes sem que isso implique, em relação aos outros, uma diminuição do mesmo direito. Por isso, não é justo renunciar à sua própria felicidade em benefício dos outros, nem é justo exigir aos outros renúncias ou sacrifícios em seu benefício. O que faz diminuir o direito de ser feliz é o egoísmo e não o amor. O que acontece é que vocês têm uma concepção equivocada do que é o amor, pois a forma de amar de vocês está, na maior parte das vezes, impregnada de egoísmo e, por isso, julgam que para que os outros sejam felizes vocês têm que renunciar o próprio direito

à felicidade ou então se acham no direito de exigir que o outro renuncie para poder ser feliz. Por isso é tão importante analisar muito bem a nossa forma de amar, para poder distinguir o que são sentimentos de amor verdadeiro do que são manifestações egoístas, assim vocês não se confundirão realizando ou pedindo sacrifícios e renúncias desnecessários.

Mas, não é verdade que, às vezes, é necessário renunciar a certas coisas em benefício das pessoas amadas?

Isso depende do que vocês entendem por renúncia. Renunciar ao egoísmo por amor é algo positivo. O que não faz sentido é renunciar ao amor por amor.

Não entendo o que quer dizer exatamente. Tem um exemplo para ficar esclarecido?

Imagine o caso de um casal materialista que está planejando ter filhos. O fato de ter filhos pode fazer com que vejam isso como uma renúncia à satisfação dos seus caprichos materiais, porque terão de encarar as despesas dos filhos e podem também ver como uma renúncia ao seu tempo livre, pois também parte do seu tempo terá de ser dedicado aos filhos. Se encaram isso como uma renúncia é porque predomina o egoísmo sobre o amor, porque valorizam muito as suas posses materiais e comodidades e pouco os sentimentos. Se por amor aos seus filhos se esforçam por serem menos egoístas, isso será algo de bom para eles, pois o que se perde é em egoísmo e o que se ganha é em sentimento. Outro caso muito diferente é o da mulher que, por ter um filho em comum com um homem, obriga-se a viver com ele sem o amar, amando outro, porque considera que é o melhor para o seu filho, condenando-se a uma vida de sofrimento. Essa é a pessoa que equivocadamente renuncia ao amor por amor porque renuncia à sua liberdade de sentimento julgando, erradamente, que isso vai beneficiar a felicidade do seu filho.

Esse exemplo que acabou de dar me faz refletir sobre a quantidade de situações diferentes que podem existir e quão difícil é analisá-las todas com clareza para saber o que fazer em cada uma delas sem confundir sentimentos com egoísmo. Você comentou sobre as relações de casal e sobre as relações com os filhos. Acredito que analisar, de forma exaustiva, essas situações que se verificam dentro das relações pessoais seria muito útil a todos, a mim em primeiro lugar, porque penso que afetam quase todas as pessoas e julgo que muitas sofrem como consequência de não saber enfrentar isso com a consciência espiritual esclarecida. Podia escrever um livro apenas com isso.

Bem, estamos aqui para tentar esclarecer tudo isso. É verdade que a maior parte do sofrimento emocional do ser humano tem a ver com as relações pessoais, começando pelas relações de casal e relações familiares (entre pais e filhos, irmãos, etc.). Por isso é bom que as tratemos de forma exaustiva. Por onde quer que comecemos?

Se posso escolher, começaria pelas relações de casal.

Então vamos. Pergunte que sou todo ouvidos.

AS RELAÇÕES DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR

Observo que uma das maiores causas de infelicidade do ser humano tem a ver com o tema relação de casal. Uns sofrem porque não encontram parceiros e outros sofrem porque são infelizes na sua relação de casal. Por que razão há tanta gente que não é feliz no seu relacionamento?

Porque não há um verdadeiro sentimento de amor de casal entre eles ou porque os defeitos se sobrepõem aos sentimentos, ou por ambas as coisas ao mesmo tempo.

O que é preciso para que duas pessoas sejam felizes numa relação de casal?

A felicidade completa na relação de casal apenas é possível quando há uma afinidade interior completa e um verdadeiro sentimento de amor mútuo, correspondido e livre, mas isso pouco acontece no seu mundo.

Por quê?

Porque, na escolha de um parceiro, predominam o egoísmo e a necessidade e isso se junta, na maioria das pessoas, com a falta de um desenvolvimento suficiente da capacidade de amar que lhes permite ter o discernimento necessário para reconhecer quem lhe é afim, despertar e reconhecer os sentimentos em relação a essa pessoa e ter a coragem de lutar por eles.

Quando você fala em reconhecer quem é afim se refere a reconhecer a alma gêmea?

Sim. Apesar de que um termo mais exato do que “almas gêmeas” seria “almas afins”.

Por quê?

Porque vocês identificam a palavra “gêmea” com “idêntica” e julgam que as almas gêmeas têm de ser idênticas, iguais em

tudo, mas, não é assim. As almas afins ou gêmeas são seres que provêm do mesmo ato de criação, do mesmo “parto espiritual”, para o definirmos de alguma maneira. São espíritos cem por cento complementares, criados no mesmo momento para estarem unidos no amor, mas isso não significa que são iguais.

E por que não são iguais se são criados iguais?

Porque o fato de serem afins não significa que têm uma vontade única. Cada um tem a sua personalidade própria resultante do seu processo evolutivo pessoal, que nunca é idêntico, porque cada um decide por si. Isso estabelece diferenças em todos os níveis.

Você quer dizer que não têm nível evolutivo idêntico?

Costuma ser semelhante, mas idêntico é impossível, porque cada um tem o seu livre-arbítrio individual e acumulou experiências diferentes. Ainda que não costumem ser diferenças muito profundas, pode acontecer que um dos dois progrida mais depressa do que o outro ou que um avance mais nuns aspectos e o outro, em outros, isso marca uma diferença na sua personalidade espiritual e no seu nível evolutivo. Mas, apesar das diferenças, continuam a ser afins.

Então, se duas pessoas que se unem como casal são almas gêmeas significa que alcançarão a felicidade perfeita na sua relação?

Alcançarão a felicidade perfeita quando tiverem evoluído o suficiente para que os sentimentos entre eles sejam mais fortes que os seus defeitos. Serem afins não significa que são perfeitos. Enquanto a sua capacidade de amar estiver pouco desenvolvida, o egoísmo de cada um predomina, o que coloca obstáculos às manifestações da afinidade e dos sentimentos e os impede de ser plenamente felizes.

E poderá acontecer que a sua alma gêmea não tenha encarnado simultaneamente na mesma vida?

Sim.

Realmente não entendo que sentido pode fazer algo assim. Quero dizer, se não encarnam simultaneamente, não se está privando esses espíritos da possibilidade de serem felizes numa experimentação de união de casal?

Diz isso porque só está vendo a parte da vida em que se está encarnado. Lembre-se que a separação é somente temporal, porque a vida física é apenas um instante da vida real. É só uma parte do tempo da vida do espírito, a que passa encarnado, e que é ainda mais reduzida nos espíritos mais avançados, pois estes espaçam bastante as suas encarnações.

Mas por que se escolhe uma circunstância assim, quero dizer, a de não encarnar ao mesmo tempo?

São escolhas que os espíritos fazem, neste caso as almas gêmeas ou afins, em função da prova ou missão que pretendem levar a cabo. Não quer dizer que fiquem totalmente separados, pois, durante o sono, o espírito encarnado regressa ao mundo espiritual e reencontra temporariamente os seres amados que ficaram no plano espiritual, não só a alma afim, mas também outros seres amados que não encarnaram simultaneamente. Na realidade, ambos colaboram nessa missão, cada um a partir de um plano diferente.

Mas quem está encarnado recorda esse contato durante o sono?

Conscientemente, a maioria não.

Então de que lhe serve, se não é capaz de se lembrar dos momentos de encontro com a alma gêmea desencarnada?

Ainda que não se recorde conscientemente, no seu interior sente-se reconfortado com o convívio.

Mas não é uma frustração, pelo menos para o encarnado, viver dessa maneira?

É uma prova difícil, semelhante à daquele que depois de ter convivido uma vida inteira com a pessoa amada a vê falecer, permanecendo ele no plano físico sem ela. No caso que expúnhamos, ao não se ter plena consciência de que a sua alma afim está no outro plano, evita-se um sofrimento maior.

Mas há quem que chega a tomar consciência?

Sim. Se for sensível, pode contatar conscientemente.

Então sofrerá muito mais, não?

Isso depende do seu nível evolutivo, de quão preparado está para viver nessa situação. De ter em conta que, mesmo que encarnem simultaneamente, é muito difícil que as almas afins estejam unidas permanentemente. Podem demorar um tempo relativamente longo até se conhecerem. Inclusive, muitas vezes, mesmo encontrando-se, não lutam para estar juntas, seja por falta de convicção nos sentimentos, por falta de coragem para lutar por eles ou porque ainda predomina o egoísmo entre elas. Também sucede que as desencarnações de uma e da outra costumam ocorrer em momentos distintos, espaçados no tempo, de maneira que uma delas permanece no plano físico enquanto a outra regressa ao plano espiritual. Se durante esse período de separação cada uma cumprir o objetivo a que se propôs, o reencontro será maravilhoso.

E o que acontece se, quando você volta ao plano espiritual, a sua alma gêmea já voltou a encarnar?

Tem-se em consideração que as reencarnações não acontecem imediatamente. Passa-se um tempo no plano astral bastante prolongado antes de encarnar de novo. Costuma-se dar tempo

de acontecer o reencontro das almas afins e que possam conviver no plano espiritual antes de voltarem ao plano físico.

A consciência de que a sua alma gêmea está no outro plano impede de arranjar parceiro no mundo material?

Não. Da mesma maneira que uma pessoa viúva pode arranjar outro parceiro sem que com isso transgrida nenhuma lei espiritual. O encarnado pode fazer o que considera oportuno em relação à sua vida, ter ou não ter parceiro, pois é dotado de livre-arbítrio para decidir.

A alma que fica no outro plano não vai se sentir com ciúmes por a sua alma gêmea ter outro parceiro terreno?

Não, porque a perspectiva que se tem a partir do mundo espiritual é mais ampla do que a que se tem terrenamente. A sua alma afim compreende a situação e desejará que tome as decisões que o tornem mais feliz, ainda que ansiando pelo reencontro, claro.

Mas poderá ser feliz nessa relação de casal?

Isso vai depender da afinidade que há entre elas. Se houver afinidade, pode alcançar certo grau de felicidade, mas é certo que haverá sempre um vazio interior que nunca poderá ser preenchido. Nunca poderá viver a felicidade completa na relação de casal, pois a afinidade completa só a tem com o ser que está no outro plano.

E como se podem conciliar ambos os sentimentos? Ou seja, como conciliar o que sente pelo parceiro espiritual e pelo parceiro terreno? Não é um dilema sem solução possível?

A solução é a compreensão da situação. Em qualquer caso, pretender esquecer o que sente pelo parceiro espiritual que ficou ou que passou para o plano espiritual antes dela para não sofrer é um erro tremendo, pois, então, sofre-se ainda mais pelo

esforço em anular os sentimentos. Também é um erro se obrigar a sentir pelo parceiro terreno o mesmo que pela alma afim ou se sentir culpado por não sentir o mesmo pela segunda do que pela primeira, pois o sentimento surge da afinidade completa e, se ela não acontece, não é possível, mas isso não é culpa de ninguém. É certo que os espíritos muito avançados que conheceram e viveram o sentimento com a sua alma afim não costumam comprometer-se com outro parceiro, preferem esperar pelo reencontro porque sabem que nenhuma outra relação de casal os vai preencher. Além disso, sua capacidade e sua sensibilidade permitem a eles manter o contato, apesar de cada um estar num plano diferente da existência.

Quando duas almas gêmeas encarnam simultaneamente, encarnam sempre para serem um casal?

Nem sempre se encarna com o propósito de formar um casal, ainda que seja o mais habitual.

As almas gêmeas devem ter a mesma idade terrena ou podem ter 30 anos de diferença?

Há de tudo. Podem ter muitos anos de diferença ou poucos. O momento da encarnação e as circunstâncias em que se vai produzir escolhem-se antes de nascer e tudo tem uma razão.

E a diferença de idade não é um obstáculo para que esses espíritos cheguem a ser um casal?

Será enquanto um for criança. Quando ambos forem adultos, não.

As almas gêmeas podem encarnar numa situação que as impossibilita de ser um casal, por exemplo, encarnando como mãe e filho ou irmãos?

Sim. Pode ocorrer várias situações, serem pais e filhos, irmãos, etc.

E essa situação os impede de procurar outro parceiro?

Certamente que não. Mas, sim, é verdade que terão sempre mais ligação com a sua alma afim, encarnada como familiar, que com o parceiro que escolherem para a vida.

E podem encarnar duas almas gêmeas com o mesmo sexo, simultaneamente?

Ainda que não seja o mais frequente, sim, pode acontecer.

Penso então que a homossexualidade pode ser devido ao fato de duas almas gêmeas encarnarem no mesmo sexo.

Não, não é por esse motivo. Do mesmo modo que o fato de se encarnar como mãe e filho, pai ou irmão e irmã não incita ao incesto.

Pois se não é esse o motivo, o que é que motiva a condição homossexual do ponto de vista espiritual?

É difícil dar uma resposta geral aplicável a todos os casos, porque cada caso é único. Mas o certo é que a condição homossexual de quem nasceu homossexual tem a ver com o que aquele espírito viveu em outras vidas anteriores. O espírito desprovido do invólucro material não tem sexo. Encarnar é quando se adquire a condição sexual e, embora geralmente haja preferência por um sexo específico ao encarnar, em geral, o mesmo espírito pode encarnar em uma vida como homem e na próxima como mulher, ou vice-versa, dependendo das suas necessidades evolutivas. Às vezes acontece que o espírito que vai encarnar no sexo oposto ao escolhido na encarnação anterior não se desligou completamente da personalidade (incluindo a condição sexual) da vida anterior e isso afeta sua percepção da sexualidade na vida atual. Dependendo do grau de identificação com a condição sexual da vida passada, encontraremos diferentes situações, desde o transexual, que se identifica diretamente com o sexo

oposto em tudo e quer adquirir a fisionomia com a qual se identifica, o homossexual, que sem se identificar com o sexo oposto sente as mesmas inclinações sexuais da vida anterior em que encarnou no sexo oposto ao atual, ou o bissexual, em que há inclinações sexuais típicas de sua condição atual e da vida passada.

Quais são os motivos para não se desligar da personalidade da vida anterior?

As causas dessa falta de desapego podem ser muito numerosas e variadas, mas em geral devem-se a atitudes egoístas profundamente enraizadas no espírito que utilizou a condição sexual para se manifestar e que envolveu a violação do livre-arbítrio dos outros, incluindo liberdade de sentimento.

Há algum exemplo?

Um espírito que ao encarnar como homem foi extremamente machista e abusou das mulheres. Por exemplo, o caso de obrigar uma mulher a qual não amava a ser sua esposa, obrigando-a, portanto, a manter relações sexuais à força, ou maltratou e humilhou-a a vida toda e, de modo geral, tinha essa mesma atitude de desprezo em relação a todas as mulheres. Nesta vida encarna na mesma condição sexual que antes desprezou mas conserva a personalidade da vida anterior e com tendências semelhantes, porque, como não as superou, estão fortemente impregnadas no seu espírito. Ou um espírito que, ao encarnar como mulher, utilizou o seu atrativo físico e o seu poder de sedução para dominar e subjugar os homens. Nesta vida encarna tendo a mesma condição sexual daqueles de quem abusou, mas conserva a personalidade da vida anterior porque está fortemente enraizada nele e, por isso, conserva total ou parcialmente as mesmas inclinações sexuais.

E o que é que se deve aprender dessa circunstância?

O espírito escolhe encarnar no mesmo sexo daqueles de quem abusou para aprender a respeitar a condição de gênero. Quer dizer, se como homem abusou das mulheres, encarna como mulher para aprender a respeitar a mulher, uma vez que, agora, ele também é uma. Ou se como mulher abusou dos homens, agora encarna como homem para aprender a respeitar os homens, porque agora ela também é um. As condições da transexualidade ou da homossexualidade são desenvolvidas por ele mesmo nessas circunstâncias, porque é mantida a personalidade da vida anterior, incluindo total ou parcialmente a inclinação sexual, fortemente enraizada nele.

Muitas religiões, incluindo a católica, têm o entendimento de que a condição de homossexual é algo negativo e que deve ser combatida, pois a consideram um desvio. Inclusive, recomendam que se tente uma relação heterossexual. Qual é a sua opinião?

Não faz sentido que uma pessoa homossexual, apenas para manter as aparências, obrigue-se a ser heterossexual quando não é. Quer dizer, não assumir ou reprimir a sua homossexualidade não conduz a nada de útil. Isso constituiria uma causa de infelicidade para o próprio e para o parceiro escolhido, pois não se pode forçar o que não é espontâneo. A pessoa homossexual, como qualquer outra, tem de ser ela mesma, aceitar-se como é e procurar a sua felicidade em consonância com isso. A condição de homossexual não é negativa em si, pelo contrário, para esse espírito é uma circunstância que o pode ajudar a avançar no reconhecimento do valor do livre-arbítrio e da liberdade de sentimento, pois quando se é obrigado a ser diferente do que se é, e a viver como não se pretende, sofre-se muito. A prova é essa. Lutar por ser ele mesmo apesar da incompreensão e da rejeição. Quando alguém sente a dificuldade em ser si mesmo valoriza muito o respeito pelo livre-arbítrio e começa a tomar consciência de que não deve forçar o dos outros de nenhuma forma, porque isso é um grande motivo de

sofrimento. Acrescentarei apenas que a homossexualidade e a transexualidade estão muito relacionadas com a vaidade e enquanto esta não for superada continuarão a existir esses tipos de circunstâncias.

Voltemos ao tema das almas gêmeas. Se você está me dizendo que a felicidade do casal vem da união de almas gêmeas não é uma contradição aceitar circunstâncias nas quais não se vai poder estar juntos como casal nesta vida, como, por exemplo, existindo laços de consanguinidade?

Às vezes escolhem-se laços de consanguinidade porque é uma maneira de se assegurar de que o seu ser mais afim vai estar sempre junto de si. Quando não existe nenhum vínculo de família costuma haver maiores dificuldades materiais para que dois seres afins consigam estar juntos pelo que, ainda que sendo desejável a união, na maioria dos casos, não se produz. Nesses casos, aposta-se pelo seguro, apesar de não configurar a situação mais desejável.

Quer dizer que a maioria das pessoas que têm parceiros não formam casal com a sua alma gêmea?

Sim, já tínhamos dito isso. Dá para contar nos dedos os casais terrenos que são uniões de almas afins, embora, naturalmente, quase ninguém reconhece que a sua união não é de almas afins.

Sim, mas haverá pessoas que têm dúvidas sobre quem é a sua alma gêmea. Quer dizer, como se pode reconhecer a sua alma gêmea? Compreendo que não deve ser fácil.

Seria mais fácil se vocês agissem de acordo com seus sentimentos e houvesse mais liberdade no mundo de vocês na hora de amar. Mas, como isso não acontece, o que poderia ser fácil torna-se complicado.

Quais são essas dificuldades que impedem que duas almas gêmeas se unam como um casal quando estão encarnadas?

Já dissemos. Pelo fato de, no seu planeta, o ser humano ainda se encontrar impregnado de egoísmo e ter sua capacidade de amar pouco desenvolvida, no momento de escolher parceiros leva mais em conta outros fatores do que o sentimento de amor. Ainda que, antes de encarnar, as almas afins tenham feito o propósito de se unirem como casal, uma vez encarnadas o normal é acabarem unidas a outras pessoas.

E quais são esses fatores? Quero dizer, por que se pode combinar uma união sem amor?

Há diferentes motivações. Pode ser porque existe uma atração física, por conveniência material ou emocional, por afinidade mental, por necessidade de ser amado ou por necessidade de amar.

Pode descrever, com mais profundidade, cada uma dessas razões para que fique claro em que consistem?

Certamente. Começamos, se quiser, pela razão número um no seu mundo: a atração física ou instinto sexual. Quando o espírito ainda está pouco desenvolvido na sua capacidade de amar, a sua vontade é enormemente influenciada pelos instintos e, no caso concreto da escolha de parceiro, predomina o instinto sexual sobre os sentimentos. Por isso, costuma-se escolher em função do que ativa o seu instinto sexual, que dá atenção ao exterior e não ao interior. Por isso, as pessoas que são fisicamente atraentes têm facilidade em encontrar parceiros, ao passo que quem é pouco atraente parece estar condenado a não encontrar. Esse comportamento é majoritário no seu mundo pela razão de, em geral, a maior parte dos seres terem a capacidade de amar pouco desenvolvida, sendo ainda mais acentuado na adolescência, pois é uma fase em que aflora o instinto sexual, coincidindo com a imaturidade própria da juventude, o que faz

com que, até nos espíritos mais avançados, predomine o desejo de satisfazer o seu instinto sexual, sobrepondo-se ao despertar dos sentimentos.

Creio que na relação de casal necessariamente tem de existir uma atração sexual mútua. Se não surgisse o desejo sexual entre eles, que sentido faria unirem-se como casal?

Certamente que é uma condição necessária, mas não suficiente. Além disso, não confunda o instinto sexual com o desejo sexual. Há um porém que os diferencia. É verdade que o desejo sexual pode ser ativado pelo instinto sexual biológico, porém, não apenas pelo instinto. Também pode ser ativado pelos sentimentos. O instinto sexual biológico ativa-se fundamentalmente pela atração física e pela novidade. É uma programação biológica, que incita o indivíduo para a promiscuidade, porque do ponto de vista biológico isso favorece o intercâmbio genético e a propagação da espécie. Quando duas pessoas se unem por atração física sem que haja sentimento pelo meio, uma vez sexualmente satisfeitas, costuma ocorrer uma diminuição do desejo sexual entre elas, posto que, para o instinto sexual, essa relação já não é novidade e não desperta atenção como no princípio. A consequência é que se essa relação se prolongar costuma haver uma perda do apetite sexual, pois entre as pessoas o desejo sexual estava completamente dependente do instinto. As relações sexuais se tornam escassas e entediantes. Esse casal perde o interesse, acabou a novidade, e renasce o interesse por outros candidatos pelo fato de serem novidade. Se essas relações se prolongarem são fonte constante de infelicidade, pois salta à vista a falta de afinidade e de sentimento que, de início, estava eclipsada, encoberta pelo instinto sexual. Isso se reflete num aumento de desavenças e recriminações. Costuma-se, então, dizer que acabou o amor entre o casal, que já não há paixão, quando na realidade nunca houve amor, apenas atração por instinto. Quando há uma afinidade de sentimento, o

desejo sexual desperta e não se apaga nunca, porque não se alimenta do instinto, mas do sentimento.

Falemos agora da união por conveniência material.

Quanto a esta, não há muito o que esclarecer. É a união por interesses materiais. Acontece quando um dos dois, ou ambos os cônjuges, considera retirar alguma espécie de vantagem material, a qual não tinha antes, como o bem-estar material, a posição social, o sucesso, a fama, a riqueza ou o poder. Esse motivo para a união é ainda mais pobre do que o anterior, porque nem sequer há atração sexual, e é mais que evidente que não existe nenhum tipo de sentimento, apesar de ser costume haver um fingimento de sentimento, quer dizer, um cônjuge é levado a acreditar que o motivo da união é o sentimento de amor.

Isso quer dizer que os motivos que unem duas pessoas podem ser diferentes porque, se em ambos fosse um interesse material, não haveria necessidade de fingimento.

Efetivamente. Costuma acontecer que, em cada um dos cônjuges, o motivo da união é diferente. Num deles pode ser o interesse material e no outro a atração física. São, por exemplo, as uniões que têm lugar entre um milionário que não é atraente, mas que se sente atraído por mulheres bonitas, e uma mulher atraente, sem dinheiro, mas que aspira a tê-lo. Em nenhum dos dois casos há sentimentos, apenas uma expectativa de satisfazer um desejo, mas, seguramente, ambos fingirão que existe sentimento, ocultando as suas intenções. Será um relacionamento em que nenhum dos dois será feliz, embora inicialmente possa haver uma satisfação relativa ao verem suas expectativas atendidas.

E em que consiste a união por conveniência emocional?

Tem lugar quando uma das duas pessoas julga que o perfil psicológico da outra lhe pode ser vantajoso quando se manifestarem certas características, que sabe que são egoístas,

da sua própria personalidade, mas que não pretende mudar. Por exemplo, a uma pessoa dominadora e autoritária pode lhe convir alguém submisso e dócil, a uma pessoa inconstante pode lhe convir alguém condescendente, a uma pessoa receosa alguém decidido, a uma pessoa preguiçosa alguém ativo.

Mas, julgo eu, que não tem que ser negativo possuir traços psicológicos aparentemente opostos, pois isso pode configurar uma melhor oportunidade para prestar ajuda. Por exemplo, a pessoa decidida pode ajudar a superar o medo do parceiro receoso.

Entenda que o problema não é que haja diferenças de personalidade, mas que o parceiro é escolhido por conveniência emocional, não porque há um sentimento por ele. Se uma pessoa precisa superar o medo, ela pode buscar ajuda psicológica para superá-lo, mesmo no parceiro, mas não deve escolher o parceiro por esse motivo. Nesses casos, o que costuma acontecer é que a relação que existe entre os membros do casal é de dominação ou dependência psicológica. Numa relação de dominação, a pessoa dominada se sentirá escravizada na relação, visto que só recebe ordens do outro e não sentimentos, enquanto o outro, o dominador, também sofre porque, embora o seu egoísmo esteja satisfeito, a ausência de sentimentos da sua parte faz ele se sentir vazio e insatisfeito no relacionamento.

Fale agora da união por afinidade mental.

É a união que se verifica entre duas pessoas que partilham dos mesmos gostos, das mesmas inclinações, dos mesmos interesses. Por exemplo, pessoas que têm o mesmo nível social, o mesmo tipo de trabalho, nível intelectual parecido, as mesmas expectativas profissionais ou materiais, ou que se divertem com os mesmos passatempos, por exemplo, praticar esporte ou frequentar festas.

Mas haverá algo de errado em compartilhar gostos ou interesses? Acredito que isso é natural e desejável em um casal. Não há nada de errado em partilhar gostos ou interesses. O que dissemos aqui foi que a decisão de escolher um parceiro não deve ser tomada com base na afinidade mental, pois isso apenas une em nível mental, não em nível do sentimento.

Muitas pessoas estão convencidas de que o fato de ter gostos e interesses semelhantes está muito relacionado com a sua compatibilidade como casal e que, em função dessa compatibilidade, podem nascer os sentimentos. Por exemplo, as agências matrimoniais preparam testes de compatibilidade para tentar encontrar o par ideal para os seus clientes em função dos seus gostos, interesses e aspirações, com base na ideia de que isso aumenta as probabilidades de haver afinidade entre eles.

Será apenas uma afinidade mental, nunca sentimental. Os sentimentos não falam a linguagem das probabilidades nem obedecem a planificações. Têm de surgir espontaneamente mesmo que não se encaixem nos esquemas mentais que se pode ter do “par ideal”, que costumam ser estereótipos, como o rapaz alto, bonito e romântico para as mulheres ou a moça sexy, loira e apaixonada para os homens. Isso são apenas fantasias mentais que alimentam a imaginação e que pouco têm a ver com os sentimentos. Se os sentimentos funcionassem por probabilidades, nunca se uniriam almas afins, pois a probabilidade de essa união acontecer por acaso é muito baixa. Essas uniões por afinidade mental costumam ter uma fase de aparente bom funcionamento, mas produzem uma sensação de vazio interior de causa difícil de identificar, pois, observando do exterior, que mexe bastante com a mente, parece que se tem tudo o que se precisa na vida para ser feliz. No entanto, é preciso uma única coisa capaz de fazer alguém feliz, os sentimentos.

Falemos agora das pessoas que se unem pela necessidade de ser amadas.

Esta é uma razão bastante comum. Geralmente corresponde a pessoas que se sentem pouco queridas na vida ou com nostalgia de um amor que não conheceram nesta vida, mas que o seu íntimo intui já terem vivido (no seu passado anterior à vida atual). Têm uma necessidade de ser amadas tão grande que quando alguém se interessa por elas como parceiro se sentem tão agradecidas que aceitam essa relação sem levar em conta os seus próprios sentimentos. Costumam ser pessoas com baixa autoestima. Sentem-se pouco atraentes e acreditam que ninguém vai desejá-las. Não se julgam com o direito de ser felizes. Muitas dessas pessoas tiveram uma infância difícil, com enormes carências afetivas, desamparo ou situações de maus-tratos físicos ou psicológicos. Se essa pessoa não se libertou ainda por si mesma do ambiente familiar opressivo, pode utilizar a relação de casal como válvula de escape para se libertar dessa relação familiar intolerável.

Mas, por acaso haverá algum mal em sentir necessidade de ser amado? Acredito que é algo natural e inerente a todo ser humano e julgo que não haverá ninguém que não o deseja.

Não há nada de mau em desejar ser amado. Efetivamente é algo natural em todo espírito e é sintoma de que já tem certo nível de evolução, pois significa que já está consciente de que a chave da felicidade é relacionada com o amor. O problema é que se essa necessidade de ser amado for muito premente, pode provocar desespero e cegueira emocional, ansiedade para encontrar rapidamente alguém que preencha esse vazio, o que faz com que a pessoa se precipite na hora de escolher um par, pois certamente aceitará como parceiro qualquer pessoa que aparecer nesse momento e não somente a que desperta os seus sentimentos. O vazio afetivo provoca cegueira emocional, o que a impede de ver o parceiro tal e qual é. Mais precisamente, o

idealiza de acordo com as suas expectativas para então querê-lo. Essas pessoas também costumam viver relações de domínio ou de dependência. Muitas entram nesse tipo de ligação para fugir de uma relação familiar asfixiante. Quando se encontram com alguém autoritário e dominante, costumam ser submissas e permitem que o outro as domine e humilhe. A cegueira emocional, a falta de clareza e o desejo de escapar as levaram a optar pelo desconhecido com a confiança de que não podia ser pior do que se estava vivendo anteriormente. Só que resultou que o desconhecido acabou por ser igual ou pior do que tentavam deixar para trás. O desconhecimento de algo melhor faz com que, inclusive, aceitem essa situação como normal e acabam por adotar o mesmo papel de submissão que tinham na sua família, reproduzindo na sua vida de casal as mesmas situações de sofrimento da vida familiar. Às vezes escolhem já com certo conhecimento dos fatos, procurando o contrário do que se tinha, quer dizer, procuram pessoas carinhosas, pacíficas, tolerantes e de bom coração, com quem sabem que vão ser bem tratados. Nesses casos há uma relação mais do tipo paternal/filial ou maternal/filial, pois procuram receber do parceiro o carinho que não tiveram dos seus pais e, por isso, o cônjuge desempenha um papel mais de protetor do que de parceiro. A pessoa resgatada de uma relação familiar de sofrimento se sente agradecida e em dívida para com o protetor que a salvou da situação de sofrimento e procura compensá-lo de alguma forma, até ao ponto de se chegar a convencer de que esse sentimento de gratidão é amor de casal. Uma relação de dependência é gerada entre um e outro.

Neste último caso observo que pelo menos há um final feliz.

Há menos sofrimento, mas continua a não haver felicidade, porque não há correspondência de sentimentos, pois, pelo menos de uma das partes, apenas há gratidão e isso faz com que

nenhum dos dois seja feliz, um porque não ama e o outro porque não é amado.

Este último exemplo de relação de proteção se assemelha, então, à conveniência emocional, não?

Sim, porque em ambas as situações se procura um parceiro com determinado perfil psicológico, com a pequena diferença de que, na conveniência emocional, não existe necessidade de ser amado, enquanto neste caso é a necessidade de ser amado que motiva a busca de determinado perfil psicológico no parceiro.

Acredito que também há muitas pessoas que se unem a outras por medo da solidão. A pessoa que procura uma relação por medo da solidão se pode considerar que o faz por necessidade de ser amada ou será, em vez disso, por conveniência emocional?

Às vezes é por uma das razões e às vezes é pela outra. Há pessoas que têm medo da solidão e não é pela necessidade de se sentir amadas, mas sim por conveniência, porque precisam de alguém que satisfaça os seus desejos, que facilite ou torne mais cômoda a vida, principalmente quando se avança na idade, porque temem a velhice e a doença e não querem ficar desamparadas no fim da vida. Mas é verdade que, em alguns casos, o medo da solidão é uma manifestação da necessidade de ser amado.

Fale agora da união baseada na necessidade de amar.

De acordo. Este tipo de relação acontece quando um dos membros ou ambos já têm uma capacidade de amar bastante desenvolvida e precisam a manifestar para se sentir preenchidos e felizes. Costumam também ser pessoas que sentem nostalgia de ter amado intensamente em uma relação, não conhecida nesta vida, mas que o seu interior intui terem vivido (em outra vida). Quando essa necessidade de amar e de encontrar o ser amado se torna muito premente, pode acontecer, como no caso dos que precisam ser amados, que essa necessidade de sentir se

sobreponha aos seus próprios sentimentos e se escolha o parceiro não em função do sentimento que desperta em relação a ele, mas apenas pela simples necessidade de amar.

Mas haverá, por acaso, algo de errado em sentir necessidade de amar? Imagino eu que, se não houver necessidade de amar, não pode haver sentimentos, pois se não existisse essa necessidade, nunca haveria a procura de um parceiro. Parece uma contradição com a mensagem sobre desenvolver os sentimentos, não?

Como disse quando falamos das pessoas que precisam ser amadas, não há nada de errado em sentir necessidade de amar. Como você disse, a necessidade de amar está ligada à capacidade de amar. As pessoas que têm uma grande capacidade de amar podem gostar de muitas pessoas, mas isso não significa que possam se apaixonar por qualquer uma, pois o sentimento de amor de casal não desperta por qualquer um. O problema surge quando, pela necessidade de sentir, alguém se obriga a sentir o que não sente, quer dizer, força os sentimentos, e nas relações de amor os sentimentos não podem ser forçados, devem surgir espontaneamente. Forçar os sentimentos é muito diferente de desenvolver os sentimentos e o que estamos dizendo aqui é que forçá-los não é bom, basicamente porque isso gera sofrimento em vez de felicidade. A pessoa que se vê dominada pela necessidade de amar também sofre de cegueira emocional, que a impede de distinguir o amor da necessidade de amar. Quer dizer, convence-se de que está apaixonada quando na realidade se esforça para sentir o amor. Além disso, não costuma reparar se é ou não correspondida nos seus supostos sentimentos de amor. Simplesmente se convence de que é ou que, se não é no momento, será correspondido se entregando totalmente à outra pessoa, quer dizer, a outra pessoa não poderá resistir ao seu fluxo de sentimentos e acabará se apaixonando por ela.

Mas eu tinha percebido que amar é dar sem esperar nada em troca. Parece, então, que o amor de casal é uma exceção, porque deve haver algo em troca e é que o outro corresponda.

Continua a ser verdadeiro que aquele que ama verdadeiramente o faz sem esperar nada em troca, pois não pode exigir ser correspondido nos sentimentos pela pessoa que ama ou, no caso de ser correspondido, não pode obrigar o outro a reconhecer os seus sentimentos ou que aceite formar casal com ele se essa não for a sua vontade. Quer dizer, deve respeitar a vontade e a liberdade do outro e estar disposto a receber um “não” como resposta, apesar de ter entregado o seu coração. Porém, sim, é certo que no caso de relação de casal, para se chegar a ser feliz, é necessário que o amor seja correspondido, mútuo. Amar sem ser correspondido não permite a nenhuma das pessoas ser feliz.

Você descreveu aqui diferentes motivações, distintas dos sentimentos, que podem estar na origem de uma união de casal. Falou da atração física, da conveniência material e da conveniência emocional, da afinidade mental, da necessidade de ser amado e da necessidade de amar. Essas motivações ocorrem de forma independente ou podem andar juntas? Quero dizer, se uma pessoa pode se sentir atraída fisicamente por outra ao mesmo tempo que sente a necessidade de ser amada, por exemplo.

Sim, claro. De fato, quase sempre costuma haver uma mistura de motivações. A atração física costuma vir combinada com quase todas as restantes, pois o instinto biológico sexual existe em todo ser humano, ainda que às vezes também possa estar ausente. Na realidade, de acordo com a capacidade de amar do espírito, predomina um tipo de motivação ou outra. Em espíritos menos avançados, que ainda conhecem e valorizam pouco o amor, qualquer combinação dos quatro primeiros é mais comumente dada: atração física, conveniências materiais, emocionais e afinidade mental. Nos espíritos mais

avançados acontecem mais habitualmente combinações da atração física com a necessidade de ser amado e de amar. E, em uma etapa intermediária, podem ocorrer combinações entre atração física, conveniência emocional, afinidade mental e necessidade de ser amado. Também acontece às vezes de essas motivações não serem simultâneas, mas aparecerem em momentos distintos da relação. Por exemplo, uma relação pode começar pela atração física e, quando esta desaparece, outros tipos de razões vêm à tona para prolongá-la, como conveniência material ou emocional.

Isso ainda complica mais as coisas. Acredito que não deve ser fácil, no momento de analisar o que se sente, saber distinguir os sentimentos de todo o resto. Por exemplo, quando existe uma mistura de atração sexual, necessidade de amar e necessidade de ser amado, entendo que deve ser difícil saber o que é amor e separá-lo do que são as necessidades e os desejos.

No seu mundo é difícil para a imensa maioria das pessoas, porque para vocês ainda falta clareza e constância nos sentimentos. É precisamente para isso que existe o processo de evolução, para aprender por meio do que se viveu a saber distinguir entre o que é verdadeiro e o que não é.

Parece a mim, também, que nem todos os amores são iguais. Digo isso porque há pessoas que dizem ter muito carinho pelo seu parceiro, que se dão muito bem, mas que não sentem necessidade de ter relações sexuais com ele. O que se passa nesses casos?

Essa pessoa sente um amor fraternal pelo seu cônjuge, como o que se pode sentir por um irmão ou um amigo, mas não está apaixonada por ele. Não é um amor de casal. Está confundindo uns sentimentos com outros.

E como se consegue saber se o amor que se sente é ou não amor de casal?

Aquele que tem a sensação de que lhe falta alguma coisa na sua relação para se sentir completamente preenchido, mesmo quando não há disputas nem conflitos, sabe que ainda não encontrou o amor verdadeiro. Quando não se está unido à alma afim, não há uma ligação completa no casal. A falta de afinidade se manifesta em todos os planos, no sentimental, no mental e na sexualidade, e isso provoca um vazio interior que nada consegue preencher. Quem experimentou nesta vida o amor de alma afim sabe distingui-lo muito bem, pois basta a lembrança do ser amado para vibrar por dentro e sentir-se preenchido. Aquele que ainda não viveu nesta vida o sentimento que desperta quando se reconhece a sua alma afim pode ter mais dúvidas. Terá que confiar no que intui espiritualmente pois, apesar de ainda não o ter vivido nesta vida, os sentimentos entre almas afins jamais são destruídos e perduram no espírito para sempre, deixando uma sensação indelével, mesmo que, ao encarnar de novo, a memória das recordações do passado se perca temporariamente. Essa intuição sentimental é a que lhe permite distinguir entre o amor verdadeiro e o que não é.

Desculpe que insista, mas como se pode distinguir entre um amor fraternal e um amor de alma gêmea? Por acaso não é possível alguém se sentir realizado amando os irmãos ou os filhos?

Aquele que vê o seu par como um irmão e não como parceiro bem sabe que não se trata de amor de casal. Quero dizer que, se alguém tem carinho pelo seu parceiro igual ao que tem por um filho ou um irmão, e não sente desejo sexual por ele, ou quando tem relações sexuais com ele experimenta um vazio ou não consegue entregar-se nessa relação, podendo bem prescindir dela, o amor que sente é do tipo fraternal.

E o que acontece se alguém descobre que ama o seu parceiro fraternalmente e não como casal? Deve continuar ou não com essa relação?

Se quer ser feliz deverá ser sincero consigo e com o seu cônjuge a respeito do que são e não são os seus sentimentos e agir conseqüentemente. Não faz sentido prolongar uma relação de casal quando um dos dois sabe que não está apaixonado, porque nem é feliz nem pode fazer o outro feliz. Por exemplo, manter relações sexuais sem desejar será motivo de sofrimento para um e de insatisfação para o outro. Se, para evitar essa situação desagradável, deixam de as ter, em que se distingue isso de uma relação fraternal? Quer dizer, essa pessoa gosta do seu parceiro como de um irmão e vive a relação como a viveria com um irmão. Não faz sentido manter a relação como casal, pois também não se vive uma relação de casal com um irmão.

Haverá pessoas que dizem gostar do parceiro como de um irmão e serem felizes, porque isso é melhor do que nada. Quer dizer que se conformam com o que têm. Estão agindo corretamente ou não?

Falar aqui de certo ou errado não faz sentido. Será melhor falar de ser ou não verdadeiramente feliz. Há pessoas que se conformam com essa situação e se autoconvencem de que são felizes assim, mas é uma autoilusão, porque não corresponde à verdade.

Há pessoas a quem custa dar o passo da separação pelo fato de terem sentimentos contraditórios porque, ainda que reconhecendo que não estão apaixonados pelo seu parceiro, continuam a ter por ele grande afeto e não querem perder esse vínculo afetivo. O que lhes diria?

Reconhecer que não sentimos amor de casal pelo cônjuge não quer dizer necessariamente que tenhamos de lhe ter aversão ou que tenhamos que o afastar totalmente da nossa vida.

Simplesmente devemos reconhecer o tipo de sentimento que temos por alguém e agir de modo que a nossa vida se ajuste ao tipo de sentimento que temos. Se existir um sentimento de amizade, essa amizade pode continuar sem que isso obrigue a manter a relação de casal. Se não admitirmos essas circunstâncias, chegaremos ao ponto de sentir rejeição por essa pessoa pelo fato de nos obrigarmos a viver uma relação que não está em consonância com o nosso sentimento em relação a ela.

Muitas pessoas reconhecem que não estão apaixonadas. Dizem que se fosse apenas por elas dariam o passo de se separarem, mas, como não querem prejudicar o outro, preferem continuar na relação. O que você me diz a esse respeito?

Que o dano é causado pelo prolongamento do relacionamento, pois, se não amam, não podem fazer o outro feliz. Prolongando a relação se impedem de encontrar um parceiro que lhes corresponda nos sentimentos, além de que o estão enganando fazendo acreditar que o amam como parceiro quando, na realidade, isso não é verdade. O prolongamento da relação nessas circunstâncias é mais prejudicial do que o término, pois não existem laços afetivos. Será uma união fictícia, de aparência, uma relação forçada que causará sofrimento em ambos.

Há pessoas que, se o seu parceiro não estiver de acordo em terminar a relação, julgam que devem mantê-la porque consideram que, como é um assunto de casal, devem estar ambos de acordo quanto à decisão a ser tomada. Estão certos?

Não. Basta que um dos membros do casal não deseje manter a relação para a terminar. Não importa se o cônjuge não está de acordo com essa decisão. Ninguém, nem o cônjuge, tem o direito a exigir a sua continuação, pois seria desrespeitar o seu livre-arbítrio pessoal. Muitas vezes, esse argumento não passa de uma desculpa que reflete a falta de coragem necessária para

abandonar a relação, ficando à espera que o outro dê o passo que ele não se atreve a dar.

Mas, não acontece frequentemente que, quando uma pessoa explica ao seu parceiro que não está apaixonada e que pretende deixar a relação, é o próprio parceiro que não aceita isso e insiste em continuar a relação apesar de tudo?

É verdade, porque se recusam a admitir a realidade. Estão acomodados, habituados a essa relação e têm medo das mudanças que irão ocorrer nas suas vidas. Preferem o mau que já conhecem ao bom por conhecer. Nisso influi muito a educação que se recebeu, que, se for do tipo tradicional, considera que os termos de casal, principalmente se houver pelo meio um contrato de casamento, são algo vergonhoso para a reputação de uma pessoa. Também influi o apego ou amor possessivo, esse ego-sentimento que simula amor, que faz com que a pessoa que dele sofre tenha tendência para considerar o parceiro sua propriedade e ficar muito ofendida por perdê-la. Apesar de não estar feliz, a pessoa pode ter ficado satisfeita com suas afirmações e não está disposta a desistir do que estava acostumada e que acredita pertencer a ela. Lamentavelmente, por causa do apego, há pouquíssima gente disposta a admitir uma mudança de situação sentimental. Quer dizer, não toleram passar de parceiro a amigo e interpretam como rejeição ou desprezo essa alteração de estatuto. Como não respeitam a vontade do outro, em certos casos tentam forçar a continuidade da relação utilizando como armas a vitimização, a persuasão, a chantagem e, inclusive, a agressão, causando ao seu, agora ex-parceiro, um grande sofrimento emocional e/ou físico que reflete o pouco amor que sentiam por ele. O ex-parceiro, muitas vezes, se vê forçado a evitar qualquer tipo de contato para não ser agredido psíquica ou fisicamente, até ao ponto de desejar jamais se encontrar com alguém de quem já foi par.

O que você fala traz à tona outra situação muito comum, a da pessoa que não ousa sair do relacionamento pelo medo da reação violenta do seu parceiro. Inclusive, há pessoas que chegam a temer pela própria vida se terminarem uma relação.

Sim. Lamentavelmente, no seu mundo há pouco respeito pela liberdade de sentimento e isso faz com que muitas relações não sejam de amor, mas sim de domínio e submissão, porque convivem como casal, carrasco e vítima. Nesses casos, a vítima da situação de dominação o que sente pelo seu aparente parceiro é temor e não amor. Esse temor a paralisa na hora de se decidir a deixar a relação porque sabe que, quando der esse passo, será implacavelmente perseguida. Além disso, muitas vezes o abusador manipula psicologicamente a sua vítima fazendo-a acreditar que ainda a quer, com o que se consegue que, algumas mulheres, ainda se sintam culpadas se abandonarem a relação.

O aumento de número de casos de violência de gênero tem a ver com um aumento da agressividade das pessoas em um relacionamento, neste caso, dos homens em relação às mulheres?

Não. Antigamente a violência e a agressividade existiam em igual medida ou ainda mais que agora, mas como o marido se sentia mais protegido pela lei e pelas normas sociais para dominar a mulher, esta não se atrevia a remar contra a corrente de submissão. Agora surgem mais casos de violência de gênero porque há mais mulheres valentes que se atrevem a se libertar dos seus abusadores, principalmente nos países onde existe uma legislação que as protege e uma maior consciência social de que o abuso e os maus-tratos são intoleráveis. O abusador, diante da impossibilidade de continuar a dominar a sua vítima, recorre a ações mais drásticas para a reter, inclusive chegar ao assassinato.

Compreendo que há mulheres que, pelo temor de serem assassinadas pelos seus maridos ou parceiros, decidem não abandonar a relação. O que devem fazer perante essa situação?

Se continuam nessa relação já estão mortas em vida porque, para o interior, viver assim é pior do que morrer. É melhor lutar por ser livre, para ser feliz, mesmo que se perca a vida na tentativa do que perder toda uma vida submetida à tirania de um abusador. Todo mundo tem direito a ser livre e feliz e ninguém tem mais direito do que a própria pessoa de tomar decisões a respeito da sua vida e dos seus sentimentos.

Espiritualmente, o que é que se pode aprender dessa situação de maus-tratos?

Esse tipo de provas, ainda que sejam muito dolorosas, ajuda o espírito a adquirir firmeza e a dar valor à importância de lutar pela sua liberdade de sentimento e a tomar consciência de que ninguém deve ser impedido do seu direito à liberdade de sentimento, porque é uma das causas que provocam maior sofrimento e infelicidade no ser humano.

Há pessoas que argumentam que, apesar de não estarem apaixonadas, não se separam porque o seu parceiro nunca lhes deu motivos para tal, pois têm uma relação cordial, nunca tiveram discussões nem houve maus-tratos. O que lhes diria?

Às vezes se pensa que tem de haver um motivo desagradável que justifique a separação do casal, por exemplo, que haja maus-tratos físicos ou psíquicos, ou que algum dos cônjuges tenha algum tipo de vício (drogas, álcool ou jogo) que impossibilite uma convivência normal. As pessoas que partilham dessa opinião, ou seja, que se não houver maus-tratos não encontram justificativa para deixar a relação, costumam ser as que receberam uma educação tradicional religiosa, pois, ao que parece, os maus-tratos são, neste tipo de formação, o único caso em que se tolera relativamente uma separação dos cônjuges,

pois se sentem obrigados a que essa relação dure a vida inteira, independente de haver ou não sentimentos de casal entre eles. Todavia, isso não deve ser assim. A única coisa que é necessária para deixar um relacionamento é que não haja sentimento mútuo de casal.

Acredito que essa afirmação pode surpreender algumas pessoas, que pensam que terminar a relação matrimonial contraria alguma lei divina. Não é verdade que a maioria das religiões monoteístas, a católica incluída, é contrária ao divórcio?

Muitas religiões são contrárias ao divórcio, mas lhe digo já que obrigar uma pessoa a manter uma relação contra a sua vontade, contraria sim uma lei espiritual, que é a lei do livre-arbítrio. Sentimos uma grande tristeza ao comprovar quanta gente vazia por falta de amor há que, mesmo assim, obriga-se a manter um casamento sem sentimento, seja por temor, por comodidade ou porque julgam que, divorciando-se, estão a cometer um pecado aos olhos de Deus por contrariar uma lei religiosa de indissolubilidade do casamento. Muitas pessoas foram levadas a acreditar que é Deus quem pede ao ser humano que seu casamento seja para a vida toda, de forma que a pessoa acredita que com o sofrimento gerado pela relação sem amor está "ganhando o céu". Porém, isso não é verdade. Não se verifica nenhum avanço espiritual na pessoa que renuncia a viver de acordo com os seus sentimentos porque não é Deus quem lhe impõe isso, mas sim ela mesma ou são as normas sociais ou religiosas que pratica que a obrigam. Tem de ficar claro que não é Deus nem a espiritualidade superior quem exige isso, mas são as leis dos homens impregnados de egoísmo que negociam com tudo, até com os sentimentos.

Então, se não é de Deus, de onde vem a ideia da indissolubilidade do matrimônio?

Na sua mentalidade egoísta e mercantilista, vocês colocam um preço em tudo e estabelecem títulos de propriedade sobre tudo o que existe, dão mais valor a eles do que a suas próprias vidas, porque não se importam em matar ou morrer por eles. Vocês pressupõem que tudo é suscetível de ser comprado e vendido e que, se não fosse pelo fato de estar além do seu controle, aproveitariam até mesmo o ar que respiram ou mesmo os raios de sol para vendê-los no preço do ouro para aqueles que têm menos poder ou ambição de dizer "isto é meu". Da mesma maneira, julgam que as pessoas, a sua vontade e os seus sentimentos podem ser comprados. Julgam que com o contrato que assinam, o qual chamam de casamento, realizam uma transação comercial qualquer, em que uns pensam que estão comprando a vontade e os sentimentos de uma pessoa e os outros se convencem de que ficam obrigados, pelo contrato, a ceder a sua vontade ao cônjuge, a sua capacidade de decisão, a sua liberdade e os seus sentimentos. Para o cúmulo do absurdo, vocês fizeram acreditar que o notário desse contrato é Deus e se convenceram de que tal contrato tem que ser cumprido a toda força, passando por cima da felicidade, quer da própria pessoa, quer da dos outros, pois, do contrário, serão despojados de todos os "bens" na outra vida, tal como aquele a quem confiscam as suas propriedades quando não pode pagar um empréstimo bancário. Fique sabendo que tudo isso é uma grande mentira inventada pelo egoísmo humano. Deus deu para vocês a liberdade completa a respeito da vossa pessoa, dos vossos sentimentos e dos vossos pensamentos e que vocês não transgridam nenhuma lei divina ao lutar pela liberdade de sentir e pensar. Ninguém lhes pode despojar do direito de ser livres, de decidir a respeito da sua própria vida e dos seus sentimentos, de nenhuma forma e sob nenhuma circunstância e, ainda menos, em nome de Deus.

Alguém poderá considerar tudo isso como uma incitação à ruptura do casamento.

Mesmo que não queiram admitir, uma união de casal que não é baseada em sentimentos recíprocos na realidade não existe. Ainda que se possam cumprir os contratos assinados durante toda uma vida, e se queira transmitir, perante os outros, uma imagem de união, será apenas uma união aparente, uma fachada, pois cada um no seu íntimo conhece bem a realidade e, mesmo que tente disfarçar em público, será infeliz, pois viverá na amargura, no vazio e na tristeza de se sentir encurralado na sua própria vida. Se, além disso, impõe a si o objetivo de dissimular para que não transpareça nada, viverá esse sofrimento em solidão, tornando a situação ainda mais dolorosa.

Parece a mim que você acha muito importante enfatizar que as pessoas têm direito a se separar ou divorciar, se assim o desejarem, sem que isso implique uma ofensa a Deus.

Porque é uma das causas principais de profunda infelicidade em muitos seres humanos e isso tem de começar a mudar, para que cada pessoa saiba que tem direito a ser feliz e que não há nenhuma lei divina que a impeça disso. Muito pelo contrário, o mundo espiritual quer a felicidade de todos os seres existentes e tenta fazer todo o possível para ajudar a descobrir o caminho da felicidade. Quer ajudar a eliminar os obstáculos que se encontram nesse caminho e as leis do seu mundo são como um pedregulho gigantesco que bloqueia o caminho da felicidade. Além disso, vocês impuseram a crença de que esse pedregulho foi atirado por Deus, isso não pode ser tolerado por muito mais tempo.

Quer dizer, então, que as pessoas não deveriam se casar para regularizar as relações de casal?

Do ponto de vista espiritual, apenas o amor mútuo entre duas pessoas é que define uma união de casal verdadeira, sem que

tenha qualquer relevância existir ou não um contrato de casamento celebrado. No seu mundo material, muitas vezes é preciso efetuar contratos para proteger o cônjuge dos descendentes da família, por exemplo, para que, no caso de um dos cônjuges morrer, a outra pessoa poder ter direito a uma pensão ou para que outros familiares não possam se apoderar da moradia do cônjuge do falecido, isso compreende-se. Mas, fique sabendo que isso apenas tem validade material e não se deve atribuir mais valor do que tem. Quer dizer, não se deve utilizar o vínculo do casamento como argumento para limitar a liberdade de uma pessoa nem, em última instância, para retê-la ou chantageá-la se ela decidir deixar o relacionamento, pois isso é considerado do ponto de vista espiritual um ato contra a lei do livre-arbítrio.

Regressemos ao tema dos motivos que fazem com que um casal continue a sua relação, apesar de não estarem apaixonados. Há pessoas que temem o desamparo material se deixarem o parceiro e permanecem com ele porque isso lhes garante casa e sustento. O que diria sobre esses casos?

São um reflexo de que na realidade é uma união em que predomina a conveniência material. Se de início não foi a razão principal da união, é então para o seu prolongamento. Essas pessoas terão de decidir a que atribuem mais valor, se à sua liberdade de sentimento ou à segurança e comodidade. Se preferem continuar a relação por esses motivos, certamente não lhes faltará nada materialmente, mas lhes faltará tudo emocionalmente, pois vivem sem amar. Se são pessoas materialistas que valorizam pouco os sentimentos, escolherão continuar a relação. Se são pessoas que, acima de tudo, desejam ser felizes, vencerão os seus temores e, ainda que tenham que começar do zero materialmente falando, farão isso com gosto, porque terão recuperado a sua liberdade de sentimento.

Outro dos argumentos de muita gente que tem filhos, fruto dessa relação de casal, é que não se separam para protegê-los. Dizem que preferem aguentar, pelo menos, até que os filhos atinjam a maioridade. Consideram que estão agindo corretamente, por amor aos filhos, pois antepõem a felicidade dos filhos à sua própria. Consideram que uma ruptura do casal ou do casamento pode causar um forte trauma emocional aos filhos e preferem evitá-lo. Estão agindo corretamente?

Não, não está correto. Chegam a uma conclusão errada porque, quando alguém se divorcia, não se divorcia dos filhos, mas sim do seu parceiro. Se ambos os pais gostam dos filhos vão continuar a gostar deles, mesmo que não vivam juntos. Esse argumento do “aguentar pelos filhos” é muito frequente entre as pessoas que receberam uma educação religiosa tradicional, pois nela coloca-se a unidade familiar acima da felicidade pessoal. Com mais frequência acontece o inverso, que o prolongamento dessa relação provoque sofrimento aos filhos, pois, quando duas pessoas não se gostam e se obrigam a viver juntas, geram um ambiente emocionalmente negativo para os filhos, já que a infelicidade em que vivem se propaga à sua volta. Muitas vezes, os filhos presenciam as desavenças e discussões entre os pais, percebem o seu mal-estar e o seu sofrimento e isso lhes provoca sofrimento emocional. Há filhos que crescem com o sentimento de que são eles os culpados da infelicidade dos seus pais porque alguns pais lhes dizem que, se não fosse por eles, já teriam se divorciado. Ou seja, culpam os filhos da sua própria covardia.

Porém, para a criança, a ruptura da relação dos pais é uma alteração radical na sua vida. Não é verdade que muitas crianças vivem a separação dos pais de maneira traumática?

Quando a criança é pequena, a ruptura em si mesma não provoca nenhuma espécie de trauma emocional, pois ela ainda não tem os conhecimentos suficientes para que os condicionamentos da educação se abatam sobre si. As alterações que se vierem a

produzir na sua vida terão a participação de ambos os pais, que continuarão a manifestar o amor que sentem por ela, ainda que seja em separado, ela as viverá como um jogo. O que mais faz sofrer as crianças pequenas é ser utilizadas como armas de arremesso nas disputas conjugais por causa da separação e o fato de assistirem a disputas, discussões e chantagens entre os cônjuges. Portanto, se isso for evitado pelos pais, conseguirão evitar o trauma aos filhos motivado pela separação.

E o que é que acontece com os filhos mais crescidos? Muitos deles já têm conhecimento do que se passa e aceitam mal essas alterações na sua vida.

Muitas vezes, a separação consoma-se depois de anos aguentando uma situação ruim. Consciente ou inconscientemente, a mensagem que foi transmitida aos filhos durante esse tempo era de que, acima da felicidade pessoal está a união da família. Portanto, os filhos tendem a interpretar o que se passa desse ponto de vista. Por isso, percebem o término como algo negativo, porque o encaram como o contrário daquilo que até então tinham acreditado que seria o correto e que estava bem. Para eles poderem aceitar o que estão vivendo seria necessário desprogramá-los da educação que receberam e fazê-los compreender, então, que a liberdade de sentimento e a felicidade pessoal estão acima de tudo e que ninguém deve renunciar a elas sob nenhum pretexto.

Acredito que é muito difícil para que uma criança, quase adolescente, aceite tudo isso da noite para o dia, quando acaba de viver toda uma infância educada por outras normas, também instiladas pelos seus próprios pais. Certamente pensará que o pai ou a mãe enlouqueceram.

Isso depende da evolução que essa criança já apresenta. Há filhos mais compreensivos que outros. Às vezes são os próprios filhos que aconselham e ajudam os pais a dar esse passo, porque

estão mesmo mais conscientes da realidade do que os próprios pais. Quem estiver mais avançado na evolução será quem mais compreensão mostrará e melhor aceitará a situação, porque acima da educação recebida está o seu nível evolutivo, permitindo-lhe compreender a situação. Contudo, ainda que lhe custe aceitar isso de momento, irá apreciá-lo no futuro quando for mais velho e se vier a se encontrar em situação semelhante. Quero dizer que, se chegar a ter uma relação de casal e se der conta de que não está apaixonado, e tiver de decidir continuar ou terminar a relação, verá claramente que por nada do mundo se deve forçar a continuá-la. Terá como exemplo os seus próprios pais, comprovando que não há nada de mau em ser livre. Mostrará mais segurança e coragem e se sentirá menos culpado na hora de terminar uma relação em que não é feliz. No entanto, se teve o exemplo oposto, quer dizer, se os pais se obrigaram a continuar o convívio contra os seus sentimentos, ele mesmo pode tomar isso como exemplo e repetir a mesma vida infeliz que os seus pais tiveram.

Resumindo tudo o que discutimos até agora, isso me dá a sensação de que se transmite a mensagem de que o amor de um casal é um amor de maior importância do que o fraterno ou o filial. Não é egoísmo fazer uma distinção entre o amor de casal e o amor fraternal ou filial? Essa distinção não é contrariada pelo conceito de amor incondicional?

Em que você se baseia para dizer isso?

Suponho que no exemplo que Jesus deu. Ele não fez quaisquer referências especiais ao amor de casal, ou fez?

Isso você não pode saber, porque você se baseia na informação dos evangelhos canônicos, que refletem muito pouco do que ele realmente disse. Porém, eu lhe digo que Ele também falou do amor de casal, principalmente aos mais chegados, que tinham mais capacidade para entender. Transmitiu-lhes o ensinamento

de que apenas o amor mútuo e completamente afim é o vínculo que deve unir os casais e que a decisão de união e separação de um casal deve ser tomada por cada uma das partes em total liberdade. Isso que acaba de ser dito não parece nada de outro mundo, pois é razoável a qualquer mentalidade medianamente sensata. Porém, naquele tempo, a mentalidade do ser humano era mais pobre em entendimento e, praticamente, nula em relação à liberdade de sentimentos. A poligamia era frequente e a maioria das uniões eram sem amor, casamentos combinados em que se obrigava um dos cônjuges ou ambos a contrair casamento sem levar em consideração a sua vontade.

Creio que, hoje em dia, muita gente está consciente de que os casamentos combinados são um abuso e se manifestam contra essa prática.

Pode parecer óbvio nas sociedades do Ocidente que, com uma legislação mais avançada, acolhe e protege alguns dos direitos e liberdades individuais. Porém, hoje em dia, essa prática é ainda comum em muitos países onde as leis, muitas vezes instauradas e aplicadas por líderes de regimes de caráter “religioso”, permitem que, “em nome de Deus”, até meninas sejam casadas com adultos, dando cobertura legal a abusos sexuais, à exploração moral e física de meninas e mulheres. Elas são levadas a acreditar que, se não se submeterem a essas práticas abusivas, são pessoas sujas, impuras e que desobedecem aos desígnios de Deus. E quando, apesar de tudo, tentam se libertar da sua condição desumana são tratadas como se fossem criminosas, chegando a ser torturadas e assassinadas cruelmente. O casamento combinado deve ser considerado como uma forma de prostituição institucionalizada, visto que se está obrigando uma pessoa a conviver e a manter relações sexuais com alguém que ela não escolheu, sob uma aparência de “honestidade”, e isso é uma violação muito grave do seu livre-arbítrio, particularmente da sua liberdade de sentimento.

Bem, na atualidade, acredito que a maioria das pessoas sabem que são livres, pelo menos nos países ocidentais, e que o conjunto da legislação protege a sua liberdade individual, punindo os que impedem o seu exercício e contemplando o direito ao divórcio, não é verdade?

É verdade. E isso representa um enorme avanço espiritual conseguido à custa de enormes sacrifícios e lutas que, infelizmente, apenas contaram com oposição por parte das autoridades religiosas que, novamente, em vez de contribuírem para o progresso espiritual da humanidade, fizeram todo o possível para o impedir e dificultar. Ainda mais lamentável é que o fizeram utilizando o nome de Deus. Mas os costumes e normas religiosas estão muito enraizados nas sociedades, às vezes, ainda que não tendo poder para proibir algo, têm poder para influenciar psicologicamente. Fique sabendo que, apesar de no seu tempo e na sua sociedade se celebrarem poucos casamentos combinados, continua a haver muitas uniões sem amor. E acontece que quando uma pessoa percebe isso e pretende desfazer essa união, encontra muitas dificuldades por culpa dessas normas religiosas, como anteriormente mencionamos.

Voltemos ao tópico em que estávamos, sobre se o amor de um casal é egoísta e se contradiz a obtenção do amor incondicional. Se não é um ensinamento de Jesus, pelo menos a Igreja interpretou dessa forma. Julgo que se baseiam numa passagem do Evangelho (Lucas 14,26) em que supostamente Jesus disse "Se alguém vem a Mim e ama seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos e irmãs e até sua própria vida mais do que a Mim, não pode ser Meu discípulo". Julgo que a interpretação que a Igreja faz desse texto é que, para amar incondicionalmente o próximo, não pode haver concorrência entre o parceiro, a família e o resto, porque isso implica ficar preso pelo amor ao parceiro e aos filhos e impede uma dedicação ao próximo mais profunda.

Creio que a Igreja Católica exige aos sacerdotes o voto de castidade e o celibato por esse motivo. Estou enganado?

Esse texto que mencionou é uma tradução infeliz do que Jesus disse realmente. Mude o conceito “amar” por “desapegar-se” e entenderá o que Ele queria dizer. Quer dizer que para atingir o amor incondicional (segui-lo) é necessário vencer o apego, o amor possessivo, muito comum dentro das famílias porque, frequentemente, essa forma egoísta de querer restringe a liberdade do ser humano, limita-o muito na hora de se entregar a uma missão de amor incondicional ao próximo, portanto, a interpretação que se faz do que Jesus disse é totalmente contrária à realidade. Digo que quem não experimentou o amor de casal não pode experimentar o amor incondicional ao próximo. Os sentimentos de amor de casal, quando se luta por eles, são o mais forte que existe. Esses sentimentos são os que ajudam a seguir adiante na vida. Para desempenhar uma missão de entrega aos outros como a que Jesus desempenhou, precisava de força interior. Ele tinha essa força interior porque estava seguro do que amava, quem amava e porque amava. Digo que todos os verdadeiros enviados do mundo espiritual sentiram e viveram o amor da alma afim e que desse amor se alimentaram para desempenhar a tarefa que realizaram. Quando se negam esses sentimentos, o que acontece é que essa alma se sente totalmente vazia e desprovida de coragem e força diante das adversidades que uma missão desse tipo implica, você desaba.

Eu pensava que esses seres se alimentavam do amor a Deus e que isso lhes bastava.

A sua fé em Deus lhes dá forças, porém, o ser na etapa humana de evolução necessita do amor de um ser igual a si e esse ser é a alma afim. Por que rejeitar algo que traz felicidade e enche o ser humano em todos os aspectos? Onde está o problema? Digo-lhe que renunciar ao amor de casal, longe de permitir evoluir, detém o espírito no seu processo de evolução. Os prejuízos que

se têm por causa disso, quero dizer, ao pensar que renunciando ao amor de casal alguém se torna mais evoluído e com maior capacidade para amar o próximo, é uma invenção da Igreja para subjugar a vontade do ser humano e é contrária às leis espirituais, porque limita a liberdade de sentimento e impede o ser humano de alcançar a felicidade.

Porém, não é verdade que, às vezes, o parceiro pode ser um obstáculo numa tarefa intensa de ajuda ao próximo?

Não é o fato de ter um parceiro em si que dificulta essa tarefa, mas sim quando, por causa do apego, um dos membros do casal acredita ter direito de limitar a liberdade do outro e o prende porque o julga propriedade sua e vê os outros como concorrentes que lhe roubam a sua atenção. Isso acontece com frequência quando alguém se une a um parceiro que não lhe é afim. Da falta de afinidade surge a incompreensão e a divergência de motivações na vida. Também pode acontecer no seio de um casal composto por almas afins, interpondo-se ego-sentimentos, principalmente o apego, mas também outros, como o medo. Geralmente, trata-se do receio de que o ser amado venha a sofrer, ou mesmo o medo de o perder, caso se entregue a uma missão que o coloque em perigo. Quando o parceiro é afim e foram vencidos os medos e outras manifestações do egoísmo, isso não representa nenhum obstáculo, precisamente o contrário! Se coincidiu encarnarem juntos, ambos se empenham na missão com a mesma intensidade. Isso faz com que a missão seja muito mais intensa, pois o amor mútuo fortalece, reconforta e adoça todas as amarguras do caminho que escolheram viver.

Todavia, segundo parece, Jesus não teve na vida nenhuma parceira e isso não o impediu de amar o próximo e de levar a cabo a sua missão, pois não?

Já falamos disso anteriormente. Jesus é como todos. Também tem a Sua alma afim, mas não encarnou simultaneamente com

Ele, o que não quer dizer que não mantivesse contato com ela. Para os seres do nível evolutivo de Jesus, o fato de o ser amado não ter encarnado simultaneamente não representa nenhum obstáculo insolúvel pois, devido à sua capacidade e sensibilidade, têm relativa facilidade em se desligarem do plano material e poderem assim contatar com os seus entes afins no plano espiritual.

Então não é egoísmo gostar mais de umas pessoas do que de outras?

Você chama de egoísmo o que são simplesmente diferenças de afinidade. É sempre mais fácil amar alguém que é parente do que alguém que não é. Somente quando o espírito está muito avançado é que ele é capaz de amar com a mesma intensidade os seres com os quais tem diferenças de afinidade. Digo-lhe que para experimentar o amor ao próximo incondicionalmente é necessário primeiro ter vivido o amor da alma afim, porque esse amor é a força que o alimenta para amar os outros. Portanto, quem quer amar incondicionalmente o próximo, mas reprime ou anula o amor do casal, nunca poderá alcançar o amor verdadeiro ao próximo porque, sem a fonte da qual se alimenta o seu interior, rapidamente se esvaziará dando amor aos outros quando eles começarem a se dar os primeiros sinais de ingratidão. Para chegar à décima série, você tem que começar na primeira e passar pelas séries intermediárias. Mas parece que você pensa que já atingiu dez sem ter certeza de qual é, quero dizer que se você ainda nega o amor àqueles que estão relacionados a si, como acontece com a alma afim, como você quer amar os que não são?

Contudo, não é tão fácil assim, acertar e dar logo com o verdadeiro amor, de primeira.

Com a maior razão, porque não é fácil acertar, vocês deveriam se permitir o poder de recuar uma vez que percebem que não

estão apaixonados. O que é realmente triste não é que se façam uniões sem amor, mas sim que vocês se esforcem tanto em prolongá-las à força, colocando correntes terrenas que impedem que se livrem delas uma vez que se conscientizam de que não existe amor.

Acredito que os jovens têm mais clara a noção de que são livres para decidir com quem querem ou não querem estar e não têm tantas dúvidas em deixar uma relação se não desejarem continuá-la.

Sim, é verdade. A juventude tem mais liberdade agora, principalmente nos países ocidentais, porque não viveram uma educação tão repressiva. Sobretudo gozam de maior liberdade na sexualidade e sabem que o fato de manter relações sexuais com uma pessoa não obriga a ficar com ela para toda a vida. Isso é algo bom. O problema da juventude não é acabar as relações quando desejam, mas sim saber como encontrar o verdadeiro amor, porque na maioria das vezes se unem por motivos diferentes do amor. Apesar de terem mais liberdade na vida, não a estão aproveitando para desenvolver os sentimentos.

E por quais motivos se unem?

Particularmente na adolescência, o que predomina são as uniões por atração física ou por similitude de interesses mentais. Valoriza-se acima de tudo o encanto físico e também o sentir-se importante. Por isso, as pessoas fisicamente atraentes, do ponto de vista sexual, fama ou dinheiro, são muito procuradas como parceiros. Os jovens fisicamente dotados se sentem satisfeitos com o seu físico encantador, o que lhes garante pretendentes e costumam escolher também de acordo com a atração física.

As relações de casal costumam ser breves porque, uma vez satisfeito o instinto sexual, perdem o interesse e partem em procura de outra relação que traga novidade. Porém, a

sexualidade praticada sem amor tem seu preço, porque gera um vazio interior nas pessoas mais sensíveis e é a causa pela qual muitos jovens se afundam em depressões profundas, pois tentam preencher com sexo o que apenas com sentimentos se pode satisfazer. Por outro lado, os menos atraentes, tendo os mesmos desejos, sentem-se frustrados nas suas intenções pelas dificuldades em conseguir o que desejam, porque é valorizado o encanto físico que não possuem. Vivem complexados pelo seu aspecto físico, sentem-se menosprezados e com poucas hipóteses de encontrar parceiro. Os complexos e as repressões em consequência do aspecto físico trazem como resultado depressões e transtornos graves como a anorexia e a bulimia, motivados pelo desejo de ser mais magros, aumentando os atrativos para aumentar o agrado.

Por que acontece isso com os jovens se vivem numa época de maior liberdade?

Agora há maior liberdade sexual, mas ainda não se verifica liberdade de sentimento, pois falta vencer a repressão sentimental. A sua forma de educar os filhos ainda é materialista demais e pouco espiritual. Os filhos não têm educação suficiente nos sentimentos. Não lhes é ensinado a procurar a felicidade na vida por meio do desenvolvimento dos sentimentos, não lhes é ensinado a valorizar o amor nem a ter uma perspectiva da vida do tipo espiritual. Por um lado, desenvolvem muito a mente, a inteligência e lhes são ensinados os conhecimentos que vão permitir que tenham uma profissão na vida. Isso é a parte da formação acadêmica nas escolas. Fora da escola, o que se vive nas famílias, o que se transmite através dos meios de comunicação e nas relações sociais é que a felicidade se consegue pela satisfação da vaidade. Quer dizer, eles são ensinados a valorizar as qualidades externas, o que leva a que alguns se destaquem sobre os outros, como os atrativos físicos, a inteligência, o sucesso, a fama, o poder e o dinheiro. Muitos

jovens se refugiam na satisfação de caprichos e do prazer, nas diversões, no sexo sem sentimentos, nas drogas como forma de escapar perante o vazio e descontentamento que sentem na vida. Tentam preencher com o prazer e a diversão onde corresponde ser preenchido com sentimentos e, na ausência de sentimentos, o interior entra em depressão. Uma grande parte da juventude sofre porque é escrava do desejo de satisfação da sua vaidade e porque a sua sensibilidade em relação aos sentimentos se encontra reprimida ou anulada. Eles precisam encontrar um sentido para a vida. Os jovens desta época precisam compreender que a vida, sim, tem um sentido para além de se divertirem com a satisfação dos caprichos e do prazer, que para se sentirem verdadeiramente preenchidos precisam desenvolver e viver os sentimentos em completa liberdade, mas também, igualmente, a espiritualidade. Só assim conseguirão ser felizes.

Algumas pessoas têm a ideia de que a razão pela qual a juventude se inclinou para o consumismo, para a banalidade e a promiscuidade sexual foi porque perdeu os valores morais do passado, que houve um retrocesso no campo espiritual. Estarão certas?

Não. Como já dissemos, refugiam-se no materialismo para fugir do vazio interior. As coisas nunca estiveram melhores no passado. Se a juventude no passado não refletia as mesmas atitudes, não era porque os seus valores fossem melhores do que os atuais, mas, sim, porque se encontravam mais reprimidas e passavam por maiores necessidades econômicas. O puritanismo religioso asfixiava o livre desenvolvimento da sexualidade e a condenava à clandestinidade. Os jovens não eram livres nem nos sentimentos nem na sexualidade e viviam reprimidos e atemorizados, pois aos olhos desse puritanismo religioso tudo era pecado. Antes, reprimia-se a sexualidade quase completamente, apenas era consentida no seio do casamento. E como em muitos casamentos não havia amor, eles eram mais

impostos, as experiências sexuais para muitas pessoas eram desagradáveis e traumáticas. Muitas pessoas tinham uma vida dupla, a que se mostrava para o exterior para manter as aparências sociais, e a oculta, onde muitos encontravam uma válvula de escape de uma vida cheia de tabus e repressões. Essa forma de agir, a da dupla moralidade, ainda perdura na atualidade, principalmente em pessoas mais velhas que viveram uma educação repressiva, habituadas a ter duas caras por receio do que vão dizer.



A INFIDELIDADE NA RELAÇÃO DE CASAL À LUZ DA LEI DO AMOR

Qual a sua opinião sobre a fidelidade e a infidelidade no seio do casal?

Que pode ser fiel a uma obrigação ou pode ser fiel a um sentimento. Espiritualmente, apenas tem valor a fidelidade aos sentimentos.

O que quer dizer exatamente com essas palavras?

Quero dizer que, quando numa relação de casal não há sentimentos e afinidade mútuos, a fidelidade é respeitada por obrigação, como um dever a cumprir, forçado, não sentido. Quando há sentimentos verdadeiros, a fidelidade surge espontaneamente, sem necessidade de qualquer esforço para a manter. Atribui-se muito valor ao contrato celebrado perante o sacerdote ou o juiz, a que chamam casamento, e pouco ao fato de haver amor entre os cônjuges. Por isso, condenam toda relação sexual extraconjugal, mesmo quando não há amor entre os cônjuges, apesar de na relação extraconjugal poder ocorrer verdadeiro amor. Vocês falam de uma infidelidade no casamento quando deveriam saber que a única infidelidade que existe espiritualmente é a infidelidade aos sentimentos. Há pessoas que viveram toda uma vida de casamento sem amor, inclusivamente estando enamoradas de outra pessoa, e que renunciaram a esse sentimento convencendo-se ou sendo convencidas de que isso é que estava certo, era o devido e o que estava em harmonia com a lei divina. São pessoas profundamente infelizes, que os outros consideram santas, pródigas de virtude e de moral irrepreensível porque se sacrificaram a cumprir uma promessa que o sacerdote pronunciou solenemente no dia do seu casamento: “O que Deus uniu, ninguém separa”. Contudo, do ponto de vista espiritual, as coisas são apreciadas de forma diferente, porque apenas a fidelidade aos sentimentos apresenta

valor espiritualmente. Essas pessoas, de imagem incensurável aos olhos das regras e costumes da sua comunidade, são pessoas que são infiéis para com os seus sentimentos e por isso estagnaram na sua evolução espiritual. Quando regressarem ao mundo espiritual irão se dar conta de que fizeram um sacrifício inútil e que terão de voltar numa próxima encarnação para realizar aquilo que nesta não se atreveram a fazer: lutar pelos sentimentos. Por outro lado, aqueles que foram os carrascos em relação aos sentimentos de outras pessoas, aquelas pessoas que não só não lutam pelos seus sentimentos, mas ainda se comprazem perseguindo os que procuram ser felizes amando em liberdade e ficam contentes quando conseguem que alguém seja infeliz atado pelos laços de um casamento forçado, arriscam-se a ser eles mesmos vítimas de atitudes repressivas em relação aos seus sentimentos por parte de outros seres semelhantes a si em egoísmo. Por outro lado, aquela pessoa que, por lutar pelos seus sentimentos para estar ao lado da pessoa que ama sofre incompreensões, humilhações, chantagens e maus tratos físicos e/ou psíquicos e que é considerada pela sociedade, pela comunidade ou pela família uma pessoa adúltera, infiel ou imoral é a que verdadeiramente está a avançar nos sentimentos. É a que verdadeiramente está em harmonia com a lei espiritual do amor e é a que usufruirá no mundo espiritual da felicidade verdadeira tão trabalhosamente conquistada no mundo físico, pois aí não deparará com nenhum obstáculo à manifestação livre dos sentimentos.

Continuo sem compreender. Acho que com um exemplo se tornaria mais claro.

Está bem. Imagine que uma mulher está casada com um homem que não ama, ela ama outro com quem gostaria de formar casal e que lhe corresponde nos sentimentos. Ambos os homens, vamos chamá-los de marido e amante, querem ter relações sexuais com essa mulher. De acordo com a concepção de

fidelidade do seu mundo, se mantiver relações com o amante está agindo mal, pois será infiel ao marido. Mas, eu acrescento que, se decidir fazer ao contrário, ou seja, manter relações com o marido e não com o amante, será infiel para com os seus sentimentos, já que ama o amante e não o marido.

Não compreendo nada. Então é correto ter relações extraconjugais?

Compreende mais do que aparenta, mas vou esclarecer para que não reste dúvida nenhuma. Espiritualmente, os contratos terrenos não têm mais validade do que a que se lhes quer atribuir. Quer dizer, ninguém está obrigado a gostar de ninguém nem a guardar-lhe fidelidade em cumprimento de um contrato matrimonial ou por qualquer outra razão. O que, sim, está errado é enganar outra pessoa fazendo-a acreditar que existem sentimentos que na realidade não existem. O que é justo é ser sincero com o que sente e agir conseqüentemente. No exemplo anterior, uma vez que a mulher reconhece que não ama seu marido é justo que ela exponha isso a ele e, conseqüentemente, termine a relação sem amor para viver a relação de sentimento com a pessoa amada sem que precise se esconder. Há pessoas que sabem que não estão apaixonadas por aqueles com quem celebraram o contrato de casamento ou compromisso de casal, mantendo o vínculo por conveniência, necessidade, sentimento de culpa ou medo da reação dos outros. Já falamos o suficiente disso. Por outro lado, há pessoas que sabem a quem amam, porém, por temor ou comodidade, não lutam para se unir ao ser amado, preferem antes reprimir ou anular os seus sentimentos para não sofrer e se conformam com relações terrenamente cômodas, mas que não as preenchem, pois lhes falta o essencial, o amor afim, mútuo e correspondido. Vivem uma vida de aparências voltada para o exterior e, interiormente, de vazio e sofrimento reprimido. Sejam honestos com os seus sentimentos e façam de suas vidas um reflexo dos seus sentimentos, assim,

evitarão sofrimentos desnecessários. Tenham a valentia de lutar pelos sentimentos, porque é a única coisa pela qual vale a pena lutar.

Mas não poderá acontecer que, mesmo que se queira lutar pelos sentimentos, veja-se impossibilitado pelas circunstâncias de alcançar os seus objetivos? Continuando com o exemplo anterior, o que pode acontecer se o marido não aceita deixar a relação e obriga a mulher a permanecer nela? De fato, há mulheres que são assassinadas pelos ex-maridos ou ex-companheiros por eles não admitirem a ruptura da relação. O que acontece quando as leis de um país recusam o divórcio e, inclusive, condenam à morte a mulher que deixar o marido? Que opções restam a essa mulher?

É verdade que é possível se deparar com enormes dificuldades porque, lamentavelmente, no vosso mundo há muito pouco respeito pela liberdade de sentimento, sobretudo para os mais indefesos. No entanto, esse respeito tem aumentado em relação a épocas passadas e já é reconhecido como um direito pelas leis de muitos países. Nos países ocidentais, a legislação contempla o divórcio como um direito e há leis de proteção contra a violência de gênero, ainda que, é verdade, em outros a situação é intolerável e ainda resta muito por melhorar. Contudo, mesmo tendo o mundo inteiro contra, garanto que valerá a pena, porque não há motivo mais válido para lutar do que pelos sentimentos, pois são a base da evolução espiritual e da felicidade. Aquele que opta por escolher lutar pelos sentimentos terá a maior das recompensas, que é a felicidade que se sente quando se reúne com o ser afim amado para poder sentir e viver os sentimentos em plenitude. Ainda que possa perder a vida física na tentativa, por causa dos obstáculos do egoísmo humano e, por isso, não o alcance no plano material, que tenha por garantido que o que semeou na vida física o colherá como recompensa no plano espiritual. Pelo contrário, aquele que não luta pelos seus

sentimentos, que os reprime e sufoca e ao mesmo tempo se impõe e se esforça por manter uma relação sem sentimentos está sofrendo as consequências de sua falta de coragem e terá que retornar em vidas posteriores para superar o que deixou por resolver nesta.



OS EGO-SENTIMENTOS NAS RELAÇÕES DE CASAL

Pode acontecer que uma pessoa tenha se encontrado com a sua alma gêmea e, mesmo assim, não a aprecie e deseje ter relações sexuais com outras pessoas, sendo inclusive, infiel?

Sim. Quando não há constância nos sentimentos, quando não se luta pela sua conservação e desenvolvimento e se permite que os ego-sentimentos intervenham, costuma acontecer. Nos espíritos pouco sensíveis aos sentimentos, o instinto sexual biológico predomina sobre os sentimentos escassamente desenvolvidos e isso faz com que se procure mais a satisfação do corpo do que a felicidade do espírito. O desejo sexual nessa etapa desperta, fundamentalmente, pela atração física e pela novidade. Quando o corpo fica saciado, perde o interesse por essa relação e procura novas. Nessa altura, não há especial preferência por ninguém em particular. À medida que o espírito avança no desenvolvimento dos sentimentos, incomoda-se com uma relação puramente sexual, pois, uma vez satisfeito o desejo, sente um vazio interior e pretende algo mais em uma relação, isto é, amar e ser amado. É aqui que entra em jogo a afinidade sentimental, pois, se ela não existir, não se chega a alcançar a plenitude interior. Começa então a luta pelos sentimentos, para encontrar felicidade na relação casal. Nesse caminho, o espírito viverá inúmeras experiências de relações pessoais, em que experimentará de tudo, instintos, sentimentos e ego-sentimentos, e em função do grau de felicidade e infelicidade que for experimentando irá pouco a pouco aperfeiçoando a sua sensibilidade e a sua capacidade de amar. Irá se desfazendo dos ego-sentimentos e desenvolvendo os sentimentos de amor. Irá reconhecendo cada vez com mais clareza os seus próprios sentimentos e também estará mais seguro na hora de viver de acordo com o que sente. Também irá, pouco a pouco, mostrando mais respeito pela liberdade de sentimento dos outros.

Quais são os ego-sentimentos mais importantes que interferem nos sentimentos de casal?

São diversos. O principal é o apego e dele derivam outros como a absorvência e a vitimização, os ciúmes, o ressentimento e o rancor, a obsessão sentimental, a culpabilidade no amor, o medo do amor e a confusão sentimental.

Pode me explicar em que consiste cada um desses ego-sentimentos?

Sim, certamente. Começemos pelo apego. Apesar de já termos falado nele anteriormente, falaremos agora mais aprofundadamente. O apego é o que vulgarmente é conhecido como “amor possessivo”. A pessoa que sofre de apego assume que, quando se cria um vínculo de casal, este obriga os cônjuges a ceder parte da sua vontade e liberdade a favor do outro e, ao mesmo tempo, que se adquirem direitos sobre a vontade e a liberdade do cônjuge. Podemos distinguir duas facetas no apego, o apego ativo e o apego passivo. O apego ativo se encontra na pessoa que considera que o ser amado é sua propriedade e que, por isso, tem certos direitos sobre ele. Manifesta-se como um desejo de dispor da vontade da outra pessoa e uma ânsia de controlar a sua vida para que o outro faça o que ele pretender. Quer dizer, as pessoas com apego ativo se julgam no direito de impor a sua vontade sobre a vontade do seu parceiro. Querem ter alguém que satisfaça os seus desejos, que lhes agrade, e acreditam ter o direito de o exigir ao outro porque consideram que isso faz parte das suas obrigações numa relação de casal. O apego passivo é o que corresponde à pessoa que permite que o cônjuge desrespeite a sua liberdade e vontade, porque julga que o vínculo de casal a isso a obriga. A pessoa que sofre de apego passivo tende a se voltar para a satisfação e na satisfação do parceiro, renunciando à sua própria liberdade e vontade. A educação tradicional machista fomenta o apego nessas duas variantes, pois estimula o apego ativo do homem e educa a

mulher para se conformar a viver com apego passivo. Numa relação de casal do tipo machista, o marido age com apego ativo, pois reconhece a si o direito de dominar a mulher, impondo a sua vontade e limitando a sua liberdade, enquanto a mulher atua com apego passivo, pois se impõe ceder ao marido parte da sua vontade e da sua liberdade.

Quer dizer que, em geral, o homem tende a atuar com apego ativo e a mulher com apego passivo?

Não. Há muitos casos que são o inverso. Também se pode dar apego ativo e passivo no mesmo cônjuge e em ambos ao mesmo tempo. Se há apego ativo ou passivo tem a ver com o nível evolutivo de cada espírito. O apego ativo ocorre com maior preponderância no estágio da vaidade, em que o amor é pouco conhecido e mais desejado e necessário do que amado. Procura-se, na relação de casal, que o outro lhe satisfaça os desejos e necessidades. Se esse espírito na etapa da vaidade encarna como homem, aproveitará a educação machista para justificar a sua atitude de dominação e, se for mulher, procurará também dominar com outras armas. O apego passivo manifesta-se mais frequentemente no orgulhoso pela necessidade que tem de ser amado e pela maior capacidade de amar que tem. Acredita que se esforçando para agradar ao outro conseguirá ser amado e, como tem uma grande capacidade para amar, entrega-se na relação até ao extremo de renunciar à sua liberdade e à sua vontade.

Como se pode superar o apego?

O apego ativo supera-se quando se toma consciência de que uma coisa é o querer e outra diferente é o querer possuir. Que, quando se ama alguém de verdade, deve-se começar por respeitar a sua vontade e a sua liberdade em todos os aspectos da sua vida, tanto quanto se pretende que sejam respeitadas a sua própria liberdade e a sua vontade. O apego passivo supera-

se quando se toma consciência de que amar alguém não implica renunciar à sua liberdade nem à sua vontade e que não faz sentido renunciar a elas com o intuito de conseguir ser querido, porque, se existir amor verdadeiro, não lhe será exigida essa renúncia como condição para ser amado. A pessoa que exige um sacrifício para amar alguém na realidade nem ama agora nem amará depois, porque os sentimentos verdadeiros surgem espontaneamente, não estão condicionados a que seja feito algo em concreto.

Absorvência e vitimização.

Chamamos absorvência ao desejo de atrair a atenção dos outros para que satisfaçam os seus desejos e necessidades. A pessoa dominada pela absorvência costuma pensar apenas em si mesma e exige, obriga os outros a que lhe prestem atenção. Numa relação de casal, costumam exigir do cônjuge uma atenção quase em exclusividade, pelo que infringem frequentemente a sua liberdade e a sua vontade, convencendo-se de que essa atenção lhes é devida por direito, pelo vínculo afetivo que existe entre eles. Quando não obtêm a atenção de bom grado, costumam recorrer à vitimização para a conseguir. A vitimização é um ego-sentimento que caracteriza aquela pessoa que tenta atrair a atenção dos outros em relação a si procurando despertar sentimentos de pena, que os outros se compadeçam dela, com o propósito de os submeter à sua vontade ou de se aproveitar deles. Está muito relacionado com a absorvência, pois o que se faz de vítima costuma ser absorvente, exigindo a atenção dos outros sem respeitar o seu livre-arbítrio. Também é covarde, pois não luta pelo seu progresso, mas sim para conseguir que os outros o substituam nas suas provas e responsabilidades. É uma forma de manipulação muito sutil, já que muitas vezes a pessoa manipulada é absorvida sem se dar conta. O agente de vitimização costuma jogar com o sentimento de culpa, quer dizer, ele tenta fazer sua vítima se sentir culpada se não

concordar em agradar ou satisfazer suas demandas. Por exemplo, costuma utilizar até mesmo a doença para agarrar os outros. Inventam enfermidades ou exageram as que têm para evitar responsabilidades ou para forçar os outros a que as assumam por eles. Outro argumento que costumam utilizar para provocar pena e justificar a sua absorvência é alegar que o seu mal-estar foi provocado por não terem tido carinho na infância, quando está longe de ter sido essa a principal causa do seu mal-estar. Nas relações de casal, costumam escolher como cônjuges pessoas complacentes, que cedem sempre às suas pretensões. Transformam-se voluntariamente, com o seu comportamento, em dependentes do cônjuge, pois fingem estar sempre mal, física ou psicologicamente, para receber constante atenção e que o outro se encarregue de tudo. Esse comportamento acaba por asfixiar e extenuar o cônjuge, pois ele praticamente não tem vida própria, sua vida gira em torno de satisfazer e agradar o vitimizador nos mínimos detalhes, pois o convence de que não pode se defender sozinho. Eles mesmos alimentam o seu mal-estar e não pretendem melhorar, pois o usam como arma para aprisionar.

Como se supera a absorvência e a vitimização?

Renunciando ao controle da vida dos outros e respeitando o seu livre-arbítrio. Isso quer dizer que é necessário tomar consciência de que não se tem o direito de exigir nem impor nada a ninguém e, ainda menos, sob o pretexto de ter algum vínculo afetivo com essa pessoa. Ao mesmo tempo é preciso vencer a covardia, a preguiça e o comodismo para enfrentar os problemas por si mesmo, em vez de procurar sempre que alguém de fora os resolva.

O ciúmes.

Poderíamos definir os ciúmes como uma aflição de que padece uma pessoa pelo medo de perder alguém que considera sua

propriedade. Os ciúmes, na relação de casal, são característicos da pessoa com apego ativo, possessiva e absorvente, pois considera o parceiro como sua propriedade e exige atenção exclusiva, por isso se enfurece quando o parceiro demonstra alguma atenção ou afetividade por outras pessoas.

Os ciúmes costumam manifestar-se como uma desconfiança permanente em relação ao parceiro e uma obsessão recorrente pela ideia de que lhe possa ser infiel. Essa obsessão leva a exercer um controle exaustivo sobre a vida da outra pessoa, sob o pretexto de evitar possibilidades de infidelidade, e o faz sentir animosidade em relação às pessoas que se relacionam com o cônjuge, sobretudo pelos que considera possíveis concorrentes. Os ciúmes podem alimentar outros ego-sentimentos, que se utilizam para exercer um controle sobre a vida do cônjuge, como a agressividade, a absorvência, a vitimização ou o rancor. O ciumento durante a relação costuma ser o ressentido quando ela termina. A pessoa ciumenta reflete pobreza e debilidade de sentimentos. Primeiro, porque não presta atenção à felicidade do outro, apenas pensa em satisfazer o seu desejo de dominação, sem pensar nos grandes prejuízos que causa ao parceiro. Segundo, porque não confia em que o vínculo de sentimento seja suficiente para manter a união do casal, por isso, recorre à coerção e à intimidação. Quando há amor verdadeiro, confia-se nos sentimentos e não há receio de interferência de terceiros. Se aparecer uma terceira pessoa na relação é sintoma de que os sentimentos eram pobres ou não existiam.

Como se superam os ciúmes?

Os ciúmes são sintoma de que não há sentimentos, apenas apego ativo. Os ciúmes se superam reconhecendo essa falta de sentimento e reconhecendo o próprio apego ativo. Para os superar é preciso renunciar ao desejo de possuir o outro e respeitar a sua liberdade de sentimento. Tem de se tomar

consciência de que o amor verdadeiro é livre e que não se pode forçar, surge espontaneamente, e é sobre essa base de sentimento espontâneo livre e mútuo que se deve criar a união, sem necessidade de existir uma obrigação ou um esforço para a manter.

O ressentimento e o rancor.

O ressentimento é um ego-sentimento que se caracteriza pela animosidade em relação a alguém que consideramos que nos prejudicou. Uma pessoa sente-se ferida no seu amor-próprio ou nos seus sentimentos e sente-se justificada para prejudicar quem lhe provocou o dano, porque espera uma reparação desse prejuízo. Existe um desejo de ressarcimento ou de vingança. Quando a pessoa age com ressentimento, tem tendência para prejudicar, não apenas os que lhe provocaram o dano, mas, em geral, todo o mundo, posto que quando o ressentimento se apodera da vontade da pessoa a faz julgar que todos os atos dos outros em relação a si têm como intenção oculta o objetivo de prejudicá-la. A pessoa ressentida se torna desconfiada ao extremo. Uma variante do ressentimento é o rancor. Nesse caso, é a animosidade em relação ao parceiro por ter decidido terminar a relação. A pessoa rancorosa se sente ferida nos seus sentimentos porque considera que perdeu algo que lhe pertencia e aceita mal essa perda. Deseja sofrimento para o seu ex-parceiro e costuma atuar para o prejudicar. A pessoa se sente como vítima e com direito a provocar dano ao outro, a quem considera o causador do seu mal. A sua norma é "Pelo que você me fez sofrer, vou fazer você sofrer". A pessoa rancorosa usa tudo o que considera uma arma para se compensar: vitimização, difamação, manipulação, chantagem, ameaça, coerção ou agressividade. Acredita que se justifica a prática de atos que prejudicam o ex-parceiro por meio de agressões, ameaças, falsas acusações de abusos, desejo de despojar o outro de bens materiais que tiveram em comum, etc. Se houver filhos em comum, utiliza-os como

arma de arremesso, tentando impedir o seu relacionamento com os filhos ou transmitindo uma má imagem do ex-parceiro aos filhos para que haja discórdia entre eles. Se o ex-parceiro tiver um novo relacionamento, esse novo parceiro também pode ser objetivo de ataque do rancoroso, principalmente se considerar que a sua separação está relacionada com essa nova relação.

No entanto, não é normal que quando alguém é abandonado pelo seu parceiro se sinta mal?

Pode sentir tristeza, decepção, frustração, solidão ou nostalgia em consequência do término. Porém, uma coisa é sentir tristeza,, outra bem diferente é desejar o sofrimento para a outra pessoa e agir de forma que a faça sofrer. A pessoa rancorosa também manifesta pobreza e debilidade de sentimentos, já que aquele que ama verdadeiramente nunca agirá com o intuito de prejudicar o ser amado, nem mesmo quando este tomar decisões que não consegue compreender. Isso só acontece porque ainda não existe o respeito pela liberdade de sentimento, que confere a cada pessoa o direito a decidir com quem quer ou não quer manter uma relação. Se houvesse respeito pela liberdade de sentimento, sofreríamos menos quando um casal se separasse.

Como se supera o rancor?

Tudo gira em torno do mesmo, quero dizer, da superação do apego e do respeito pela liberdade de sentimento. Da mesma forma que dissemos no caso do apego ativo e dos ciúmes, deve-se tomar consciência de que ninguém pertence a ninguém. Não há direito de propriedade sobre o cônjuge e, por isso, não se tem o direito de decidir por ele e, ainda menos, de lhe exigir a continuação da relação se essa não for a sua vontade. Portanto, não há nenhuma justificação para o contrariar.

A obsessão sentimental ou fascinação.

Nas relações pessoais, a obsessão está relacionada com o desejo insatisfeito de conquistar ou possuir uma pessoa que se escolheu como objetivo. Se o desejo for facilmente alcançável, uma vez conseguido, perde-se o interesse, porém, se for custoso, transforma-se num desafio. O desejo aumenta e, por não se ver satisfeito, converte-se em obsessão. Muitas vezes isso não traduz um sentimento verdadeiro, mas apenas uma insatisfação e uma necessidade, que pode ser sexual e/ou afetiva, por isso, a obsessão faz perder o sentido da realidade. A obsessão é característica das pessoas caprichosas, que viveram muito tempo centradas na satisfação dos seus caprichos e, quando esses desejos não são cumpridos, ficam perturbadas. Também as pessoas reprimidas, que têm dificuldade em expressar os seus sentimentos, são passíveis de obsessão sentimental. Costumam ficar deslumbradas pela pessoa objeto do seu desejo e criam uma fantasia à volta dela, que não corresponde à realidade, mas que alimenta esse desejo, e também a esperança de que, se o realizar, pode chegar a ser feliz.

Da forma como explica isso me faz lembrar o que o personagem de Dom Quixote sentia por Dulcineia de Toboso.

Esse é um bom exemplo do que significam o deslumbramento e a obsessão sentimental. Na obsessão se trabalha muito a mente e pouco o sentimento, até ao ponto de poder chegar a pensar que o que se pensa é o que se sente. A falta de atenção aos sentimentos faz com que nem sequer se preocupem em saber se são correspondidos ou não. Costumam ser pessoas que não procedem com sinceridade, pois costumam rejeitar a rejeição e não estão dispostas a admiti-la. O seu propósito é conseguir a pessoa desejada a qualquer preço, até mesmo passando por cima da sua vontade, se necessário, assim, não expressam abertamente as suas intenções, mas manobram com astúcia para conseguir o que querem sem dar oportunidade ao outro de dizer “não”. Se forem fisicamente atraentes, usando da sedução,

acreditam poder submeter a vontade e o sentimento da outra pessoa. Se forem inteligentes, estudam as debilidades do outro e utilizam esse conhecimento para a sua conquista por meio da persuasão, da adulação e da satisfação das necessidades e caprichos da outra pessoa. Se forem espíritos pouco sensíveis, no caso de não conseguirem por esses meios, utilizarão outros métodos que ainda desrespeitam mais o livre-arbítrio, como a chantagem, a intimidação, a ameaça e a violência.

O que acontecerá se chegarem a conseguir a pessoa que desejam? Serão felizes?

Não. Durante algum tempo sentem a satisfação de ter conseguido o que desejavam. Porém, quando observarem que a realidade não está à altura das suas expectativas, sofrem grandes decepções e isso faz com que se desencantem rapidamente com a relação. Aos seus olhos, os agora seus parceiros, que anteriormente viam como deuses ou deusas, passam a ser, presentemente, normais e vulgares para eles, o que faz com que progressivamente percam o interesse por eles. Costumam culpar o outro pelo não funcionamento da relação, quando na realidade a sua insatisfação provém da falta de sentimento que se escondia por detrás do deslumbramento. Contudo, podem se tornar possessivos se perceberem que outras pessoas se interessam pelos seus parceiros porque os consideram troféus que lhes custaram muito a conseguir e que, por isso, pertencem a eles em propriedade. Então, nem vivem nem deixam viver, já que nem são felizes na relação nem permitem que a outra pessoa se liberte dela e procure a felicidade por outro lado. É como a criança desobediente que faz birra quando os pais não cedem em comprar o brinquedo que quer e que, quando o consegue, brinca um bocado com ele e imediatamente se aborrece. Todavia, se outra criança se interessar por esse brinquedo, então volta a interessar-se por ele, não porque se tornou de novo atraente,

mas sim porque não querem ceder o que consideram sua propriedade.

Como se supera a obsessão sentimental?

Deve-se superar o apego ativo, isto é, a concepção do amor como direito de propriedade. Se a pessoa não for correspondida nos seus sentimentos, deve aceitar essa realidade sem tentar forçar uma mudança, pois os sentimentos são livres e não se podem nem se devem forçar, pois a única coisa que se conseguirá é sofrer e fazer sofrer. Se a obsessão ocorre numa pessoa reprimida é superada vencendo-se a timidez e a repressão, conseguindo a coragem para expressar o que se sente em cada momento, com sinceridade, sem ocultar a sua intenção por medo da rejeição. Dessa maneira, conseguirá que as suas relações sejam reais e não alimentará fantasias nem obsessões à volta da pessoa de quem gosta, pois, sendo correspondida, poderá ter uma relação natural com ela, sem necessidade de enganos ou manipulações e, se o não for, poderá virar a página com a consciência tranquila, sem atormentar o pensamento com o que poderia ter sido e não foi por não ter tentado.

A culpabilidade sentimental na relação de casal.

É o sentimento de culpa que se manifesta quando uma pessoa tenta forçar a sua própria liberdade de sentimento, seja porque se obriga a sentir o que não sente, seja porque se obriga a reprimir o que sente. Acontece com frequência nas pessoas que sofrem de apego passivo. Uma das situações em que se encaixa a culpabilidade sentimental é quando, numa relação de casal, uma pessoa se dá conta de que não está apaixonada, porém, crê que por ter gerado um vínculo de casal e ter passado tempo juntos, isso a obriga a se sentir apaixonada e a continuar a relação. Quer dizer que se esforça por sentir amor de casal pelo seu cônjuge porque julga que é a sua obrigação. Esse esforço inclui oferecer ao outro o que se supõe ser direito dele por ser o

seu parceiro, como satisfazê-lo sexualmente, servi-lo e dedicar-lhe tempo. E faz tudo isso porque se sente culpada por não o amar, porque acha que deve compensá-lo de alguma forma pela falta de amor da sua parte. Outra situação em que fica clara a culpabilidade sentimental é quando uma pessoa se apaixona por outra, mas, ao mesmo tempo, julga que esse amor está errado de acordo com o seu código de conduta moral. Peguemos o exemplo de uma pessoa que se apaixona por alguém que já tem parceiro ou que ela própria já tenha parceiro. Nesse caso, a pessoa se sente culpada por amar esse alguém “não adequado”, a quem supostamente não deve amar, e é forçada a reprimir ou renunciar a esse amor, que julga imoral ou proibido. Assim, ela se condena a ser infeliz.

E o que se supõe que uma pessoa deve fazer se acontecer essa situação, ou seja, apaixonar-se por alguém quando já tem parceiro?

Pode fazer o que quiser. Porém, se quiser ser feliz, deverá lutar pelos seus sentimentos.

Quer dizer que deveria terminar a relação anterior para se unir com a pessoa que ama?

Uma relação sem amor já está estragada pelo mero fato de faltar o amor. Apenas resta reconhecer isso e proceder em conformidade. Já falamos disso antes. Se não ama o cônjuge, deverá ter a sinceridade e a coragem de explicar para ele e, conseqüentemente, dar formalmente por terminada a relação conjugal. Isso é independente de amar outra pessoa ou não. Se, além disso, amar outra pessoa, deve admitir a realidade dos seus sentimentos, expressá-los prontamente à pessoa amada, para saber se existe uma correspondência de sentimentos ou não e, em seguida, aceitar a decisão da outra pessoa, seja ela qual for. Se houver correspondência de sentimentos, e vontade de estarem juntos como casal, nada nem ninguém pode ou deve

impedir e, ainda menos, experimentar qualquer sentimento de culpa, pois, espiritualmente, não tem nenhum fundamento.

Todavia, entendo eu que uma situação como a anterior costuma despertar sentimentos de culpa. Como se supera essa culpabilidade sentimental?

Desperta sentimentos de culpa porque vocês têm uma concepção equivocada do que é o amor de casal, do tipo “possessivo” ou de apego, e porque criaram em torno dele normas morais igualmente equivocadas, tais como o casamento com direito de propriedade e a indissolubilidade dele. Para superar a culpabilidade é necessário tomar consciência de que os sentimentos são livres e espontâneos, que não se podem nem devem forçar e que não obedecem a nenhum convencionalismo. Cada um tem o direito de amar livremente quem quiser e nem sequer a si se pode obrigar a sentir o que não sente, nem a deixar de sentir o que sente, sem que isso seja culpa de ninguém. Novamente, acabamos por chegar ao mesmo ponto, o respeito pela liberdade de sentimento. Neste caso se trata de respeitar a sua própria liberdade de sentimento e de não se punir injustamente por um suposto delito que não existe. Ninguém deve se sentir culpado por sentir o amor verdadeiro, mesmo que isso implique transformar a sua vida de uma ponta à outra, porque o sentimento de culpa, se não for superado, é um obstáculo que impede de sentir e de viver plenamente esses sentimentos e impede de apreciar a felicidade que deles deriva.

O que é o medo do amor?

Como o seu próprio nome indica é o temor que alguém pode ter de sentir o amor, por pensar que isso será causa de sofrimento. Costuma acontecer habitualmente em pessoas que viveram experiências traumáticas no passado, seja porque o seu ex-parceiro as fez sofrer, seja porque terceiros atuaram para destruir uma relação sentimental existente e conseguiram o seu

objetivo. Também acontece em pessoas que receberam uma educação repressiva dos sentimentos desde a infância e que lhes limitou a sua liberdade de sentimento. Têm medo de sentir livremente porque temem algum tipo de represália contra elas. Também costumam estar propensos a sentir remorsos se o seu sentimento não for correto do ponto de vista das normas de conduta que aprenderam. As pessoas que têm medo do amor costumam ser desconfiadas na hora de se relacionar com os outros porque receiam que estes usem o que sabem delas para as prejudicar, por isso, costumam ser reservadas e difíceis de conhecer tal como são. Receiam a incompreensão, a rejeição, a chantagem, a ameaça, a manipulação, a calúnia, a agressividade e creem que, se não se deixarem conhecer, se ocultarem ou reprimirem os seus sentimentos, impedirão que se aproveitem delas. Por isso têm tendência para o isolamento emocional, porque pensam que é a melhor forma de evitar sofrer danos.

Então o isolamento emocional é uma boa arma para evitar sofrer danos, não?

Não. O medo do sofrimento emocional faz com que a pessoa se proteja sob uma couraça que aparentemente a protege das agressões emocionais dos outros, mas, ao mesmo tempo, impede-a de ser feliz, porque essa couraça também a impede de expressar o amor que sente pelos outros e de receber o amor que outras pessoas lhe podem dedicar. Nesse caso, os danos não são provocados pelos outros, mas, sim, por ela própria, sem que por isso deixe de ser um sofrimento muito intenso.

Pode dar um exemplo que serve para demonstrar como o isolamento gera sofrimento?

Sim. Imagine que uma pessoa emocionalmente isolada conhece a sua alma afim e que esta se aproxima com a intenção de expressar seus sentimentos. Em condições normais, ambos poderiam expressar os seus próprios sentimentos e sentir o amor

do outro e isso faria a eles felizes. Porém, a pessoa que está isolada, por medo e desconfiança, não percebe o amor que lhe é oferecido e, ao mesmo tempo, reprime os seus próprios sentimentos de amor. Isso é o que a faz sofrer. Ao mesmo tempo, faz sofrer sua alma afim atual, porque a impede de lhe transmitir seu amor e porque também não se sente amada. Seguramente, a sua alma afim se sentirá frustrada e confundida porque não entende o que está acontecendo. Inclusive, pode chegar a se sentir culpada pelo seu sofrimento, ficar receosa de expressar os seus sentimentos e, até mesmo, questionar-se se será correspondida, pelo que pode chegar a desistir da ideia de iniciar uma relação de casal com ela. Dessa forma, por culpa do isolamento emocional, motivado pelo medo e pela desconfiança em relação ao amor, duas almas afins que bem poderiam ser felizes juntas, acabam separadas nos seus caminhos e continuam sem experimentar a felicidade.

Porém, não é verdade que há pessoas que, apesar de nunca terem tido más experiências na vida a respeito de relações de amor, mesmo assim têm medo do amar ou de se apaixonar? A que se deve o medo nesses casos?

O trauma emocional pode vir de uma vida anterior. Ainda que não conservem na memória as circunstâncias do passado, se não superaram o seu trauma este fica impregnado no seu espírito e, por isso, conservam-no na vida posterior, em que se manifesta em forma de medo. As pessoas com medo do amor não encaram a vida com esperança porque estão convencidas de que a felicidade não pode existir para elas e não confiam que alguém as vá amar de verdade. Sentem-se como o cão vadio que, durante muito tempo, levou pauladas de um dono violento, de quem conseguiu finalmente escapar. Um dia, esse cão encontra pessoas sensíveis, que têm pena dele e decidem acolhê-lo para o tratar com muito afeto. Quando uma delas se aproxima dele para fazer carinho, o medo dos maus-tratos lhe faz acreditar que

essa mão que se levantou para acariciar irá maltratá-lo e foge apavoradamente das pessoas que poderiam ter lhe proporcionado uma vida melhor. É assim que se passa com muita gente que, por culpa do medo, perde a sua oportunidade de ser feliz na vida.

Como se pode superar o isolamento e o medo do amor?

Primeiro, reconhecendo que tem medo e que por causa dele se isola. Você pode superar o medo e superar o isolamento permitindo a livre expressão dos próprios sentimentos, tendo a coragem de lutar para viver de acordo com eles, confiando neles na hora de decidir na vida, sem pensar na opinião dos outros. Por muito difíceis que pareçam as circunstâncias, nunca se deve renunciar aos sentimentos, nem reprimi-los, porque é a única maneira de chegar a ser feliz. É preciso recuperar a fé e a esperança no amor.

Todavia, há pessoas que, apesar de lutarem corajosamente pelos sentimentos, não conseguem o seu objetivo de viver junto das pessoas que amam ou não conseguem libertar-se de relações forçadas porque outras pessoas as impedem. Já falamos antes sobre a violência de gênero e das mulheres assassinadas por defenderem o seu direito à liberdade de sentimento. Elas fracassaram na sua luta?

Nunca se fracassa quando se luta pelos sentimentos. Se por causa da incompreensão e do egoísmo humano essa pessoa não chegar a saborear a felicidade do amor no plano físico, que fique segura que a sua recompensa chegará no plano espiritual. E a coragem que demonstrou na sua luta por viver de acordo com o que sentia será uma realização evolutiva que perdurará para sempre no seu espírito. Gozará de clareza e coragem quanto aos sentimentos, qualidades espirituais de muito valor conquistadas a pulso nas provas que experimentou nas suas encarnações. Serão qualidades que manifestará a partir daí e para sempre e

isso a ajudará a ser feliz, evitando cair nas armadilhas que no passado a tornaram infeliz.

A confusão sentimental.

A confusão sentimental é um estado emocional que surge quando uma pessoa se obriga a sentir o que não sente ou a reprimir o que sente na realidade, ou ambas as coisas ao mesmo tempo. Se persistir durante bastante tempo nessa atitude, chegará o momento em que não distinguirá bem entre o que sente realmente e o que se obriga a sentir. E essa é a confusão que essas pessoas têm, que confundem o sentir com o “dever sentir” e substituem o sentimento pela obrigação. A pessoa que se obriga a sentir o que não sente sofre, porque essa obrigação de sentir a esgota e lhe provoca um vazio, já que os sentimentos não podem ser forçados, ou são espontâneos ou não existem. Também pode sofrer pela repressão de um sentimento verdadeiro, porque acredita que não deve ou não tem o direito de o sentir. Contudo, o autoengano motivado pela confusão sentimental a faz pensar que sofre pelo remorso de ter deixado despertar um sentimento indevido e que essa é a causa da sua infelicidade e que, por isso, deve lutar para o eliminar. A confusão sentimental costuma acontecer em pessoas que anularam a sua liberdade de sentimento. Um dos motivos por que o fizeram pode ser por terem sido educadas a seguir um código moral repressivo para com os sentimentos, que acabaram por assimilar como sendo próprio. Nesse caso, a sua sensibilidade está fortemente condicionada pelas normas morais desse código. Também pode ser devido a terem passado por alguma circunstância dolorosa na vida relacionada com os sentimentos em que se viram forçadas a renunciar a eles.

Parece-me difícil de entender em que consiste a confusão sentimental e como se manifesta. Poderia dar algum exemplo para esclarecer melhor?

Está bem. Imaginemos o caso de uma pessoa que está casada pela Igreja, levando já vários anos de casamento. Durante esse tempo, ela percebeu que, na realidade, não está apaixonada e que não é feliz nessa relação. Se essa pessoa se sentisse com liberdade de sentimento, rapidamente tomaria consciência de que não sente amor pelo seu parceiro, diria isso a ele e pediria o divórcio. Porém, se essa pessoa tiver sido educada religiosamente, em que se considera que o casamento deve ser para toda a vida e não se pode quebrar, o seu sentido do dever e o temor de uma reação negativa por parte dos outros farão com que se obrigue a continuar a relação. Pode tomar a decisão de se obrigar a amar o seu cônjuge porque acredita que também é uma obrigação moral, a de “amar para sempre a pessoa com quem se está unido pelo matrimônio”. Ela se esforçará para lhe agradar em todos os aspectos, para que o seu parceiro não perceba que não está apaixonada, e se autoconvence de que faz todos esses sacrifícios por amor. O fato de o ver como sacrifício e de o viver como uma obrigação demonstra, na realidade, que não há amor, porque quem sente amor verdadeiro não vive a entrega ao outro como um sacrifício, mas sim como um ato que realiza livremente e que traz para ela felicidade. Outra opção a que pode recorrer é a de justificar a ruptura por uma atitude errada do cônjuge, dessa maneira, a responsabilidade da ruptura recai sobre ele, excluindo de si ter descumprido o seu dever. Quer dizer “Eu o amo, mas não posso continuar vivendo com ele porque sinto que ele não me quer, não me dá atenção, ou me fez isto e eu não posso perdoar”. Outra das opções que pode tomar é tornar a vida impossível ao cônjuge, para que seja ele a tomar a decisão de terminar a relação. Desse modo, aquele que formalmente carece do sentimento de dever é o outro e ela fica isenta de sua responsabilidade quanto ao rompimento do casamento. Aos olhos dos outros fará com que acreditem que ela é a vítima e o cônjuge é o culpado, quando é totalmente o contrário. Dessa forma, uma situação de conflito emocional que

tinha uma origem clara, “não amo o meu parceiro”, e uma solução muito fácil, “largo a relação”, por causa da confusão sentimental torna-se uma bagunça monumental que causa sofrimento a si e aos outros. Ou seja, a realidade foi falsificada pela recusa em reconhecer sua falta de sentimentos e covardia para violar o código moral religioso.

Como a confusão sentimental pode ser superada?

Analisando-se a si mesmo com total sinceridade para saber distinguir o que são sentimentos verdadeiros do que são obrigações adquiridas por conta de uma educação repressiva. Uma vez esclarecidos os próprios sentimentos, deve-se ter a coragem de viver em conformidade com o que se sente sem se deixar influenciar pelas opiniões dos outros, distanciando-se de todas as repressões e preconceitos da educação recebida, pois, se ofendem o direito à liberdade de sentimentos, são normas e preceitos errados do ponto de vista espiritual e não merecem ser tidos em consideração.

AS RELAÇÕES COM A INFÂNCIA À LUZ DA LEI DO AMOR

Há alguma medida, que se pudesse aplicar em nível social, que permitisse à humanidade avançar espiritualmente mais depressa?

Sim. Amar as crianças e procurar não lhes provocar danos, nem física nem emocionalmente. Não as humilhar nunca. Já aviso que, do ponto de vista espiritual, um dos delitos mais graves que existem são os maus-tratos às crianças. Permita que as crianças tenham liberdade, expressem seus sentimentos, brinquem e aprendam brincando. Se você criar uma geração de filhos amorosos, seu mundo mudará rapidamente, porque o amor muda o mundo. Você não vai mudar o mundo, eles vão fazer isso graças ao amor que conheceram.

Algum conselho que nos possa servir para saber como tratar melhor as crianças?

Por acaso você nunca foi criança? Ponha-se no seu lugar. Lembre-se de como fizeram mal a você para evitar repetir e como foi bom tomar isso como exemplo. E aqui não estamos falando apenas de abuso físico, mas também de abuso emocional, porque há muitas pessoas em seu mundo que abusam emocionalmente de crianças, começando com seus próprios filhos, embora pouquíssimas pessoas admitam isso. Estão tão imersos nos seus próprios problemas que não têm um mínimo de sensibilidade para se dar conta dos danos que estão fazendo aos filhos. Pensam que, pelo fato de serem crianças, não compreendem as coisas como adultos e que, por isso, são menos sensíveis, de forma que não têm nenhuma consideração nas relações com eles e descarregam sobre eles todas as suas frustrações. No entanto, é precisamente ao contrário: as crianças são mais vulneráveis e sensíveis aos danos físicos e emocionais que os adultos, portanto, deve-se colocar a maior ênfase na necessidade de as tratar o mais respeitosa e amorosamente possível. Aceitem e amem-nas

exatamente como são. Não coloquem nenhuma condição para as querer. Há pessoas que não amam os seus filhos, apenas os usam para se darem importância, para se vangloriarem pelo fato de eles serem inteligentes, porque têm alguma qualidade que os faz serem melhores em relação aos outros e, se não tiverem essas qualidades, menosprezam-nos, afetando gravemente a sua autoestima. Aquele que ama verdadeiramente os seus filhos ama-os tal como eles são, sejam mais ou menos bonitos, mais ou menos inteligentes, mais ou menos motivados.

Há pessoas que acham que é necessário o castigo físico para educar as crianças. O que pensa sobre isso?

Então elas também concordarão que o seu chefe lhes dê um tabefe de vez em quando, quando considerar que não fizeram bem o seu trabalho.

De fato, creio que não achariam muita graça. Acho que o normal seria elas denunciarem o patrão por assédio moral.

Claro que não achariam graça nenhuma, porque ninguém gosta que lhe batam. Se você considera que bater em um adulto é um ato criminoso e deplorável, por que você não segue os mesmos critérios quando um adulto bate em uma criança, que também é mais fraca e não pode se defender? O que você não deseja para si não faça aos outros e menos aos que são mais fracos e indefesos, que são as crianças. Que triste é observar como alguns pais, quando os seus filhos batem em outras crianças, castigam-nos fazendo o mesmo que acabaram de proibir, quer dizer, batendo neles. O que a criança pode aprender ao ver que o adulto faz o mesmo que censura a ela, além de que o mais forte é aquele que impõe a sua lei pela violência? Nunca pense em bater em uma criança, muito menos usando a desculpa de que é para o seu bem, para educá-la e ensiná-la a disciplina. Quem pratica o castigo físico não educa, apenas mostra a sua incapacidade para educar, a sua falta de tato, paciência, ternura e delicadeza para

com as crianças. Se você luta contra o abuso e a violência de gênero, a mesma ou mais ênfase deve ser dada à luta contra o abuso infantil.

Bem, eu acredito que hoje em dia, em muitos países, o abuso infantil é um crime punível por lei e o adulto é punido se for provado que a criança foi vítima de maus-tratos.

Sim, principalmente no Ocidente, e isso representa um avanço importantíssimo. O problema é que, muitas vezes, demonstrar que a criança recebe maus-tratos é muito difícil, porque a sua prova não é evidente. Um adulto que tenha sido maltratado tem a capacidade por si mesmo de se defender, fazendo uma queixa se for agredido, porém, as crianças precisam de um adulto para se defenderem e se, além disso, os maus-tratos acontecerem no ambiente familiar, quem as vai defender se quem as devia proteger é quem as agride? Além disso, sua sociedade ainda é excessivamente tolerante com castigos físicos menores, já que muitas pessoas consideram tapas ou palmadas na bunda aceitáveis, embora, certamente, se isso fosse feito a elas não ficariam felizes. Que cada um pense por si mesmo como se sentiria sendo objeto do tratamento que dão aos filhos. Isso ajudará a ser mais sensível com eles.

Há pessoas que argumentam que o ideal seria não utilizar o castigo físico e estão de acordo em limitar o seu uso, contudo, há crianças que são muito rebeldes e não atendem às chamadas de atenção e, nesses casos, é preciso ter “mão forte”, ou seja, aplicar medidas mais contundentes. O que acha disso?

Aquele que acredita que para educar seus filhos, ou as crianças em geral, tem que impor-se a eles e submetê-los à sua vontade, que utiliza a agressividade verbal ou física com o objetivo de amedrontá-los para que, por medo, acabem obedecendo, reflete sua própria incapacidade e imaturidade espiritual. Quando há amor, sensibilidade e compreensão sempre há outra forma de

fazer as coisas, mas, se não houver, qualquer desculpa é boa para tirar as más atitudes que se carrega dentro de si.

Mas não é verdade que muitos dos adultos que maltratam as crianças foram maltratados quando pequenos? Quero dizer que não tiveram bons exemplos a seguir.

Nesses casos deveriam lembrar-se do que sentiram quando foram maltratados e como lhes custou ser tratados com desprezo e sem sensibilidade, procurando não repetir com os seus filhos nem com nenhuma outra criança aquilo que não lhes agradou a eles mesmos. Há muitas pessoas que receberam maus-tratos físicos ou psicológicos quando foram crianças, em maior ou menor medida, porque no seu mundo ainda predomina o egoísmo em todos os aspectos. Os que aprenderam da experiência vivida e se recordam do sofrimento que experimentaram procurarão evitar aos seus filhos e às crianças em geral o sofrimento que eles mesmos viveram.

Quais são as alternativas para educar sem recorrer à mão pesada?

Por meio do jogo, é a maneira como a criança aprende de forma natural, sem necessidade de ser obrigada. Pelo jogo podem-se ensinar valores e conhecimentos de todos os tipos. Se agiu de forma errada, o primeiro passo é dialogar com ela, para que tome consciência do ato negativo que praticou. Há uma pergunta muito fácil, que lhe pode ajudar a refletir: como se sentiria se alguém tivesse feito com você o mesmo que você fez com ele? Por exemplo, se bateram em outra criança, um bom argumento para levar à reflexão é perguntar: você gosta de apanhar? O diálogo e a reflexão devem ser estimulados na resolução dos conflitos, ajudar a criança a tomar consciência, a compreender onde está o problema da sua ação e oferecer-lhe a possibilidade de reparar o dano causado. Na realidade, existem correntes educacionais em seu mundo que agem de acordo com essa

filosofia, mas, para isso é necessário que a criança receba mais atenção do que normalmente recebe.

Há pessoas que opinam que a educação atual piorou comparada com a de épocas passadas. Que agora as crianças aprendem pouco porque esses métodos educativos novos são demasiado brandos e que a única coisa que conseguem é que as crianças importunem os professores e prestem pouca atenção às aulas. O que acha disso?

Estão completamente enganados. É verdade que algumas pessoas, principalmente as que têm uma forma de ser rígida e severa, parecem ter nostalgia da educação do passado. São os que costumam estar de acordo com o provérbio “a letra, com sangue, entra”. No passado, as escolas religiosas eram muito valorizadas por alguns pais porque tinham a reputação de educar com “disciplina”, como Deus manda. Na realidade, o que chamavam de “educar com disciplina” consistia em forçar a obediência dos alunos por meio do medo, da ameaça e do castigo físico, amargurando a vida daqueles alunos que, mais do que crianças, eram pequenos recrutas assustados de quem tinha desaparecido cada indício de espontaneidade, sensibilidade e alegria típicos da infância. E tudo isso, aliás, foi feito em nome de Deus. Porém, essa educação, ainda que possivelmente conseguisse crianças mais submissas e obedientes, não produzia crianças mais inteligentes, nem mais felizes, nem mais livres. Essas crianças, que cresceram com o medo no corpo, quando se tornam adultos apresentam muitas carências. Se não superarem o trauma da infância, costumam ter dificuldades em expressar os seus sentimentos, baixa autoestima e são propensas a problemas emocionais, mesmo que ainda saibam de cor a lista dos reis visigodos, a qual se empenhavam muito para aprender. Também é questionável que os alunos do passado tivessem sido mais inteligentes e com melhor formação do que os presentes, pois, antes, colocavam muita ênfase na memorização de

conteúdos e pouca no raciocínio lógico. A idoneidade dos conteúdos educativos também era questionável, os recursos que eram destinados à educação eram menores e o tempo de escolarização obrigatória também era menor. A educação atual procura que as crianças tenham maior capacidade de reflexão e raciocínio, que memorizem menos e utilizem mais a razão. Por outro lado, os países que apresentam melhores taxas de aproveitamento acadêmico e menor insucesso escolar não são os que optaram por modelos educativos baseados na disciplina, mas, ao contrário, foram os que aplicaram modelos educativos progressistas. A diferença foi que investiram mais recursos humanos e materiais na educação do que outros países. A Finlândia, o país que tem o melhor modelo educativo do mundo, é um claro exemplo do que estou dizendo.

E por que há pais que dizem preferir uma educação com mais disciplina se não é verdade que é mais eficaz?

Repare, o que acontece é que, muitas vezes, o problema não está nos filhos, mas sim nos próprios pais, porque muitos pais não reconhecem os sentimentos dos filhos nem as suas necessidades afetivas. Eles sofrem de ignorância sentimental. Acreditam que alimentando os filhos, levando-os ao médico quando estão doentes, dando-lhes o que precisam em nível material e fazendo com que estudem em uma boa escola para que tenham uma boa formação têm feito tudo como pais. No entanto, falta algo fundamental, que é atenderem às necessidades emocionais dos seus filhos. É triste observar quantos pais se incomodam com os próprios filhos e, portanto, não reservam tempo para compartilhar com eles, expressar afeto ou compreensão. Em vez disso ficam sobrecarregados quando estão com eles, tudo o que fazem os irrita e eles não prestam atenção a eles. Além disso, há uma tendência muito comum de alguns pais valorizarem seus filhos com base em seus méritos acadêmicos. Alguns pais só se preocupam com seus filhos se eles tirarem notas ruins ou ficarem

doentes. Isso faz com que os filhos não se sintam amados e tentem chamar a atenção dos pais. Eles podem usar como tática diminuir seu desempenho acadêmico, pois sabem que dessa forma os pais prestarão atenção neles. Ou simplesmente acontece que as crianças se sentem tão mal emocionalmente que perdem o interesse por tudo, inclusive pelos estudos. Por desconhecimento e falta de atenção para com os filhos, os pais acreditam que o problema dos filhos é que eles são preguiçosos nos estudos e precisam ir para uma escola onde é imposta mais disciplina, com professores mais autoritários que os obrigam a estudar mais. E o problema não está na escola, mas na falta de atenção dos pais.

Mas, então, há algo de errado em querer que os filhos estudem para que quando forem crescidos tenham meios para ganhar a vida?

Não há nada de errado em desejar que os filhos estudem. Contudo, esse não deve ser o argumento utilizado para gostar mais ou menos deles. Se só forem valorizadas se forem alunos bons e inteligentes, as crianças podem ter problemas de autoestima e também se sentir excessivamente pressionadas com os estudos. As crianças devem ser amadas incondicionalmente como são e cuidadas emocionalmente para que possam ser felizes. Às vezes, também sucede que o adulto pretende que a criança se conforme com regras absurdas que limitam enormemente a sua liberdade e espontaneidade e então a criança se rebela contra essas normas, que considera injustas. É absurdo pedir a uma criança que não brinque ou que esteja permanentemente sossegada. Porque são regras injustas é impossível segurá-las apelando à compreensão, razão pela qual alguns pais recorrem à sua imposição pela força.

Então, as crianças devem ter permissão para fazer o que quiserem, mesmo se o que quiserem seja prejudicial a elas mesmas ou aos outros?

Tudo não. Cada coisa no seu tempo. A liberdade e a responsabilidade da criança devem ir aumentando à medida que vai crescendo e adquirindo maiores capacidades. Enquanto a criança é pequena e não está consciente de muitos dos perigos, não se pode deixá-la sozinha na rua sem vigilância, pois pode cometer imprudências, como atravessar a rua sem olhar. Deve-se ensiná-la progressivamente aquilo que é perigoso para si e o que é perigoso para os outros. Deve-se ensiná-la a respeitar as outras crianças, a não ser agressiva, a não insultar, a assumir as responsabilidades próprias da sua idade, como fazer os deveres, guardar os brinquedos quando acabar de brincar, etc. Nem mais nem menos do que aquilo que uma criança pode assumir em função da sua idade, sempre tentando respeitar, compreender, ser carinhoso e paciente com ela, levando em consideração a sua liberdade e a sua sensibilidade.

Mas qual é o limite? Por exemplo, se a criança não quer ir à escola ou fazer os deveres, deve-se obrigá-la ou deixar passar?

Use seu bom senso. Em vez de tentar forçá-las a fazer as coisas, converse com elas, fale sobre a importância do aprendizado, incentive-as, divida com elas o tempo de fazer o dever de casa, torne-o divertido e agradável e você verá que a criança responde muito melhor que se for imposto pela força.

E como podemos fazer a criança aprender o que é necessário mas ao mesmo tempo enfadonho ou tedioso?

Fazendo com que seja divertido e compartilhando esse momento com ela, para que se sinta acompanhada e apoiada no que está fazendo, pois isso a estimula a prosseguir. Já dissemos que as crianças se divertem brincando e que, por meio da brincadeira, pode-se ensinar muitas coisas sem que isso seja tedioso e, assim,

será ela mesma que desejará aprender, porque lhe parecerá divertido aprender.

Como deve ser a educação em casa, em família?

Reservem tempo para estar com os seus filhos, para jogar com eles, para dialogar sobre as suas coisas, sobre os seus problemas e preocupações. Sejam sempre receptivos para responder às suas perguntas. Pensem que eles estão descobrindo o mundo e que, para aprender, precisam perguntar tudo; ainda que possa parecer óbvio, para eles não é e quando percebem que estão zombando deles, eles se reprimem. Tenham muita paciência com eles. Permitam que brinquem sempre que possível porque, para a criança, brincar é a sua ocupação e impedi-la de brincar lhe causa muito dano. Demonstrem continuamente os seus sentimentos de forma explícita, com palavras, beijos, carícias e abraços. Permitam que sua personalidade seja livre, não imponham a eles a que vocês gostariam que eles tivessem. Amem a eles como são e os ajudem a polir gradualmente seu egoísmo e a desenvolver sua sensibilidade e afeto sem restrições. Não permitam que seus problemas e preocupações de adulto, que nada têm a ver com eles, interfiram em suas vidas.

Mas não há ocasiões em que, se você for muito benevolente com seu filho, ele se tornará exigente e birrento e usará os chutes e a birra para se safar? O que pode ser feito nesses casos?

É verdade que há pais que permitem que os filhos façam até o que é perigoso para eles e concordem com todas as suas birras por desleixo, fraqueza de caráter ou porque não ouvem mais as queixas do filho e isso o torna exigente e caprichoso e use sua astúcia para dobrar a vontade dos pais. Nesses casos, atue com firmeza, não ceda à chantagem que a criança tenta fazer, mas nunca responda com violência ou agressão. Quando ela age de forma despótica é quando a menor atenção deve ser dada a ela. Se observar que, ao agir dessa forma, é ignorada e não consegue

o que exige, ela se cansará com o tempo. Ajude-a a tomar consciência de suas próprias atitudes egoístas por meio do diálogo e da reflexão.

Há alguma recomendação a fazer aos futuros pais?

Sim, que procurem conceber os seus filhos com amor, para que estes venham ao mundo com a segurança de que vão ser amados e considerados em todos os aspectos da sua vida, sobretudo no emocional. Asseguro que se as crianças que vêm ao mundo fossem concebidas com amor, o sofrimento no mundo diminuiria enormemente.

Penso que as coisas melhoraram na atualidade em relação a épocas passadas. Refiro-me a que os pais atuais estão mais conscientes das necessidades dos filhos, estou certo?

É verdade que tem havido um certo progresso. Em épocas anteriores, os filhos vinham ao mundo principalmente pela ignorância e inconsciência dos pais. Eram filhos postos no mundo sem um desejo explícito dos pais. Vinham acidentalmente porque os casais mantinham relações sexuais sem nenhum método de contracepção, pois não havia nem os meios, nem a formação que existem atualmente, por isso, punham no mundo tantos filhos que lhes era possível biologicamente, o que tinha como consequência que os filhos vinham ao mundo, muitas vezes, em circunstâncias materialmente muito difíceis. A única preocupação que a maioria dos pais levantava em relação aos filhos era garantir sua sobrevivência, enquanto o cuidado emocional era pequeno ou nenhum. Não eram as melhores condições para vir ao mundo, mas como é necessário que os espíritos encarnem no mundo material para aprender e evoluir, eles aproveitam todas as oportunidades que lhes são oferecidas. A sensibilidade desses espíritos estava menos desenvolvida do que agora, tanto nos pais quanto nos filhos, e embora os filhos recebessem pouca atenção emocional e sentimental, seu

sofrimento também era atenuado pela pouca sensibilidade. Atualmente, em muitos países, sobretudo no Ocidente, as coisas mudaram. A porcentagem de crianças que vêm ao mundo acidentalmente, contra a vontade dos pais, diminuiu. Muitos são concebidos por desejo e com consciência dos pais para os ter. Como há maior bem-estar econômico no Ocidente e não sendo uma prole grande, a sobrevivência e o cuidado material dos filhos são garantidos pelos pais. Serão crianças sem fome, sede, frio ou doenças causadas por desnutrição e falta de higiene. Mas, ainda falta algo fundamental, que é conceber filhos por amor e com amor. As crianças ainda são geralmente concebidas por outras razões além do amor.

Quais são esses motivos distintos do amor que levam os pais a ter filhos?

Muitas vezes o fazem porque há uma espécie de obrigação de continuar a linhagem familiar, ou pela conveniência de os filhos tomarem conta dos pais quando forem adultos. Há casais que chegam a certa idade e continuam sem desejar ter filhos, porque isso lhes acarreta alterações na sua vida que não estão muito dispostos a fazer. Mas eles ainda os têm porque biologicamente suas chances de conceber diminuem com a idade. Como se costuma dizer, "eles perdem o prazo". Há ocasiões em que os filhos são concebidos como uma forma de prender o cônjuge e forçá-lo a continuar o relacionamento quando há medo de um rompimento do relacionamento ou como uma tentativa desesperada de salvar um relacionamento que não está funcionando.

Quais são as consequências para esses filhos concebidos sem amor?

Muitas dessas crianças, que vêm ao mundo concebidas sem amor, sofrerão da falta de amor dos seus pais na forma de maus-tratos, incompreensão, desatenção, frieza e tudo isso as fará

sofrer muito, porque as crianças que vêm ao mundo na atualidade são espíritos mais avançados e sensíveis que em épocas passadas, fruto da aprendizagem adquirida numa infinidade de encarnações. Portanto, o seu nível de sofrimento na ausência de atenção emocional, o mal-estar psicológico, é maior que em épocas passadas. E essa é a causa da maior parte do sofrimento das crianças do Ocidente, que não são amados pelos pais, por mais que os pais tentem sempre se convencer que o problema é da criança porque tem atitudes ruins. Muitas dessas crianças que sofrem acabam por desenvolver traumas emocionais ou enfermidades físicas causadas por esse sofrimento por falta de amor sem que a maioria dos pais tome consciência disso. É preciso, portanto, que os pais tomem maior consciência e sensibilidade pelo bem-estar emocional dos filhos e, dessa maneira, evitarão muitos dos sofrimentos que agora os atormentam.

O AMOR AO PRÓXIMO À LUZ DA LEI DO AMOR

Nós nos centramos muito nas relações pessoais, sobretudo nas relações conjugais e com os filhos, mas, penso eu, que o amor incondicional está para além das relações pessoais.

Certamente. Não existem limites para o amor. Quanto mais capacidade de amar tem um espírito, maior o número de pessoas que ele é capaz de amar, independentemente de haver ou não vínculo sanguíneo. A meta é alcançar o amor incondicional, que abarca todos os seres da criação sem nenhum tipo de distinção. Jesus já lhes falou sobre isso quando lhes disse “ame o próximo como a si mesmo” e quando disse “ame o seu inimigo”.

E por que é tão difícil evoluirmos? Quero dizer, não há uma forma de chegar mais rapidamente a esse nível evolutivo que nos permite amar incondicionalmente, assim como Jesus disse?

Tudo o que falamos gira em torno disso. Para evoluir aos níveis de Jesus, você deve colocar muita ênfase em eliminar o egoísmo e em desenvolver os sentimentos. E isso não é nada fácil. Não é um trabalho para uma só vida. São centenas de milhares de anos de evolução, milhares de encarnações. Além disso, embora todos os espíritos encarnem com esse objetivo, uma vez encarnados, muitos não chegam a ter consciência do motivo para que o fizeram. Na maioria das pessoas, a consciência abrange apenas a duração de uma vida física e, enquanto a fortuna material sorri para elas, elas dedicam suas vidas à satisfação dos desejos materiais. Elas consideram qualquer reflexão existencial um absurdo, uma perda de tempo. Elas não querem fazer nenhuma mudança porque não estão interessadas em deixar a vida superficial que levam. Alguns fogem de suas próprias preocupações internas, desenvolvendo inteligência sob a educação científica materialista, e zombam ou consideram inútil qualquer tipo de investigação existencial. Há outros que confundem espiritualidade com religião e se deixam levar pela

religião por ser um caminho fácil, pois pensam que seguindo alguns rituais têm o suficiente para conseguir um lugar privilegiado no “céu” e substituem o trabalho espiritual consigo pelo fervor religioso, sob a ilusão de que este último agrada a Deus. Há pessoas que despertam nelas inquietudes existenciais. Muitas vezes, esse despertar é consequência de terem vivido circunstâncias na vida de muito sofrimento com que não se conformam e pretendem encontrar uma explicação. Elas não se contentam com as explicações tendenciosas ou incompletas fornecidas pela religião ou pela ciência materialista sobre o sentido da vida, porém, caem no desânimo quando não conseguem encontrar respostas satisfatórias para as suas perguntas. A conclusão de tudo isso é que, por desinteresse, ignorância, descrença, fanatismo ou por falta de esperança a maioria das pessoas não chega a encontrar o verdadeiro sentido da vida, vivendo sem compreender a vida nem aprender com ela, pois não a aproveitam para evoluir, ou seja, dificilmente se esforçam para se livrar do egoísmo e desenvolver os sentimentos.

De acordo com o que julgo ter compreendido, o budismo diz que a causa dos males do ser humano se deve à existência do desejo nele e que a supressão do desejo lhe trará paz interior e avanço espiritual. Que opinião você tem sobre isso?

Bem, é preciso distinguir de onde vem o desejo. Um desejo egoísta não é o mesmo que um desejo motivado por sentimentos. Algumas pessoas confundem a supressão do desejo egoísta com a anulação de todo o desejo e, então, chegam à conclusão de que devem anular a sua vontade para avançar espiritualmente e isso é um tremendo erro, muitas pessoas aproveitam para manipular os outros. Aquele que você chama de Buda sabia que a causa do mal no ser humano era o egoísmo e que era necessário a sua eliminação para que ocorresse o avanço espiritual e se referiu ao desejo egoísta como aquele impulso que o ser humano deve tentar eliminar do seu interior para poder ser capaz de ser feliz.

Porém, como sempre, com o passar do tempo, as palavras e os ensinamentos são mal-interpretados e os seres que não são suficientemente avançados espiritualmente têm dificuldades em distinguir o verdadeiro do deturpado e aceitam um ensinamento adulterado apenas porque está envolvido pela aparência de espiritualidade.

Tem algum exemplo?

A atitude em relação ao sexo. Há pessoas que julgam, porque em muitas religiões foram levadas a acreditar, que o desejo sexual, por ser desejo, deve ser suprimido caso se pretenda avançar e colocam todo o seu empenho na repressão dos seus desejos sexuais, em qualquer circunstância. Este é um grande equívoco, pois o desejo sexual também pode ser despertado como manifestação do amor conjugal que traz felicidade, e do qual eles se privam equivocadamente. Quem bem entende vai perceber que é o desejo sexual proveniente da luxúria ou da lascívia, ou seja, o desejo sexual egoísta, contra o qual se deve lutar para superá-lo. Nesse caso, o avanço consiste em garantir que o desejo da sexualidade esteja em sintonia com o sentimento, não como manifestação de um vício. Portanto, não confunda a eliminação da luxúria ou da lascívia, ou seja, manifestações da sexualidade egoísta, com o puritanismo, que considera toda a manifestação da sexualidade como algo pernicioso. Já dissemos que também é uma manifestação de sentimento, um reflexo do amor conjugal. O puritanismo não é santidade, mas sim preconceito e repressão, e aquele que mais se escandaliza com os outros é, quase sempre, quem mais se esconde de si mesmo por meio de preconceitos e repressões.

Você já disse que existem pessoas que confundem espiritualidade com religião. Qual a diferença entre espiritualidade e religião? Algumas pessoas acreditam que são a mesma coisa.

Não são a mesma coisa. A espiritualidade é uma qualidade e capacidade individual do espírito, que o estimula a evoluir cada vez mais. Evoluir implica desenvolver livremente a capacidade de amar e, assim, alcançar progressivamente níveis mais elevados de sentimento, sensibilidade, consciência, compreensão, sabedoria e felicidade para entender, entre outras coisas, qual é o sentido da sua existência e do que o rodeia, o desenvolvimento da sua ligação com o restante dos seres da criação e com o seu Criador e como funciona o universo do qual faz parte, incluindo as leis que o regem. As religiões são organizações humanas com uma estrutura hierárquica que se constituem em torno de uma série de crenças dogmáticas, mais ou menos corretas, que não admitem discussão, que funcionam segundo o critério de autoridade, ou seja, aquele que tiver mais autoridade dentro da estrutura hierárquica é quem tem o poder de decidir quais são as crenças verdadeiras e adequadas nas quais todos devem acreditar.

Como é possível que, se o amor ao próximo é a base da maioria das religiões monoteístas, e com tantas pessoas no mundo crentes em Deus, ao mesmo tempo haja tanto egoísmo e falta de amor no mundo?

Já falamos sobre isso anteriormente. Em muitas religiões, o amor é apenas uma palavra morta, usada como gancho para fisgar, mas não é vivida ou demonstrada pelo exemplo. Além disso fica ofuscado por outras normas e crenças às quais são atribuídas maior relevância, muitas delas em contradição com a própria lei do amor e o restante das leis espirituais. Por exemplo, obrigar os fiéis a acreditar sem contestação em uma série de dogmas viola a lei do livre-arbítrio, pois se impede a liberdade de crença. As religiões são um fenômeno ligado ao egoísmo do ser humano, pois manipulam a espiritualidade individual por conveniência do egoísmo de poucos. Em épocas passadas, as autoridades das religiões dominantes impuseram o seu credo à força e aqueles

que não se submetiam eram aniquilados. Seu poder era tal que não havia possibilidade de dissidência sem arriscar a própria vida. Na atualidade, embora com menos força, ainda em alguns países a religião continua a ser um jugo que oprime a liberdade do ser humano.

Você quer dizer que as religiões são um obstáculo para a evolução do ser humano em direção ao amor?

O que quero dizer é que o egoísmo humano é um obstáculo à evolução no amor, pois é tão habilidoso que se infiltra na espiritualidade do ser humano para adulterá-lo e manipulá-lo e o resultado dessa mistura entre a espiritualidade e o egoísmo é o que dá origem às religiões. Já comentamos que muitas das religiões têm o seu ponto de partida em missões de seres mais evoluídos, que transmitiram mensagens espirituais verdadeiras que conseguiram penetrar os corações das pessoas, mas, com o tempo, essas mensagens foram adulteradas e deformadas por espíritos pouco evoluídos com desejo de protagonismo e ambição, com o propósito de satisfazer as suas ânsias de poder e riqueza. Sob a influência desses seres movidos pelo egoísmo as verdadeiras leis espirituais foram substituídas pelas leis do egoísmo, que são revestidas de espiritualidade aparente pelos adornos dos rituais e cerimônias.

Algum exemplo de como as verdadeiras leis espirituais foram substituídas pelas leis do egoísmo?

Sim. Em seu mundo, você substituiu a lei da justiça espiritual pela egoísta “lei do funil”, ou seja, a parte larga para você e a estreita para os outros. Cada um acha justo o que o favorece e injusto o que favorece os outros. Embora seja a mesma coisa, você vê de forma diferente, dependendo se é você quem o faz ou se são outros que o fazem. Você justifica as suas ações egoístas e critica as dos outros com fervor, apesar de serem idênticas. E aquele que se sente com mais poder de ação acaba impondo a

sua lei sobre a dos outros. Por exemplo, aqueles que ostentam o poder costumam desfrutar de privilégios que outros não possuem, como salários desproporcionais, pensões abusivas e isenções de impostos, enquanto outros cidadãos são obrigados a cumprir regras muito mais rígidas. Você substituiu a lei do amor pela lei egoísta da satisfação da riqueza e do sucesso, por isso entende que fazer o bem é agir para alcançar a satisfação de seus interesses e desejos materiais, o sucesso, a fama, uma vida confortável com abundância de caprichos e comodidades, ainda que seja à custa do sofrimento de seus semelhantes, e entende o mal quando experimenta a menor privação deles. Mas não é assim, fazer o bem, entendido corretamente, é agir em harmonia com a lei do amor e fazer o mal reflete atos contrários à lei do amor, geralmente atos egoístas que geram sofrimento e infelicidade. Você substituiu a lei do livre-arbítrio pela lei do mais forte. Em outras palavras, o mais forte obriga o mais fraco a fazer o que ele quiser. É por isso que em seu mundo se leva muito em conta quem diz as coisas, a sua posição, o seu título, a sua classe e não se o que dizem é verdade ou não. O humilde não é ouvido ainda que diga a verdade, enquanto o poderoso, o famoso, o bem-sucedido, o que se engrandece com patentes e títulos inventados pelo ser humano pode dizer o que quiser que tudo será levado em consideração. Muitas dessas celebridades transmitem mensagens falsas que servem para manipular e promover o fanatismo nas pessoas e, apesar disso, são consideradas acima dos outros. Esse domínio da “lei do mais forte” e o pouco respeito pela lei do livre-arbítrio é evidente quando se trata de autoridades religiosas. Como é possível que pessoas que se consideram espiritualmente avançadas sejam as mais intolerantes, incompreensíveis, rígidas, que apenas se empenham em cumprir escrupulosamente as normas e os rituais e em criticar os que não os seguem, que facilmente condenam os outros em suas ações e condutas, e quão pouco esforço colocam em corrigir em si mesmos os seus maus hábitos egoístas? Por

acaso a tolerância e a compreensão das ideias dos outros não é uma virtude espiritual? Onde se encontra essa virtude neles?

Mas eu entendo que pelo menos hoje em dia existem muitas pessoas que reconhecem esses comportamentos egoístas, que identificam a manipulação que ocorreu da espiritualidade dentro das religiões e que estão empreendendo uma busca por um conhecimento espiritual autêntico.

Isso é bom, mas saber não é suficiente. É preciso reconhecer o que é verdadeiro e separá-lo do falso, porque mesmo que apresente um suposto selo de conhecimento espiritual, nem tudo o que reluz é ouro. O mais importante é pôr em prática, em si mesmo, aquilo que se vai aprendendo a respeito dos sentimentos e do egoísmo, do contrário, também não avançará. Quero dizer, não confunda o progresso espiritual com o fato de conhecer determinados conhecimentos espirituais. Se o conhecimento adquirido, que deve servir para o avanço no desenvolvimento dos sentimentos, for utilizado para desencadear o egoísmo, refinadamente encoberto por uma aparência de espiritualidade, então cai-se na mesma armadilha em que caíram as autoridades religiosas.

O que você quer dizer?

Quero dizer que há muitas pessoas que se esforçam muito para conhecer e estudar os conhecimentos espirituais de diferentes fontes, mas então utilizam imediatamente o conhecimento adquirido com intenção de lucro ou como forma de adquirir fama, admiradores, protagonismo, julgando-se melhores que os outros; o que fazem, em vez de desenvolver os sentimentos, é desencadear sua vaidade. E isso é ainda mais grave, não apenas quando alguém se perde, mas também quando contribuem para confundir e desviar os outros do caminho espiritual, porque com o seu exemplo confundem quem as segue. Isso é exatamente o que Jesus denunciou no seu tempo, quando chamou os

sacerdotes judeus de “cegos guias de cegos”. Por isso é muito importante olhar para si antes de se lançar a “pregar” aos outros, porque quem não se observa primeiro, e não reconhece o seu próprio egoísmo e tenta eliminá-lo, não está em condições de servir como exemplo de conduta altruísta aos outros.

Poderia usar um exemplo para esclarecer esse ponto?

Vou lhe contar uma história como exemplo do que estou dizendo para você. Em uma turma de uma escola espiritual, um professor estava com o seu grupo de cem alunos. Eles estavam aprendendo sobre as diferentes etapas do egoísmo dentro do processo da evolução (a vaidade, o orgulho e a soberba) e como o egoísmo se manifestava em cada uma dessas etapas. Como resumo final de toda a lição, ele lhes disse: “A principal característica da vaidade é o desejo de protagonismo, o querer ser mais que os outros. A principal característica do orgulho é o medo de se tornar conhecido como você é. A principal característica da soberba é que, mesmo sendo os mais humildes de todos, ainda lhes faltam ser completamente humildes”. Após a explicação, ele pediu a cada aluno que de acordo com o aprendido se colocasse em um desses três níveis e, em seguida, cada um anotasse anonimamente em um papel. Em seguida, pediu que cada um colocasse o papel dentro de uma urna, com a intenção de fazer uma contagem para analisar coletivamente o nível evolutivo da turma. O professor, depois de apurar os papéis e analisar os resultados, disse aos alunos: “80 de vocês estão na etapa da vaidade, 19 estão na etapa do orgulho e apenas um está na etapa da soberba”. Diante dos resultados, os alunos, surpresos e contrariados, começaram a cochichar entre si. Eles perguntavam uns aos outros qual tinha sido a sua avaliação sobre si mesmos. Chegando a um acordo, escolheram um porta-voz, que se dirigiu ao professor para expressar sua discordância em relação aos resultados: “Professor, perguntamos uns aos outros o que cada um tinha escrito no seu papel e não corresponde aos resultados

que indicou, pois pelo menos dez pessoas se reconheceram como soberbas e você contou somente uma”. O professor, então, disse a eles: “Se não concordam, façam vocês mesmos a contagem”. Os alunos pegaram a urna com os papéis e realizaram a recontagem, resultando que 80 alunos se definiram na etapa da soberba, 19 votaram em branco e um se definiu na etapa da vaidade. À luz dos novos resultados, o porta-voz dos alunos tomou a palavra e disse: “Viu, professor? Nós tínhamos razão, pois a maioria se situou na soberba, como lhe dissemos”. O professor respondeu a eles: “Certamente vocês me deram o resultado da contagem, mas não me encontraram o resultado verdadeiro”. “Não entendemos o que você quer dizer”, disse o aluno que atuava como porta-voz, ao que o professor respondeu de bom grado: “Vou explicar agora mesmo. Os 80 que votaram pela soberba na verdade estão na etapa da vaidade, uma etapa que se caracteriza pelo desejo de protagonismo e por querer ser mais do que os outros. Quando souberam que a soberba era a etapa mais avançada, eles não quiseram ser os últimos, mas sim os primeiros em tudo, e se identificaram como estando na etapa superior. Os 19 que votaram em branco são, na verdade, os que estão na etapa do orgulho, que se caracteriza pelo medo de se dar a conhecer, por isso votaram em branco, pelo medo de se darem a conhecer. O único que votou vaidade, na verdade, é o que está na etapa da soberba, pois é o mais humilde de todos, já que, na dúvida, colocou-seno degrau mais baixo de todos”.

Então a falta de humildade é uma característica do soberbo ou não?

A falta de humildade existe em todas as etapas, na da vaidade, na do orgulho e na da soberba e é mais acentuada na vaidade do que nas outras duas, por se tratar de uma etapa menos avançada. O que acontece é que custa muito até se tornar verdadeiramente humilde e nem sequer os espíritos na etapa da soberba conseguiram se livrar totalmente dela. Quando dissemos que o

soberbo se caracterizava pela falta de humildade o fizemos porque já superaram outros defeitos e ainda lhes falta esse como principal defeito a superar, enquanto o vaidoso e o orgulhoso têm ainda outros defeitos a superar antes de enfrentarem a superação da falta de humildade. Algumas pessoas acreditam que, pelo fato de reconhecer que lhes falta humildade, já chegaram à soberba. Na realidade, identificam-se com essa etapa não porque gostam de reconhecer que lhes falta humildade, mas sim porque é uma etapa mais avançada do que a vaidade e do que o orgulho e apreciam ver a si no patamar mais alto do avanço espiritual, acima dos outros. Isso é uma característica própria da vaidade, o querer ser mais do que os outros, ou não querer ser menos do que ninguém.

Seria bom para mim se você me esclarecesse qual é exatamente a moral da história anterior, porque não me parece que tenha ficado muito clara.

O que eu queria demonstrar com essa história é que você tem uma grande dificuldade em admitir o seu próprio egoísmo. É por isso que se esforça tanto em disfarçá-lo, para não vê-lo, em vez de tentar realmente melhorá-lo; isso o faz estagnar irremediavelmente, porque quem não quer admitir o seu egoísmo não pode superá-lo. É por isso que você aceita muito mal os conselhos das pessoas que querem ajudá-lo e que lhe indicam quais são as manifestações do egoísmo que ocorrem em si. Você só quer que seus ouvidos sejam lisonjeados, mas não quer ouvir a verdade. Exalta aqueles que o elogiam enquanto critica aqueles que lhe dizem a verdade com a intenção de que avance. Assim é muito difícil progredir.

Mas não é verdade que estamos vivendo uma época de despertar espiritual e que existem muitas pessoas que desejam fazer algo pelos outros?

Há muitas pessoas hoje em dia que dizem querer despertar para a espiritualidade e que querem fazer algo pelos outros. Isso está correto. Porém, antes de ajudar os outros é preciso olhar bem para si e saber se o que pretende fazer é para ajudar os outros ou é para conquistar admiração e reconhecimento dos outros. Se for a segunda opção, então, é melhor não fazer nada. É bom olhar primeiro para si e ver até onde vai sua capacidade. Ajudar as pessoas não é fácil e requer uma grande preparação. Se não for treinado, pode se cansar nas primeiras mudanças ou pode confundir os outros em vez de ajudá-los.

Entendo, por suas palavras, que cada pessoa tem capacidade de amar e nem todos podem fazer a mesma coisa pelos outros. Mas, então, qual é o primeiro passo que alguém deve dar se quiser verdadeiramente amar ao próximo?

O primeiro passo sempre deve ser reconhecer seu próprio egoísmo e colocar muita ênfase em evitar agir com egoísmo em relação aos outros. Se esse passo não for realizado é impossível passar para etapas mais avançadas. O normal é que quase ninguém quer ter esse trabalho de se aprofundar em seu interior e reconhecer a parte egoísta. É por isso que fica estagnado logo no início do caminho e não progride nem mais um passo. Há pessoas que iniciam o caminho de ajudar os outros da maneira correta, recebendo a ajuda espiritual necessária para exercê-lo. Porém, acontece, muitas vezes, que as pessoas não se conformam com o que recebem, mas gostariam muito de receber mais e ter mais capacidade do que a que têm, porque se sentem bem nessa situação. Contudo, a capacidade interior não aumenta da noite para o dia, mas sim com grande esforço, com muito tempo de evolução, requer muitas vidas de persistência na eliminação do egoísmo e no desenvolvimento dos sentimentos. Apesar disso, há muitas pessoas que querem ignorar esse trabalho pessoal. Gostariam de uma varinha mágica para tocá-

las e transformá-las em magos capazes de realizar as maiores maravilhas. Gostariam de ser preenchidas não somente com amor, mas também com elogios e admiração dos outros e essa ambição as leva a acreditar que o que desejam é uma realidade. É quando o seu próprio defeito as leva a acreditar que os pensamentos sugeridos pelo seu próprio egoísmo são mensagens dos guias espirituais e que o que é feito agora com a intenção de obter protagonismo é uma ajuda altruísta prestada aos outros. Não se busca mais avançar espiritualmente, mas apenas aparentar. Algumas pessoas estão mais conscientes do que outras porque o egoísmo tem formas muito sutis e sugestivas de nos convencer. Se a pessoa não toma consciência disso, ela vai acreditar que está avançando espiritualmente quando, na realidade, a única coisa que está fazendo é aumentar o seu egoísmo. Existem formas de egoísmo que interferem especialmente no desenvolvimento do amor ao próximo e, se não forem combatidas, as pessoas passam a substituir a intenção de amar o próximo pela intenção de se aproveitar dele.

Quais são essas formas de egoísmo que interferem no desenvolvimento do amor ao próximo?

São a perfídia, a inveja, a ambição e a hipocrisia, o desejo de protagonismo e a arrogância.

Podemos tratar delas agora?

Sim.

Fale-me da perfídia.

Sim. A perfídia ou malevolência é o ego-sentimento que define aquele que age com a vontade ou a intenção de prejudicar propositalmente, que tem consciência disso e que encontra certa satisfação ou gozo quando consegue gerar sofrimento aos outros. A pessoa pérfida costuma empregar a sua inteligência para procurar uma maneira de provocar o maior dano possível sem

ser descoberta e, dessa maneira, desenvolve também a hipocrisia. A perfídia se alimenta de outros ego-sentimentos, como a inveja ou a ambição, de modo que a pessoa pífida costuma ser ao mesmo tempo invejosa e ambiciosa.

Fale-me da inveja.

A inveja é o ego-sentimento que se manifesta como a aversão ou a rejeição daqueles que possuem algo que se deseja obter. Esse algo pode ser uma posse material ou uma qualidade material, mental ou espiritual. Ou seja, você pode invejar alguém pela sua riqueza (posses materiais), pela sua beleza (qualidade material), pela sua inteligência (qualidade mental), pela sua bondade ou pela sua capacidade de amar (qualidades espirituais). A inveja está muito acentuada na vaidade, pois nasce do desejo de ser mais que os outros, o que faz com que alguém se compare constantemente com os outros com a intenção de ser mais do que eles. A pessoa presa pela inveja é capaz de traçar qualquer plano para humilhar, prejudicar ou criticar quem inveja. O invejoso se alegra com as desgraças dos outros e se entristece com as suas alegrias.

A inveja se manifesta da mesma forma nos diferentes níveis de evolução espiritual ou existem nuances?

Existem nuances. A inveja por questões materiais costuma ser característica desde a etapa da vaidade primitiva até à avançada, enquanto a inveja que é despertada por qualidades espirituais surge a partir da vaidade avançada e do orgulho, inclusive da soberba. O vaidoso avançado pode invejar tanto o aspecto material como o espiritual. O orgulhoso inveja, sobretudo, o espiritual e o sentimental.

Como exatamente se manifesta a inveja no invejoso?

O vaidoso inveja aqueles que possuem bens ou qualidades que ele próprio não tem. O vaidoso invejoso tem tendência para

humilhar aqueles que inveja, a difamá-los e criticá-los na frente dos outros para criar uma má imagem deles, ou seja, transforma a realidade para fazer crer aos outros que está sendo prejudicado pelo invejado ou para justificar ou encobrir as suas agressões em relação àquela pessoa a quem inveja. Eles tentarão atingir os seus objetivos de desacreditar as pessoas que invejam por meio da sugestão, da manipulação, da vitimização, da falsidade e do engano. Se não o fizerem dessa forma, podem recorrer a medidas mais diretas, como agressão verbal, intimidação, chantagem, coerção e até violência física. Eles se convencem de que estão certos e que os seus ódios e ressentimentos são justificados. Acima de tudo está a satisfação do seu desejo e não levam em conta os danos que isso pode provocar aos outros.

Como a inveja se manifesta no orgulhoso e o que exatamente ele inveja?

O orgulhoso, ao contrário do vaidoso, não costuma invejar as pessoas pelo que têm materialmente, mas sim por questões relacionadas aos sentimentos. A maior causa da inveja do orgulhoso são as relações que envolvem sentimentos. Se ainda não encontrou o amor e não é feliz, pode ter inveja dos sentimentos de amor que existem entre outras pessoas. Vamos dar um exemplo. O orgulhoso invejoso se apaixona por uma pessoa. Se essa pessoa não lhe corresponde porque ama outra, então o invejoso invejará o destinatário desse amor, por considerar que o outro tem o que ele desejaria para si. Ou seja, despertará nele uma hostilidade por aquela pessoa que ele considera sua rival, porque considera que o privou do seu amor. O orgulhoso preso pela inveja de sentimentos se esforça para não tornar conhecida a sua real situação sentimental. Ele esconde dos outros os seus sentimentos, ao mesmo tempo em que, sutilmente, procura conseguir o que deseja sem expressá-lo abertamente, pois tem medo da rejeição. Ele tentará exibir mais méritos do que o seu suposto rival para conquistar a pessoa que

supostamente ama. Ele pode usar da galanteria, dos bons modos, de insinuações, do charme e da persuasão. Diante da impossibilidade de conseguir o seu objetivo, ele se fecha na tristeza, na raiva e na impotência. Ele se isola e rejeita a ajuda que lhe é oferecida para sair da sua situação. Pode ferir sentimentos com maior profundidade do que o vaidoso, porque conhece os sentimentos melhor e pode utilizar o seu conhecimento para provocar estragos. Por exemplo, ele pode inventar uma trama para gerar discórdia entre o casal e dar a entender à pessoa objeto do seu amor que o seu parceiro, na realidade, não a ama de verdade. Se conseguir semear a dúvida, aproveitará para se tornar o substituto. Cego pela inveja, ele não nota que está violando o livre-arbítrio do ser que supostamente ama, pois não respeita a sua vontade nem admite que os sentimentos da pessoa amada se dirijam a outra pessoa que não a ele.

Como se pode superar a inveja?

Em primeiro lugar, admitir que está com inveja, reconhecendo isso. Os orgulhosos têm mais consciência de que invejam do que os vaidosos, pois têm mais consciência dos ego-sentimentos. Infelizmente, a inveja é um sentimento de ego muito frequente em seu mundo e a maioria dos invejosos não se reconhecem como tal, estagnando-se, pois, quem não reconhece seu mau hábito, não pode proceder para modificá-lo. Para vencer a inveja, você tem que renunciar ao desejo de ser mais que os outros, renunciar ao desejo de possuir o que os outros possuem e tomar consciência de que a felicidade não depende de tirar nada dos outros, mas de despertar suas próprias qualidades e sentimentos. Pelo contrário, tanto a perfídia como a inveja são grandes causas de infelicidade, uma doença do interior, pois alimentam os mais perniciosos ego-sentimentos e muito contrários ao amor ao próximo, porque geram rejeição aos outros, que podem ser de maior ou menor intensidade. Pode

variar de antipatia, repulsa e ressentimento ao ódio. A impossibilidade de conseguir o que se deseja também gera raiva, desamparo e tristeza.

E como se pode superar a perfídia?

É um mal que tem difícil solução por meio da compreensão e da consciência, pois quem sofre de perfídia age com plena consciência de que está causando o mal. Pessoas pérfidas são seres muito teimosos para gerar sofrimento. Geralmente, até que sofram em si o que fizeram aos outros, não começam a se mover. Nesses momentos de fraqueza e vulnerabilidade, um ato de amor incondicional e desinteressado vindo daqueles que foram suas vítimas no passado pode ser o gatilho para sua mudança, pois desaloja todos os seus esquemas mentais. São seres acostumados a agir sempre de forma interessada. Eles não podem assimilar que aqueles a quem tanto prejudicaram, tendo a possibilidade de vingança, decidam perdoá-los e ajudá-los. É então que a perfídia geralmente se desfaz e muitas vezes é substituída por um sentimento de lealdade inabalável para com suas antigas vítimas que lhe concederam perdão e o ajudaram quando ele precisou, apesar de saber que eles não eram dignos de bondade ou socorro.

Fala-me agora da ambição.

Ambição é um desejo poderoso de querer possuir ou dominar. Se a posse procurada é de um tipo material, então ela se manifesta na forma de ganância e avareza. Ou seja, a ganância e a avareza são, na verdade, variantes da ambição. A ambição de poder e domínio sobre territórios e pessoas é outra variante da ambição. A pessoa ambiciosa também costuma ter inveja, porque aspira a estar acima de tudo e de todos e não permite que ninguém a ofusque. O ambicioso nunca está satisfeito com o que adquire e sente um desejo insatisfeito de possuir cada vez mais. Ele acredita que, ao atingir seus objetivos, será feliz. No entanto,

uma vez que ele consegue o que se propõe a fazer, não fica satisfeito, mas sempre quer mais. Então, procura uma meta ainda mais desmedida e difícil de alcançar.

Mas não existem pessoas que aspiram a objetivos nobres, como a paz mundial ou a erradicação da fome ou da guerra? Elas estão agindo incorretamente?

Não são ambições, mas aspirações. A diferença entre aspiração e ambição no sentido que damos à palavra aqui é que os ambiciosos não são movidos por ideais nobres, mas egoístas, por isso geralmente não têm escrúpulos quando se trata de agir. O ambicioso nunca para seu desejo de possuir e dominar porque nunca se contenta com o que possui. Em outras palavras, a ambição é insaciável e excessiva. O ambicioso não respeita nenhum código ético ou moral. Ele tem o conceito de que o fim justifica os meios e, portanto, não respeita o livre-arbítrio. É por isso que tende a impor seus critérios aos outros e não admite o fracasso. Ele fica muito irritado quando suas expectativas não são atendidas e muitas vezes procura maneiras mais agressivas e prejudiciais de tentar alcançar seu objetivo. É dizer, se não pode conseguir o que quer fazendo por bem, então faz por mal. É por isso que a ambição raramente é satisfeita sem prejudicar os outros.

Como se supera a ambição?

Tomando consciência de que esse poderoso desejo de possuir ou dominar não leva à felicidade, mas apenas gera confusão e mal-estar em si e sofrimento de todos os tipos nos outros. A ambição desenfreada é uma manifestação altamente prejudicial de egoísmo. Pessoas dominadas pela ambição desenfreada são aquelas que causam o maior dano e sofrimento à humanidade, mas também uma grande dívida cármica para elas mesmas. Os grandes criminosos da humanidade são os poderosos que pretendem ser os donos do mundo material, que movem os fios

da política e das finanças internacionais pelo seu capricho, pois em seu desejo de dominar o mundo não hesitam em tomar decisões que vão gerar sofrimento e morte para milhões de pessoas, se com isso aumentam sua riqueza e poder. Mas eles não percebem que todo o sofrimento que geraram se voltará contra eles quando retornarem ao plano espiritual. Tudo que você se esforçou para alcançar, tudo, absolutamente tudo perderá quando deixar o mundo material e o que encontrará quando for para o mundo espiritual é uma enorme dívida cármica, que começará com a experimentação em si de todo o sofrimento que gerou em outros. E até ter reparado todo o mal que fez, o seu espírito não deixará de sofrer, o que pode levar tanto tempo que pode chegar a parecer uma eternidade.

Fala-me agora da hipocrisia.

Mais do que um egoísmo em si, a hipocrisia é uma manifestação de vaidade. É o desejo de parecer ser o que não é, de querer dar uma boa imagem. O hipócrita é aquele que não quer progredir espiritualmente, mas apenas aparentar para ser elogiado e admirado. Não pretende mudar, mas apenas dar uma imagem ao exterior. É por isso que a hipocrisia é uma grande inimiga do avanço espiritual, já que a pessoa não trabalha para mudar e eliminar seu egoísmo, mas apenas para esconder seu egoísmo dos outros e dar uma imagem de falsa bondade. Geralmente são pessoas que agem com astúcia para se convencer de que realmente são boas e que agirão em favor dos outros quando na verdade agem para satisfazer seu próprio egoísmo. O comportamento hipócrita é muito comum na política, especialmente em época de eleições, pois todos os candidatos se esforçam para passar uma boa imagem e parecem desejosos de melhorar as condições dos cidadãos para convencê-los a votar neles, mas, uma vez que chegam ao poder, agem para promover seus próprios interesses ou aqueles a quem devem favores. Isso não só na política, em todas as áreas da vida tende-se a dar uma

imagem diferente de quem se é para tirar vantagem dos outros. É por isso que a hipocrisia é a grande inimiga do amor ao próximo, já que há muitos que fingem amar os outros quando por trás dessa aparência de bondade escondem propósitos egoístas, que podem ser desejos de reconhecimento, fama, riqueza ou poder.

E como podemos diferenciar alguém que age com verdadeira bondade de alguém que apenas aparenta ser bom?

A pessoa que cuida age com sinceridade e desinteresse e mantém uma coerência entre o que diz e o que faz. O hipócrita constantemente se finge e se contradiz, pois diz uma coisa e faz outra. Isso o destaca. Por exemplo, muitas vezes eles se orgulham de ser humildes, quando a pessoa modesta nunca se gaba do bem que faz aos outros. Você só precisa fazer isso para se preencher. Enquanto isso, o hipócrita não faz nada por ninguém, a menos que receba algo em troca. O hipócrita em algum momento cometerá um erro e exporá seu propósito egoísta, nesse momento será possível desmascará-lo.

E que se pode fazer para superar a hipocrisia?

Primeiro, reconheça que você a tem e que precisa lutar para superá-la. Também seria bom perceber que passar a vida toda fingindo é exaustivo e cria um vazio e, portanto, infelicidade. Pensemos também que no mundo espiritual não há possibilidade de engano e que lá cada um é visto como é e não como tenta aparecer, com o que do ponto de vista espiritual é um esforço vão e inútil. A hipocrisia nasce do desejo de ser mais que os outros, por isso está intimamente ligada à vaidade e ao desejo de liderança. Quando esse desejo é renunciado, então é possível superá-lo.

Você pode me falar agora sobre o desejo de protagonismo?

Sim. Na realidade, já falamos disso anteriormente, não vamos nos estender muito, pois seria nos repetir. Em resumo, podemos dizer que o desejo de protagonismo é o desejo de ser o centro das atenções, para que os outros percebam você. O desejo de protagonismo ocorre com maior intensidade no estágio da vaidade devido ao desejo de obter fama, sucesso, admiração e elogios dos outros. O desejo de protagonismo também pode ser dado nos estágios de orgulho e soberba e, nesses casos, geralmente é motivado por um sentimento de vazio e um desejo de ser amado. O desejo de protagonismo em pessoas que estão no estágio de orgulho ou soberba é chamado de arrogância. O arrogante é aquele que se sente superior aos outros e age com prepotência e despotismo.

Mas há algo de errado em querer ser amado pelos outros?

Novamente digo que não, mas esta não é a maneira correta de procurar amor. Aquele que faz algo esperando algo em troca geralmente fica desapontado ou zangado se esse algo não acontecer, o que reflete que ele não fez coisas por amor aos outros, mas por interesse. Quem ama de verdade se preenche do que faz pelos outros sem necessidade de reconhecimento. Devemos também ter em mente que a decisão de que alguém nos ama não está em nós, mas na vontade desse alguém. Forçar esse sentimento em relação a nós, exigir isso como forma de gratidão pelo que fizemos por aquele alguém, seria uma violação do seu livre-arbítrio.

Como você supera o desejo de protagonismo e a arrogância?

Praticando a humildade.

E que é exatamente a humildade? Poderia defini-la?

Poderíamos definir humildade como a qualidade espiritual que caracteriza as pessoas que agem com total sinceridade, transparência e simplicidade, capazes de reconhecer seus

defeitos e erros e que não ostentam suas virtudes. A humildade é uma qualidade que é essencial desenvolver para ajudar espiritualmente os outros, porque sem ela é fácil cair no egoísmo ou na autoadoração, envaidecimento e arrogância.

E como a falta de humildade pode levar ao egoísmo, ao envaidecimento e à arrogância?

Se alguém que demonstra interesse em ajudar os outros consegue captar a atenção de um número cada vez maior de pessoas e carece de humildade, com certeza ficará deslumbrado, fascinado. Seu desejo de destaque certamente irá disparar, porque ele se sente o centro das atenções de muitas pessoas. Como não reflete sobre seus defeitos, acabará acreditando que é melhor que os outros e que está acima deles. O que motiva essa pessoa nesse momento, acima de tudo, é atrair atenção, admiração e elogios de um número cada vez maior de pessoas. Embora tudo isso possa ser dado de forma tão sutil, com tão boas maneiras, que a princípio só é perceptível para um espírito com grande capacidade de captar o interior espiritual. Ao mesmo tempo, a inveja pode ser despertada por aqueles que demonstram maiores aptidões espirituais do que ele, visto que os consideram rivais que lhes roubam seguidores. De maneira astuta e maliciosa, pode vir a menosprezá-los se eles descobrirem que seus defeitos são evidentes na comparação. Também tendem a elevar a uma posição de privilégio, mas subordinados à sua, aqueles que, sem ter capacidade suficiente, são seguidores obedientes de suas ordens. Nesse momento, a motivação para ajudar os outros já está em segundo plano, embora ainda seja usada como um disfarce para conseguir mais seguidores. Tudo isso porque não se cultivou a humildade, quer dizer, não se procedeu com total sinceridade, transparência e simplicidade, não houve reconhecimento de defeitos (desejo de liderança, arrogância, inveja) e se fez alarde de supostas virtudes.

Visto desta forma, parece impossível amar o próximo e ajudar os outros, pois é muito difícil alcançar aquele estado de humildade necessário para não se deixar levar pelo desejo de liderança. Quero dizer, você pode amar os outros e ajudar seu próximo sem cair nas armadilhas do egoísmo?

Claro que pode! É possível quando você faz as coisas com o coração e está vigilante com seus próprios defeitos, reconhecê-los quando eles se manifestam e lutar para que não dominem sua vontade. Você pode fazê-lo quando não é presunçoso ou pretensioso, nem quer ir além do que sua própria capacidade pode alcançar. Quando você tenta ajudar os outros, não deve fazer coisas com o propósito de se destacar dos outros, nem para entrar em competição nem em comparação com o que fazem, mas apenas porque está preenchido com a satisfação de ver que aquela ajuda teve um impacto benéfico para alguém. Essa é a maneira de nos movermos de forma constante e segura em direção ao amor incondicional.

OS DEZ MANDAMENTOS À LUZ DA LEI DO AMOR

Qual é a origem dos Dez Mandamentos? O próprio Deus os ditou, são invenção de Moisés ou obra de outro ser humano?

Deus mesmo, não. Isso seria ir longe demais. Mas é verdade que aquilo o que chamam de Mandamentos originais foram transmitidos a Moisés por seres de evolução superior e que, pelo seu elevado nível evolutivo, podem ser considerados mensageiros de Deus.

E qual foi a intenção desses seres ao transmitir os Mandamentos?

Dar noções básicas às pessoas daquela época de por onde passava a espiritualidade. Mais que mandamentos, eram conselhos, pois os seres de alta evolução nem exigem, nem obrigam a nada. “Mandamentos” é uma tradução equivocada, mas, se lhe agrada a palavra, continuaremos a empregá-la.

Cara, fico contente que, pelo menos, haja nisso alguma coisa de verdade.

Isso não quer dizer que não tenham sido objeto de manipulações, modificações e acrescentos.

Foi o que pensei! E o que é que foi objeto de manipulação e o que não foi?

Se você quiser, nós os revisamos um por um. Algumas manipulações você pode ver, por serem mais recentes e evidentes, simplesmente comparando o que diz o texto do Antigo Testamento com o decálogo que ficou como oficial da Igreja Católica.

Certo, começemos pelo primeiro mandamento. Segundo a Igreja Católica é “Amarás a Deus sobre todas as coisas”. O que você tem a dizer sobre este?

É um bom mandamento, apesar de não aparecer no texto do Deuteronômio onde, supostamente, Jeová transmitiu os mandamentos a Moisés. Jesus disse isso quando um escriba do templo lhe perguntou “Qual é o primeiro mandamento de todos?” E ele respondeu: “O primeiro é ouve, Israel, o Senhor nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com toda a tua mente e com todas as tuas forças”. O segundo é “Amarás ao próximo como a ti mesmo”, contudo, o texto do Deuteronômio diz “Não terás outros deuses diante mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima, no céu, nem em baixo, na terra, nem nas águas, debaixo da terra; não te inclinarás perante nenhuma imagem, nem a honrarás”.

E qual é o verdadeiro?

As duas mensagens são espiritualmente avançadas. A de Moisés era uma alegação contra o politeísmo e a idolatria, tão frequentes naquela época. Pretende passar a mensagem de que existe um único Deus e que a adoração de imagens não tem nada a ver com Deus nem com a espiritualidade. Ou seja, diz ao ser humano “Não construa imagens para as adorar como se fossem deuses”. O de Jesus, para além de confirmar que há um só Deus, acrescenta algo mais avançado: amarás a Deus e ao próximo como a ti mesmo, um bom resumo da lei do amor.

Se as duas estão certas, qual é o problema?

Nenhum para mim. O problema deve ser para aqueles que acreditam cegamente que os Dez Mandamentos da Igreja Católica estão escritos em Deuteronômio tal e qual foram transmitidos por Jeová, Yahweh ou como você quiser chamá-lo, Moisés, porque não é verdade. Existe a fraude moderna. Se seguirmos o que a Bíblia diz, o primeiro mandamento pertenceria a Jesus e não a Moisés.

E qual terá sido o motivo dessa alteração?

O primeiro Mandamento, segundo o Deuteronômio, diz ao ser humano “Não construas imagens para as adorar como se fossem deuses.” Se reparar com atenção, a Igreja Católica não cumpre esse mandamento, porque põe muita ênfase na adoração de uma multidão de imagens de santos, virgens e o próprio Jesus em mil versões diferentes. Uma maneira de evitar essa contradição, já notada por reformadores como Lutero, era simplesmente eliminar esse mandamento e substituí-lo por outro menos incômodo.

E o que é que terá levado o catolicismo a inclinar-se para a adoração de imagens?

Já dissemos que a Igreja Católica, a partir de Constantino, absorveu costumes e rituais de religiões anteriores. Nelas era frequente a adoração de imagens dos “deuses”. Era um costume muito enraizado em muitos lugares do Império Romano e uma conversão forçada, como a que decretou Constantino, não podia eliminá-lo de imediato. Além disso, também não conviria eliminar esse costume, pois todo esse culto das imagens e correspondentes oferendas era uma maneira de entreter as pessoas para que não se atentassem aos valores verdadeiramente espirituais, nem questionassem a sua forma egoísta de comportamento, tão oposta a eles. As figuras dos deuses masculinos de antanho passaram a ser Jesus e os santos, e as femininas, a Virgem e as santas. Apenas as imagens de animais foram excluídas, dada a impossibilidade de assimilá-los aos protagonistas da nova religião. Se o que digo o surpreende, veja o fenômeno mais recente, mas semelhante, que ocorreu após a conquista da América e a evangelização forçada de populações autóctones, onde os mesmos ritos e adoração de divindades pré-colombianas continuam a ser realizados, só que agora os nomes dessas divindades foram substituídos pelos dos santos da Igreja. Essa é uma das razões pelas quais os judeus

não adoram imagens, enquanto os cristãos católicos, sim, apesar de, supostamente, essas duas religiões aceitarem como válidos os Dez Mandamentos.

Gostaria que me falasse com maior profundidade da concepção que se tem no mundo espiritual dos rituais, já que os seres humanos, por meio das religiões, baseiam grande parte da sua crença no suposto caráter sagrado do ritual.

Os rituais são jogos que o ser humano inventa erroneamente acreditando que com isso está se aproximando de Deus, mas na realidade são uma capa que o impede de acessar a espiritualidade autêntica. Os rituais variam de tempos em tempos, dependendo dos costumes e do nível de sensibilidade das comunidades humanas. No passado, os rituais eram atos terríveis de barbárie, pois seres humanos eram torturados e sacrificados na crença de que isso agradava aos deuses. Mais tarde, o sacrifício humano foi substituído pelo sacrifício animal, que ainda persiste em muitas sociedades. Graças a Jesus, o sacrifício de animais como ato ritual caiu em desuso nas comunidades cristãs e foi substituído por rituais menos agressivos. No entanto, saiba que nem Deus nem os guias espirituais pedem ou precisam de rituais ou oferendas para conceder sua ajuda. Eles consideram isso uma característica das humanidades pouco avançadas e se entristecem quando geram destruição de vidas, sofrimento e dor e pela ilusão que aqueles que os realizam causam a si mesmos, uma vez que os rituais que geram danos, como sacrifícios humanos ou animais, na realidade, produzem o contrário, o endividamento espiritual, pois são atos contrários à lei do amor, enquanto os inofensivos são irrelevantes do ponto de vista espiritual. Nem precisam ou pedem peregrinações a lugares sagrados, ou renúncias absurdas, como jejuns prolongados, ou açoites, ou castigos físicos que geram dor inútil e colocam em risco a saúde e não beneficiam ninguém. Apenas a vontade sincera de avançar é necessária. Já dissemos

várias vezes, mas repetimos: a única coisa que serve para progredir espiritualmente é o progresso que fazemos na eliminação do egoísmo e no desenvolvimento dos sentimentos e isso tem que se manifestar no dia a dia . Portanto, não existem atalhos, ou seja, não existem práticas ou rituais que permitem atingir esse objetivo sem o seu próprio esforço, como muitos gostam de acreditar. Rituais, como adoração de imagens, orações repetitivas, todos são espiritualmente fúteis.

Também há pessoas que prometem a aquisição de poderes espirituais por meio de certos ritos ou feitiços. O que há de verdadeiro nisso?

Nada. Com certeza, trata-se de promessas falsas que apenas podem enganar os incautos. Já dissemos que o desenvolvimento de certas capacidades, como a telepatia ou a clarividência, está exclusivamente ligado ao avanço espiritual no amor. Portanto, ninguém vai adquirir superpoderes por meio dessas práticas.

Perdoe a insistência neste ponto, mas qual sua opinião sobre a feitiçaria e o ocultismo? É verdade que funcionam? Quero dizer, pode-se conseguir que certos espíritos colaborem nas súplicas que se fazem, mesmo com a intenção de fazer mal, como o mau-olhado ou o vodu? Há algum fundamento?

Nem a bruxaria, nem os feitiços se podem considerar práticas espirituais. De igual modo que os rituais e os feitiços são uma brincadeira, às vezes inofensiva, quando o que se pede não implica prejuízo para ninguém, como aquele que pede para ganhar na loteria, mas, por vezes, são muito macabros, pois o pedido é feito com a intenção de prejudicar outras pessoas, manifestando-se assim uma intenção egoísta. É verdade que existem espíritos negativos que se podem associar a certas súplicas de encarnados com maus propósitos, que têm o mesmo tipo de más intenções e que podem tentar prejudicar pessoas concretas. Isso não quer dizer que o consigam, pois consistiria

numa violação do livre-arbítrio dos encarnados se a esses espíritos fosse permitido prejudicar alguém apenas por meio do seu desejo ou da vontade de outro encarnado em lhes fazer mal. Se os espíritos negativos tivessem capacidade para prejudicar quem quisessem, garanto que virariam tudo de pernas para o ar sem poupar ninguém. Já dissemos que seu nível de influência é limitado e só podem influenciar negativamente aqueles que, por suas baixas intenções, permitem essa má influência, ou que, por medo e autossugestão, acabam acreditando que ela é real. Portanto, a melhor proteção que se pode ter contra a influência de espíritos negativos é sua própria atitude perante a vida. Aquele que procede de forma correta na vida, procurando não prejudicar os outros, protege-se automaticamente contra esse tipo de influências. É mais provável que aquele que quer prejudicar os outros por meio da feitiçaria seja a vítima mais frequente desse tipo de práticas, pois atrai para si a influência daqueles mesmos espíritos negativos que, perante a impossibilidade de prejudicar os outros, alimentam-se daquele que lhes abriu a porta com as suas más intenções. Pela lei de causa-efeito, aquele que fez uso da feitiçaria contra os outros se arrisca a, no futuro, ser a vítima de atos de feitiçaria de outros e, dessa maneira, experimentar em si as consequências do mal que provocou contra os outros.

Então, que opinião você tem das pessoas que dizem que se sentem mal porque alguém jogou mau-olhado ou porque se sentem atormentadas por algum espírito negativo?

Na maioria dos casos, isso não é verdade. É verdade que eles se sentem mal, mas não é porque ninguém jogou mau-olhado, mas por causa de seus próprios problemas emocionais ou atitudes egoístas. Existem pessoas que acreditam que os espíritos podem prejudicá-las, o medo as invade e criam em sua imaginação os seres malignos que tanto temem. Isso as torna emocionalmente fracas e deprimidas, gerando desconforto pessoal por

autossugestão. Tudo isso porque é mais fácil culpar os outros pelo desconforto do que mergulhar em si mesmo para saber de onde vem esse desconforto.

Mas, pode ou não haver casos reais de influência de espíritos negativos? Existem pessoas endemoniadas ou possuídas por espíritos malignos?

Não existem endemoniados porque o demônio não existe. A maioria dos “endemoniados” que aparecem nas Escrituras são, na realidade, doentes mentais, pessoas com transtornos psicológicos muito fortes, alguns devido a terem vivido circunstâncias altamente traumáticas, enquanto outros podem tratar-se de vítimas de doenças infecciosas, como a raiva. Porém, é verdade que, quando alguém desenvolve ego-sentimentos, pode atrair a influência de espíritos negativos que ainda os alimentam mais. E não é porque eles colocaram uma maldição sobre eles e que ela seja eficaz, mas sim porque é um processo causado por nós mesmos. Mas é verdade que pode haver pessoas influenciadas em maior ou menor grau por espíritos obsessores por diferentes motivos: uns porque pediram para contatar espíritos negativos, outros porque têm alguma fraqueza que atrai sua influência, como o vício em drogas, ou porque eles mantêm atitudes egoístas altamente negativas. Outras influências ocorrem porque o encarnado cometeu atos negativos no passado contra o espírito desencarnado que o assombra e deseja compensar o dano recebido, mas normalmente essa influência é bastante limitada, geralmente se limita a gerar pensamentos negativos na mente da vítima e nunca se torna uma posse. As pessoas que têm o dom da mediunidade podem ser importunadas de uma forma mais agressiva pelos espíritos negativos, pois a sua própria natureza facilitadora de contato com o mundo espiritual as predispõe a que esse contato seja mais intenso. No entanto, isso apenas acontecerá no caso de elas se deixarem levar por baixos instintos ou atitudes perversas. Os

casos de possessão que se vêem nos filmes de terror são pura fantasia.

Nesses casos, como é possível a alguém libertar-se da sua influência? Os chamados “exorcismos” têm algum poder para libertar das influências dos espíritos negativos?

Já dissemos isso. Se há um espírito negativo o incomodando, geralmente é um reflexo que, devido à sua atitude, permitiu que ele entrasse. Uma mudança de atitude positiva, ou seja, abandonando os maus hábitos gerados pelo egoísmo, liberta dessa influência, não pela prática de algum feitiço ou ritual específico, como o que você chama de exorcismo, que, além de inútil, também é ridículo.

As limpezas energéticas, baseadas na transmissão de energias à pessoa afetada, podem servir de ajuda para livrar da influência de um espírito negativo?

Ajudam se o transmissor dessas energias for um bom canal energético e não usar a sua capacidade com fins egoístas, pois os espíritos avançados podem atuar através dele para o libertar daquela influência. Porém, se essa pessoa mantiver sua atitude negativa, esse efeito será passageiro. Portanto, não depende dos outros, mas sim de si mesmo libertar-se das influências dos espíritos negativos.

Há pessoas que são sensíveis e que podem perceber ambientes onde há espíritos negativos sem que se trate de uma má atitude delas próprias?

Sim. Podem sentir-se cansadas e esgotadas, porém, esse mal-estar será passageiro e desaparecerá logo que se abandona o local. Ou seja, nenhum espírito negativo vai "grudar" nela para atormentá-la pelo fato de ter estado em um ambiente frequentado por espíritos de baixa vibração, como algumas pessoas acreditam. Às vezes, esse mau ambiente é provocado

pelos próprios encarnados com os seus ego-sentimentos. As pessoas sensíveis podem captá-lo e sentir-se mal, mas será apenas uma sensação passageira.

É verdade que alguns espíritos provocam os chamados “fenômenos paranormais”, como objetos que se movem, luzes e aparelhos que se ligam sozinhos ou até mesmo vozes ou imagens que se detectam em dispositivos de vídeo e áudio e que provocam um grande temor naqueles testemunham esses fenômenos?

Sim, mas isso não significa que tenham uma intenção negativa. Às vezes são apenas espíritos que tentam contatar os encarnados porque querem dar a entender que continuam vivos. Costumam ser pessoas que desencarnaram recentemente, que ainda estão agarrados à vida física e que não querem abandonar o ambiente em que viveram nem as relações que tiveram e tentam chamar a atenção dos seus mais chegados para lhes fazer saber que continuam vivos. Tentam se comunicar e tocar-lhes, porém, como as suas possibilidades de comunicação e contato com os encarnados são limitadas (depende da sensibilidade do encarnado), estes não se dão conta da sua presença. Às vezes conseguem interferir com os aparelhos que funcionam com eletricidade (acendem e apagam lâmpadas, o televisor, o rádio), pois é mais fácil para eles interagir com a energia do que com a matéria. Inclusive, às vezes, podem mudar objetos de lugar com a colaboração da energia de algum encarnado que possua alguma espécie de faculdade mediúnica. Tudo isso assusta muito os encarnados pela ignorância do que está acontecendo quando, na realidade, não é costume haver má intenção, apenas desejo de chamar a atenção e inconsciência do medo que podem causar nos encarnados.

Pode-se, de alguma maneira, ajudar esses seres desencarnados para que se deem conta da sua situação e possam continuar a seguir o seu caminho no plano espiritual?

Isso depende mais deles do que de vocês, porque no plano espiritual têm a ajuda que precisam para prosseguir, mas às vezes têm dificuldade em se desligar dos laços que os prenderam ao mundo material. Os espíritos que lhes dão assistência esperam que, de sua livre vontade, decidam continuar o caminho. Também é positivo falar com eles mentalmente, porque nesse estado eles captam os pensamentos. Pode-se explicar qual é a sua situação, ou seja, que já saíram da vida física (alguns estão tão confusos que nem sabem que desencarnaram) e que não podem ficar ali indefinidamente, que devem se permitir ser ajudados por seus companheiros e entes queridos do plano espiritual. O que mais os pode ajudar é evitar os sentimentos de pena e desolação pela perda, porque isso retém os menos preparados. O desencarnado sente compaixão quando os seres queridos sofrem pela sua ausência e causa-lhe pena deixá-los sós nesse estado. A superação desse estado de perda e dor permite-lhes prosseguir com mais tranquilidade.

Pode-se contatar com esses familiares desencarnados por meio de médiuns ou videntes que servem de intermediários?

O contato pode-se estabelecer espontaneamente por meio de sonhos ou vivências conscientes, porque o falecido costuma desejar despedir-se do encarnado e aproveita os momentos de maior sensibilidade para o contatar. Se isso não suceder espontaneamente, não faz sentido provocá-lo. Por vezes, a ânsia de contatar os falecidos é tão grande que se cai nas mãos de oportunistas que, depois de pagar uma certa quantia em dinheiro, prometem o pretendido contato com o ser falecido e, muitas vezes, tal contato não é real. É apenas um fingimento. Vocês não devem se preocupar se não houver evidências imediatas de contato com o vosso ser querido desencarnado. A morte não existe e todos os falecidos continuam a sua vida no plano espiritual, mesmo que não se tenha tido esse contato. Se isso não acontecer, às vezes é devido à sua falta de preparo para

isso. Muitas vezes a tristeza o inunda e o impede de perceber o que a pessoa amada deseja transmitir a você. Um contato naquele momento poderia aumentar a sensação de perda e prolongar ainda mais o período de desprendimento e, portanto, o sofrimento. Supere sua dor e então talvez você possa ter o que deseja. Durante o sono, você se separa do corpo físico e pode chegar onde eles estão. Se você for sensível e receptivo, poderá se lembrar dessa experiência.

E qual é a sua opinião dos videntes e das pessoas que afirmam conseguir adivinhar o futuro ou penetrar o passado por meio da quiromancia, do tarô e de outras técnicas semelhantes?

O futuro não está escrito. O acesso às recordações do passado e às possibilidades do futuro de cada pessoa em particular, o que se denomina “registos akáshicos”, ainda que sendo possível, é algo muito restrito. É permitido ao encarnado aceder, excepcionalmente, ao seu registo pessoal, mas não ao de outras pessoas, e somente se isso puder ser considerado vantajoso para a sua evolução. Esse acesso acontece, geralmente, enquanto se está dormindo e recorda-se a experiência como um sonho ou premonição, podendo também ocorrer às vezes como visões num estado de relaxamento profundo. No entanto, não acontece quando se deseja, mas sim quando o mundo espiritual o considere oportuno. Que fique claro que os espíritos-guias não proporcionam o acesso a esse conhecimento para satisfação da curiosidade, da cobiça ou de algum tipo de interesse egoísta, que é o motivo principal pelo qual as pessoas querem saber coisas sobre o seu futuro ou o seu passado. Apesar disso, é assombroso observar a quantidade de pessoas que afirmam poder penetrar os registos akáshicos dos outros, muitas vezes após prévio pagamento de uma certa quantia, e poder conhecer o passado e o futuro de uma pessoa com enorme facilidade, apenas com o lançamento de umas cartas à sorte, abrindo ao acaso um livro, interpretando a posição das entranhas de um animal sacrificado

ou qualquer outro tipo de jogo ou ritual mais o menos macabro. Tudo isso é falso, claro.

Mas não é verdade que alguns desses videntes acertam nas suas previsões?

Na maioria dos casos, não. A aparência de sucesso vem do fato de que o suposto vidente age com astúcia e sabe bajular o cliente, ao mesmo tempo em que sabe extrair as informações necessárias para poder responder e dizer ao cliente o que ele quer ouvir. Um cliente satisfeito é um cliente regular que terá o prazer de pagar o preço da sessão novamente. Quem pode acreditar que seu destino ou seu futuro podem estar escritos em algumas cartas lançadas ao acaso? Não acontece que, se as cartas forem jogadas contra ele novamente após embaralhar novamente, algumas cartas diferentes aparecerão e em ordem diferente? Isso significa que seu futuro será diferente? Use o bom senso e perceberá que, por exemplo, o tarô nada mais é do que um jogo. Quem acredita que jogando cartas pode adivinhar o futuro ou penetrar o passado é como quem por jogar bem Banco Imobiliário se acha economista ou por saber jogar videogame de avião acredita que já é um piloto. Não misture jogos com espiritualidade, nem dê credibilidade àquilo que não tem fundamento. Tudo isso não é espiritualidade e, se você não está ciente disso, pode misturar mentiras com verdades e confundir espiritualidade com engano.

E nessa minoria de casos em que acertam e é verdade o que dizem? Por exemplo, quando dão certos detalhes da vida de alguém que estão certos, qual é a explicação?

É verdade que algumas dessas pessoas têm o dom da mediunidade, mas o usam de maneira incorreta, pois a mediunidade é um dom espiritual que não deve ser usado em vão ou para proveito, muito menos exercê-la como profissão. Alguns espíritos menos avançados juntam-se a eles porque acham

divertido ver as reações dos clientes quando acertam em algo do passado. Mas se têm razão, não é pelo que veem nas cartas, mas porque esses espíritos lhes dão algumas informações que são verdadeiras para ganhar a confiança do cliente, o que não quer dizer que tudo o que lhes é dito é verdade. Também existem pessoas com mediunidade que não têm má-fé no que fazem, mas, por causa de sua ignorância, foram levadas pelo egoísmo do mundo e misturaram sua verdadeira capacidade com práticas eruditas terrenas. Nesses casos, costumam receber ajuda de alguns espíritos que, embora não sejam muito avançados, não têm más intenções.

Qual é a sua opinião sobre a astrologia, quer dizer, a influência dos astros na vida das pessoas? E sobre os horóscopos e as cartas astrais? É verdade que sabendo-se a data e hora de nascimento de uma pessoa se podem predizer traços da sua personalidade ou de acontecimentos que se passarão na sua vida?

É verdade que todos os seres da criação estão interligados e que as estrelas possuem uma aura energética que influencia as demais estrelas e os seres que as habitam. Também é verdade que sua influência se torna mais intensa quando você está mais perto delas, assim como a força gravitacional é sentida em maior ou menor grau dependendo de quão perto ou quão longe você está da Terra. É verdade, igualmente, que determinadas influências astrais podem ser mais ou menos favoráveis para a realização de certos trabalhos espirituais e, sabendo disso, os espíritos avançados podem escolher momentos mais favoráveis para realizar certos trabalhos no plano espiritual. Mas saiba que são apenas influências, não determinações. O maratonista deseja sempre uma temperatura confortável e umidade moderada para a competição, pois sabe que essas são as condições mais adequadas para atingir uma boa nota, mas não é o bom tempo que o torna um bom maratonista, nem o mau tempo vai fazer dele um mau maratonista. A influência se restringe a modular

sua marca. Bem, é assim com as influências astrológicas. O espírito que está avançado o será independente da posição das estrelas no momento de seu nascimento e o que não é nem uma posição favorável das estrelas o tornará um espírito avançado. Quem é que pode imaginar que um espírito, que vai encarnar brevemente, vai ter uma vida diferente ou a sua personalidade vai ser diferente pelo fato de nascer duas semanas antes ou depois? Já não dissemos que a personalidade e o avanço espiritual daquele ser são o resultado de seu aprendizado espiritual realizado em inúmeras encarnações? Ou como podemos pensar que os acontecimentos de sua vida estão predeterminados pela data de seu nascimento quando estamos dizendo que as provas são escolhidas e preparadas antes de encarnar por livre escolha e que cabe à sua vontade e liberdade superá-las ou não? Que fique clara uma coisa: o futuro não está escrito. Se o futuro do ser humano fosse decidido pela data de seu nascimento, onde estaria então o livre-arbítrio? Se você se concentrar muito no que é acessório, perderá muito do que é importante.

Bom, falemos do segundo mandamento: “Não invocarás o nome de Deus em vão”. O que você tem a dizer sobre este?

Este, sim, está no Deuteronômio, ainda que mal traduzido. A tradução literal do hebreu é “Não utilizarás o nome de Deus para enganar”. Portanto, o problema deste mandamento não é ele em si, que está certo, mas sim a interpretação que se fez do seu significado, que tem a ver com a alteração que sofreu a tradução do hebreu original. Já falamos sobre isso antes, mas o faremos aqui com mais profundidade porque é muito importante. Muitas pessoas acreditam que “não falar o nome de Deus em vão” significa que eles não devem usar o nome de Deus em expressões rudes, que são muito comuns na linguagem popular. Ficam extremamente ofendidas ao ouvir alguém pronunciá-lo, sem pensar que quem fala nem se dá conta do significado da frase

que acaba de proferir. Consideram que é uma ofensa a Deus quando, na realidade, essas expressões, embora manifestem vulgaridade e falta de tato, são inofensivas e não têm qualquer tipo de consequência espiritual. No entanto, o verdadeiro significado deste mandamento é "você não deve usar o nome de Deus para justificar propósitos egoístas." Uma prática comum da humanidade foi e é violar esse mandamento. Em nome de Deus as maiores atrocidades foram cometidas. Tudo isso inclui desde sacrifícios de seres humanos em rituais à divindade, "as matanças de infiéis", as guerras ou cruzadas "religiosas", as evangelizações forçadas, as perseguições, torturas e assassinatos de "hereges" até a exploração dos humanos para enriquecer as elites do poder religioso e a manipulação das crenças religiosas para tirar proveito dos fiéis ou gerar discórdia e guerras entre os povos. Todos esses são propósitos egoístas muito prejudiciais que os humanos cometeram nos quais usaram o nome de Deus. Isso que é realmente sério e com consequências terríveis em um nível espiritual. E esse é o engano, fazer o mundo acreditar que foi Deus quem mandou fazer tudo isso quando tudo é fruto do egoísmo. É intolerável que mesmo as próprias escrituras sagradas sejam levadas a crer que Deus enviou o povo de Israel para cometer genocídios contra outros povos, ou que o próprio Deus, ou Moisés, que é considerado enviado por Deus, enviou pragas que causaram a morte dos primogênitos do Egito para forçar o faraó a libertar o povo de Israel. Se assim fosse, teríamos que admitir que Deus e Moisés se comportam com a mesma crueldade e desprezo pela vida de qualquer pistoleiro, assassino e genocida da humanidade.

Mesmo que seja para desviar do assunto, fiquei curioso quando você falou sobre Moisés e o faraó. Se não foi assim que aconteceu, o que realmente houve? Porque isso das pragas do Egito é dado como uma verdade absoluta dentro da religião.

Aconteceu que Moisés convenceu o faraó do Egito a deixar partir os hebreus porque, nessa altura, andavam de boas relações.

Então os hebreus não foram perseguidos pelo faraó com um exército para acabar com eles?

Eles foram perseguidos não pelo Faraó e seu exército, mas por pessoas poderosas do Egito que não concordaram com a decisão do Faraó. Quando souberam de sua partida, formaram uma força de mercenários para persegui-los. Eles planejaram prendê-los fora dos domínios do Egito para evitar o confronto com o faraó.

E que aconteceu depois? A Bíblia diz que foi Moisés, com a ajuda do poder divino, quem separou as águas do Mar Vermelho para que o povo hebreu atravessasse e, logo a seguir, deixou-as cair sobre os egípcios, que morreram afogados.

Não foi assim que aconteceu. Primeiro, não é verdade que Moisés dividiu as águas. A rota que Moisés havia traçado envolvia a passagem por uma área que normalmente fica submersa, mas ocasionalmente, devido aos efeitos do clima e das marés, o nível baixava temporariamente para permitir a passagem por determinados lugares. Isso era conhecido pelos conselheiros de Moisés, que o informaram quando aconteceria. Eles apenas esperaram a maré baixa para fazer as malas e partir. Até mesmo os trabalhadores do faraó trabalharam para condicionar as passagens. Quando os perseguidores, que estavam vários dias atrasados, chegaram àquele ponto, a maré já havia começado a subir. Estava claro que se eles entrassem naquela área, a maré iria pegá-los. Se eles tivessem usado o bom senso, não teriam feito o percurso. O que aconteceu é que a maré subiu mais quando eles cruzaram e eles se afogaram. Como você pode ver, não houve nada de sobrenatural no que aconteceu. Eles não morreram pela ira de Deus, como foi levado a crer. Eles morreram de raiva, porque o desejo de estender a mão aos

hebreus para destruí-los pesava mais do que o bom senso de preservar sua própria vida.

E por que a Bíblia conta uma história diferente?

Já disse que tudo é manipulado por interesses egoístas. Lembre-se de que os textos sagrados eram acessíveis apenas aos sacerdotes. Quando aqueles que o experimentaram em primeira pessoa já estavam mortos era relativamente fácil mudar a história para adequá-la a seus interesses. Os líderes da igreja hebraica, como costuma acontecer com outros, estavam interessados em colocar temor a Deus no corpo do povo para que fossem submissos e não se rebelassem contra seu controle, por isso criaram aquela figura do Deus castigador e de seu implacável braço executor, Moisés. Uma vez criado o mito, quando queriam obrigar o povo a obedecê-lo, bastava dizer que era a palavra de Deus falada por Moisés para fazê-los tremer e, de medo, obedecer.

Ufa! Gostaria de saber mais sobre o que aconteceu na realidade nessa época da história, pois isso teve muita influência nas crenças religiosas da humanidade.

Agora não é a hora, pois isso nos desviaria do assunto de que estamos tratando, que é muito importante. O que lhe disse tome como exemplo de como o ser humano, para satisfazer o seu egoísmo voraz, é capaz de manipular tudo, incluindo os ensinamentos espirituais, e até transmitir um conceito totalmente equívoco e aterrorizante de Deus e dos seus enviados.

Parece-me, então, que foram as autoridades religiosas, sobretudo as do passado, quem mais frequentemente infringiu esse mandamento, não?

Do passado e do presente. Ainda que agora seja feito de forma mais sutil, continua a ser utilizado o nome de Deus com propósitos egoístas. O nome de Deus ainda é usado para

justificar dogmas religiosos que são espiritualmente falsos e que impedem o progresso espiritual do ser humano. O poder que confere o status de alto cargo eclesiástico continua a ser usado para cometer abusos e crimes de toda espécie, embora muitos deles agora sejam feitos na clandestinidade porque, se os autores forem descobertos, serão levados aos tribunais. O poder político também faz uso da religião quando lhe convém para convencer seus cidadãos de seus propósitos egoístas e conquistadores, por exemplo, ir para a guerra. Ele os convence de que é Deus quem lhes pede esse sacrifício e que está do lado deles e os protegerá durante a batalha. Mas não são apenas as autoridades religiosas ou políticas que violam esse mandamento, embora por terem mais influência sejam as que mais prejudicam. Também individualmente, comportamentos egoístas e hipócritas, que sob o pretexto da ortodoxia religiosa, ou espiritualidade, restringem a liberdade e a vontade humana, e que obedecem ao desejo egoísta de controlar e manipular os outros, são uma violação desse mandamento. Também aqueles que tentam usar as crenças religiosas ou espirituais em seu próprio benefício estão quebrando o mandamento. Portanto, se desenvolvermos corretamente o comando "Não usarás o nome de Deus para justificar propósitos egoístas", concluiremos que isso também implica dizer "Não negociarás com espiritualidade". Ou seja, quem faz da espiritualidade um negócio também viola esse mandamento.

O que exatamente você quer dizer com "comércio de espiritualidade"?

Quero dizer que a espiritualidade é uma característica inerente a todo espírito pelo mero fato de existir. É um dom, uma qualidade que o mundo espiritual concede a cada ser para que seja a força e o guia que os impele a evoluir. A espiritualidade não é de ninguém em particular, mas de todos em geral. Uma vez que nos foi dada gratuitamente, devemos usá-la

gratuitamente, portanto, não pode ser negociada. Seria como se alguém quisesse se apropriar do ar e quisesse cobrar dos outros pelo direito de respirar. Se temos ao nosso alcance a capacidade e o conhecimento espiritual e deixamos o egoísmo, por meio da mente, se apossar deles, então o que deveria ser exercido como missão espiritual para ajudar os outros e para a nossa própria evolução, de forma desinteressada, irá se tornar uma ocupação material da qual lucrar. Tampouco se deve negociar com os dons que vêm do mundo espiritual, como a mediunidade em todas as suas manifestações, que também inclui a transmissão de energias, ou as ajudas e contatos que se recebem do mundo espiritual, já que tudo nos é dado como uma ajuda para a nossa evolução, não como uma mercadoria para negociar. Aquele que faz mau uso de um dom espiritual tem o auxílio espiritual retirado, visto que os espíritos evoluídos não colaboram com propósitos egoístas.

Pois bem, tem gente que diz que seu objetivo não é enriquecer, mas que depois de ter encontrado sua vocação no espiritual, quer se dedicar integralmente a ela, com o que não tem tempo para outro trabalho e, desde que precisam se sustentar em algo para viver, precisam cobrar pelo que fazem espiritualmente. O que você tem a me dizer sobre isso?

É quem lhes disse que estavam dispensados do trabalho material? Se a evolução espiritual diz respeito a todos e todos tomassem a decisão de deixar seus empregos para se dedicar "ao espiritual", de que viveria o mundo? Muitas pessoas hoje acreditam que sua transformação espiritual tem a ver com abandonar o trabalho material e se dedicar exclusivamente ao que chamam de trabalho espiritual. Na falta de renda do trabalho material, acreditam que se justifica cobrar pela transmissão de conhecimentos ou por dar conselhos sobre o espiritual, mas não é o caso. A evolução espiritual é totalmente compatível com o trabalho material e ninguém está dispensado dele, a não ser por

motivos de doença, velhice ou incapacidade física ou psíquica. Não utilize a espiritualidade para iludir as responsabilidades próprias da vida como encarnado, como a do trabalho, pois aquele que ilude o trabalho dando como desculpa a ocupação espiritual demonstra preguiça e desinteresse, não elevação espiritual. É necessário que todos trabalhem para viver e todos têm direito a receber uma remuneração justa por isso. O que não é justo é fazer do espiritual uma profissão material.

Quer me dizer que do ponto de vista espiritual é errado profissionalizar a espiritualidade?

Sim, está errado. A profissionalização da espiritualidade, como você a chama, é o que fez a religião e o sacerdócio existirem. Os padres acreditaram e fizeram as pessoas acreditarem que, fazendo o chamado trabalho espiritual (o que também não é verdade, porque dedicar tempo ao ritualismo e ao culto é um trabalho espiritualmente inútil), eles estavam isentos do trabalho material e para se sustentarem precisavam que os crentes ou fiéis contribuíssem com o dinheiro que não podiam ganhar. Repito, ninguém deve acreditar que está isento do trabalho material para se dedicar exclusivamente ao trabalho espiritual.

A Igreja Católica baseia-se em que é necessário fazer as coisas dessa maneira, a exemplo de Jesus e dos seus apóstolos.

Em que exemplo? Jesus era filho de um carpinteiro e trabalhou na carpintaria de seu pai enquanto ele morou lá. Embora seja verdade que quando iniciou a sua intensa missão não teve tempo para trabalhar como carpinteiro, nunca cobrou nada pelo espiritual nem pediu a ninguém que o apoiasse. Nem qualquer um dos apóstolos. Cada um contribuiu com o que tinha e nenhum deixou de cuidar da família e das obrigações laborais, pois combinavam o trabalho material com o espiritual. Observe que nenhum apóstolo era um sacerdote judeu, os únicos que não trabalhavam. Em vida, nunca se estruturaram como igreja, nem

se proclamaram sacerdotes, nem pediram a ninguém que os apoiasse. Eles apenas viveram humildemente e compartilharam o que tinham. Se precisamente os sacerdotes hebreus tinham tanta animosidade contra Jesus e seus seguidores era porque, como resultado de sua pregação, muitas pessoas pararam de ir ao templo para fazer sacrifícios de animais, que era o negócio que mais rendia ao clero judeu.

O que a Igreja fez de errado, neste caso a Igreja Católica, para se tornar quase igual à igreja hebraica, ao contrário do que seus fundadores fizeram e pregaram?

Já dissemos que Jesus e seus apóstolos não fundaram nenhuma igreja nem tinham intenção de fazê-lo. Foram outros que vieram depois que, fazendo mau uso da mensagem espiritual que seus antecessores lhes transmitiram, criaram essa instituição. Mesmo na forma de pedir fica evidente a importância que atribuem às instituições religiosas, pois delas falam como se tivessem vida própria. Lembre-se de que as igrejas não existem realmente, pois não têm consciência nem vontade em si mesmas, portanto, elas não fazem bem nem mal. São apenas estruturas materiais criadas e dirigidas por seres humanos específicos, embora possam mudar de tempos em tempos. Felizmente, a falta de vida física os impede de se perpetuar no poder além de algumas décadas. Melhor pergunta, o que o ser humano fez para transformar a verdadeira mensagem espiritual que lhe foi dada para usar em seu crescimento espiritual, justamente ao contrário, ou seja, em uma doutrina que o torna escravo, que anula sua vontade e a liberdade, que incentiva a exploração, o fanatismo e a desigualdade entre os seres humanos? A Igreja foi pensada, criada e perpetuada no tempo por espíritos que foram levados pelo seu egoísmo. Na verdade foi simplesmente uma reconversão de formas anteriores de opressão que assumiram o controle pela força de um movimento espiritual que estava saindo do controle. E aos poucos eles conseguiram.

O que você quer dizer com uma reconversão de formas anteriores de opressão que assumiu o controle pela força de um movimento espiritual que estava saindo do controle?

Bem, depois da morte de Jesus, sua mensagem de amor incondicional se espalhou rapidamente, à medida que seus seguidores assumiram a responsabilidade de levá-la aonde quer que ela quisesse ser ouvida. Com o passar do tempo, o número de adeptos à mensagem de amor incondicional se multiplicou enormemente. Os poderosos da época viam neles uma ameaça, pois sua crença pregava a igualdade e a fraternidade entre os seres humanos e destacava sua forma de fazer as coisas. É por isso que vários imperadores romanos lançaram perseguições contra eles. Mas, apesar dos massacres, o número de cristãos, como eram chamados, crescia continuamente. Diante da impossibilidade de destruir aquele movimento de fora, resolveram se infiltrar para direcioná-lo e mudar seu curso. Um dos eventos mais notáveis dessa nova estratégia aconteceu durante o mandato do imperador Constantino, que supostamente se converteu à nova doutrina e decretou a conversão forçada do império ao cristianismo. Mas esse cristianismo, já adulterado com o passar do tempo, tornou-se mais adulterado a partir de então, porque não tinha mais que ser uma crença de pobres e escravos, mas devia ser compatível com a riqueza e o poder. Como não era, eles o mudaram do começo ao fim para que fosse assim. Voltamos à mesma raiz de todos os males da humanidade: é o egoísmo humano que é o problema principal. São esses mesmos espíritos egoístas, erigindo-se como autoridades morais, que têm feito outros acreditarem que é importante manter a Igreja e torná-la grande e poderosa, incitando as pessoas até mesmo a dar a vida e tirar a vida de outros. Por ela, por acreditar que isso agradava a Deus. E essa é uma grande farsa que só se baseia na ignorância, no medo e no fanatismo de seres que ainda estão pouco avançados no espiritual. Saiba a verdade, aquelas

estruturas que você chama de igrejas nada significam para Deus ou para o mundo espiritual, já que o mundo espiritual só se preocupa com o que tem vida espiritual. Resumindo, Deus se preocupa com o ser humano e não com a Igreja. Portanto, não perca a vida se esforçando para valorizar as instituições religiosas ou espirituais, nem para fazê-las crescer materialmente ou em número de paroquianos. É um esforço inútil do do ponto de vista espiritual não ajudará em sua evolução. Em vez disso, esforce-se para erradicar o egoísmo de seu coração e desenvolver sentimentos, porque é a única coisa pela qual vale a pena lutar e a única coisa que lhe permite ascender na escada espiritual evolutiva.

Sim, mas há algo em particular, alguma manifestação desse egoísmo que poderia ter sido evitado para que não se materializasse de fato? Quer dizer, que fatos podem ser considerados ações egoístas que contribuíram para a criação de uma instituição como a Igreja?

O principal fato é ter criado uma igreja ou religião baseada na mensagem espiritual que Jesus transmitiu. Como já disse, Jesus nunca pretendeu criar nenhuma igreja, apenas transmitir uma mensagem muito simples à humanidade: desenvolver sentimentos e eliminar o egoísmo. Esse é um trabalho individual que não requer a criação de nenhuma estrutura material.

Daria algum conselho para evitar que isso volte a acontecer no futuro?

O ser humano tem imediatamente uma tendência a distinguir entre os que pertencem ao seu grupo e os que não, a favorecer os do seu grupo e a discriminar os restantes, seja por razões religiosas, políticas ou patriotismo. Esse é um comportamento de egoísmo coletivo. Uma das consequências que o conhecimento da realidade espiritual deve trazer é a descoberta de que todos os seres humanos são irmãos. Rotular um e outro só leva a

diferenças que, com o tempo, são usadas como desculpa para provocar discórdia e guerras.

Não sei a que se refere.

Quero dizer que os seres humanos têm usado as crenças religiosas para se verem diferentes uns dos outros a ponto de, por causa dessas crenças, terem lutado e continuado a lutar em guerras fratricidas. Praticamente não há combinação que ainda não tenha acontecido: judeus contra muçulmanos, cristãos contra muçulmanos, cristãos contra judeus. Dentro do cristianismo, católicos contra protestantes; dentro do islamismo, xiitas contra sunitas. O engraçado é que todas essas religiões afirmam acreditar em um só Deus e reconhecem Abraão como o primeiro patriarca e Moisés como o profeta de Deus, que recebeu a lei de Deus para dá-la aos homens. Mas, também, não procurem se separar da sociedade ou criar comunidades isoladas do resto do mundo. Pelo contrário, procurem transformar a sociedade para que se harmonize cada vez mais com as leis espirituais, especialmente com a lei do amor. Todo ser humano tem direito à liberdade e à felicidade e ninguém deve ser excluído desse direito. Se vocês se isolarem do mundo, criando comunidades fechadas, impedem que outros seres humanos se beneficiem das conquistas que vocês têm conseguido alcançar.

Mas não acontece que, ao se misturar com o mundo, a unidade de ação se dispersa e há o risco de contrair maus hábitos espirituais? Os primeiros cristãos, e mesmo antes deles os essênios, não se agruparam em comunidades isoladas das demais?

Se os primeiros cristãos ou os essênios se refugiaram em lugares remotos das cidades de seu tempo foi para salvar suas vidas devido às contínuas perseguições a que foram submetidos e não pelo desejo de se retirarem da sociedade. Não há nada de errado em buscar associação com pessoas que buscam o mesmo ideal,

mas isso não deve ser um argumento para se separar dos demais ou para excluir aqueles que não compartilham os mesmos ideais ou crenças. Aquele que têm clareza sobre suas convicções não se deixam levar facilmente pelas dos outros e se o fazem é porque não eram tão claras. Por outro lado, não há nada de errado em conhecer outras crenças e culturas, pois isso enriquece o ser humano e permite que ele tenha mais informações para formar suas próprias ideias e crenças. Aqueles que são católicos porque nasceram em um país católico ou aqueles que são muçulmanos porque nasceram em um país muçulmano não escolheram livremente sua fé, pois tinham apenas uma opção de escolha.

Mas não poder criar uma espécie de instituição material não é uma contradição com a mensagem de amor ao próximo? Não impede a implementação de projetos de ajuda material, por exemplo, para educação, saúde ou acolhimento de necessitados?

Referimo-nos aqui à criação de uma instituição de tipo material cujo objetivo principal é se manter e que à sua custa pode acumular poder e riqueza. Riqueza e poder são pretensões que atraem os gananciosos e ambiciosos que procuram colocar-se em posições privilegiadas para satisfazer as suas expectativas egoístas e que contribuem ainda mais para estragar tudo. Se você quiser ajudar os sem-teto pode criar abrigos, se quiser cuidar dos doentes pode criar hospitais, se quiser educar crianças poderá criar escolas. É importante que tenham uma utilidade prática para ajudar os outros e que não sejam simplesmente centros de realização de rituais ou armazéns de relíquias, visto que deixariam de cumprir a função para a qual foram supostamente criados, que deveria ser ajudar aos outros. Você pode aproveitar o que já está criado e subutilizado para dar um uso social, ou criá-lo de novo se não existir, e com isso você não violará o conselho que é dado aqui. Aqui o que se censura não é a utilização de recursos materiais que, bem aproveitados, possam trazer o bem comum, que é um ideal justo e nobre, mas

o abuso deles para alcançar justamente o contrário, ou seja, a satisfação de interesses egoístas que são a origem da desigualdade social, isto é, a opulência de uns poucos em detrimento da miséria dos demais.

Então, é errado coletar dinheiro, já que aqui se pede dinheiro para outras pessoas?

Pedir para ajudar alguém que precisa não é uma coisa ruim. Muito pelo contrário, porque se a destinação desse dinheiro é uma boa causa, que deve ser para ajudar os necessitados, é um ato espiritualmente nobre. O que está errado é pedir para evitar o trabalho. Também é errado pedir causas inúteis ou egoístas. E é muito mais incorreto pedir uma causa justa e depois usar esse dinheiro para um propósito egoísta, como pedir dinheiro para ajudar os pobres e uma vez arrecadado o dinheiro, investi-lo na bolsa.

Mas entendo que quem arrecada o dinheiro costuma pensar que sua causa é nobre. O que para algumas pessoas é uma causa nobre para outras pode ser uma causa inútil. Como podemos distinguir uma da outra? Por exemplo, haverá pessoas que consideram uma causa nobre construir um centro de culto ou restaurar uma velha igreja, enquanto para outros será uma causa inútil.

Uma causa nobre é ajudar os necessitados. Aquelas que nada contribuem para a eliminação das desigualdades, injustiças e que não se destinam a cuidar dos necessitados são causas egoístas. Que cada um olhe na sua consciência o que o move quando pede dinheiro aos outros, pois assim saberá se o que o move é um ideal egoísta ou não, porque, embora possamos enganar os outros, não podemos enganar a nossa consciência. A Igreja Católica é multimilionária e não precisa de arrecadação para restaurar catedrais ou fazer um novo edifício de culto,

embora se você conseguir que outras pessoas paguem as contas de sua casa, você ficará muito satisfeito.

Há alguma coisa mais a ser evitada?

O que dissemos antes. A profissionalização da espiritualidade deve ser evitada. Isso significa que a pessoa não deve aspirar a se sustentar financeiramente com a atividade que desenvolve espiritualmente. Aquele que cobra pelo espiritual perde o status de conselheiro espiritual e se torna um comerciante do espiritual.

Também não se deve utilizar a espiritualidade para obter bens ou benefícios econômicos, vantagens ou favores em relação a outros. Isso evitará a criação de hierarquias de profissionais religiosos (o sacerdócio), que são mantidos com os recursos da organização e não têm outra função nela a não ser o atendimento aos serviços e rituais da Igreja e a busca do proselitismo como fórmula de manutenção da estrutura. Um exemplo atual que pode dar uma ideia melhor do que quero dizer são empresas do tipo pirâmide.

Você também comentou sobre o proselitismo, o que é negativo. Isso me contradiz, porque se alguém conhece o espiritual e isso o ajudou na vida, deseja dar a conhecer aos outros para que também possa ajudá-los. Ele está agindo incorretamente?

Quando falamos em proselitismo, queremos dizer aqueles que tentam persuadir ou convencer os outros de algo sem respeitar seu livre-arbítrio. Quero dizer aqueles que usam força, manipulação ou coerção para ganhar seguidores. Ou aqueles que ajudam os outros na condição de se afiliarem a uma determinada crença, ou que tentam convencer alguém que não tem interesse em ouvir, ou que tenta impor suas ideias ou crenças às dos outros. Tudo isso está forçando o livre-arbítrio. Amar os outros significa ajudá-los em tudo o que precisam, sem esperar que eles compartilhem suas ideias ou crenças. Não há

nada de errado em espalhar conhecimento espiritual. Ao contrário, é algo bom e necessário para o ser humano evoluir e ser feliz. Mas isso não pode ser feito contra a vontade do outro. Ou seja, mesmo que alguém acredite que está de posse da verdade, se a impõe ao outro já está cometendo erros. Portanto, não force ou sobrecarregue os outros tentando convencê-los de suas próprias crenças. Nunca imponha suas crenças a ninguém. Em vez disso, aplique-os a si para ser mais feliz, para desenvolver seus sentimentos e eliminar seu egoísmo, porque não há melhor ensino para os outros do que o exemplo vivido em si mesmo.

E de que maneira se deve proceder quando outras pessoas se aproximam em busca de ajuda espiritual?

Ao ajudar os outros, não condicione essa ajuda a aceitar ou compartilhar suas crenças. Você tem que estar aberto para responder e compartilhar com aqueles que têm interesse. Devemos estar dispostos a admitir a diversidade de opiniões e respeitar outros pontos de vista que diferem dos nossos, estar abertos para ouvir e até mesmo modificar nossos pontos de vista se acharmos que o dos outros é mais correto. Quando alguém lhe pede ajuda para resolver um problema emocional, antes de dar sua opinião, pergunte: "O que seu coração está lhe dizendo para fazer?" ou "O que você acha que deve fazer?", porque não há melhor guia do que o próprio sentimento, embora o sentimento muitas vezes seja confundido com o pensamento. Ajude-o então a distinguir entre o que sente e o que pensa, pois o egoísmo influencia o pensamento. Você pode dar sua opinião e expor suas experiências, principalmente aquelas que podem ajudá-lo a esclarecer as coisas. Mas não decida pelos outros e sim deixe que cada um decida segundo os seus critérios o que diz respeito à sua própria vida. Cada pessoa precisa de um tipo diferente de ajuda e profundidade. Você tem que chegar ao nível de cada pessoa e dar o tanto que ela precisa e quer receber, nem mais, nem menos, e também até onde alcança sua capacidade.

Veja se você está suficientemente preparado ou não para fornecer a ajuda de que essa pessoa precisa. Se perceber que não está, reconheça isso e procure outra pessoa mais preparada para ser aquela que vai ajudar porque, mesmo que não tenha má intenção, se aconselhar sem saber pode confundir em vez de ajudar. Se alguém precisa de ajuda, mas não deseja recebê-la, você deve respeitar a vontade da pessoa. Pode ser aconselhável, mas não imposto. Nesse caso, basta aguardar caso mude de ideia. Ou seja, não feche a porta a quem não quis entrar, mas sim a deixe entreaberta para que se mudar de opinião e resolver pedir a ajuda que, previamente, tinha recusado.

Há alguma coisa a acrescentar?

Sim, que suas crenças não são formadas por critérios de autoridade, mas, sim, que você segue seus próprios critérios. Quer dizer, não dê mais validade às palavras de certas pessoas apenas pelo fato de serem quem são, mas as valorize de acordo com a qualidade da mensagem que transmitem e as leve em consideração ou as deixe de lado dependendo de seus próprios critérios. Dessa forma, as verdadeiras mensagens espirituais não serão menosprezadas porque vêm de pessoas humildes, nem as mensagens egoístas serão elogiadas porque vêm de autoridades renomadas. O poder das religiões reside precisamente em terem convencido os seus fiéis de que o critério da autoridade é o que conta, quer dizer, que a palavra daquele que está em posição superior vale mais do que aquela que está em posição inferior ou que não a possui. Que o sumo sacerdote, pontífice, papa ou como queiram chamá-lo está de posse da verdade absoluta e que o que ele diz não admite discussão, porque ninguém tem maior autoridade do que ele no que se refere ao espiritual. Dessa forma, as autoridades religiosas conseguiram ser acolhidas por boas crenças egoístas que impedem o progresso espiritual do ser humano, mas que favorecem os seus interesses, ao mesmo tempo que condenaram,

difamaram ou ocultaram crenças que eram espiritualmente verdadeiras mas que constituíam um obstáculo para seus interesses.

Há alguma coisa mais que deveríamos evitar?

Sim. Não busque reconhecimento, fama e admiração no que você faz pelos outros, porque então não estará amando, apenas alimentando sua vaidade.

Bom, passemos ao terceiro mandamento, que é “Guardarás o domingo e dias de festa”.

Este é um mandamento que também sofreu alterações, porque no texto do Deuteronômio, diz-se “Lembra-te do dia de sábado para o santificar. Seis dias você trabalhará e fará todo o seu trabalho. Mas o sétimo dia é de descanso”. O sentido desse comando era proporcionar ao trabalhador um merecido descanso, reconhecer esse direito contra o abuso dos poderosos. Lembre-se de que era uma época em que a escravidão era frequente e que os poderosos tendiam a explorar seus trabalhadores, livres ou escravos, sem deixá-los descansar. É por isso que está especificado que o descanso é para todos, incluindo servos e animais de carga. Era uma forma de tentar acabar com todos esses abusos. É uma forma de dizer "Você vai economizar feriados para descansar do trabalho, pelo menos um por semana". A Igreja também quis contribuir com seu grão de areia, modificando esse mandamento conforme sua conveniência. O que inicialmente era respeito pelos dias de descanso foi convenientemente transformado para enfatizar a celebração de rituais em homenagem a Jesus, à Virgem ou aos santos. Essa é também uma assimilação dos ritos do Império Romano antes de Constantino, uma vez que as festividades dos santos, incluindo o nascimento de Jesus, coincidem com as celebrações nas mesmas datas das festas pagãs anteriores, como os equinócios e solstícios de primavera, verão ou inverno, que se

converteram em celebrações cristãs (São José, São João e Natividade de Jesus).

Vamos prosseguir para analisar o quarto mandamento, “Honrarás a teu pai e tua mãe”. O que você tem a me dizer sobre este?

Este mandamento tinha como objetivo proteger os idosos. Vale lembrar que naquela época não existiam sistemas de previdência ou de cobertura de aposentadoria que protegessem os idosos. Os governos nada faziam para proteger os despossuídos e fracos e, portanto, não havia proteção para os idosos. Sua única opção de proteção era na família, ou seja, os filhos, uma vez adultos, encarregavam-se da manutenção dos idosos, que não tinham mais condições de se defenderem sozinhos. Mas esse mandamento também foi pervertido em seu significado, pois o ser humano transformou algo de positivo, que era o respeito e o cuidado pelos pais, na obrigação dos filhos de se submeterem à vontade dos pais. Sob a égide desse mandamento, os pais receberam o direito de possuir seus filhos e muitas pessoas sem escrúpulos tiranizaram os filhos, transformando-os em escravos, controlando e dominando suas vidas, dobrando a vontade deles com base em maus-tratos, humilhação ou manipulação, violando seu livre-arbítrio desde a mais tenra infância, como quando os casamentos eram arranjados para seus filhos contra sua vontade e assim os condenavam a uma vida de infelicidade. Eles acreditavam que tinham o direito divino de fazer isso. É por isso que é nas sociedades fortemente religiosas onde o domínio exercido pelos pais sobre a vida dos seus filhos se manifesta com maior intensidade e não é de estranhar que os filhos, muitas vezes, quando envelhecem e encontram forças para romper as suas cadeias não querem saber nada sobre seus pais. É então que reclamam com pena que os filhos os abandonaram e dizem "Com tudo o que fiz por eles... e vejam como me pagam!", quando na realidade estão apenas colhendo os frutos do seu infortúnio.

Por isso, digo-lhe que não só devemos “honrar o pai e a mãe”, mas que a compreensão, o respeito e o carinho devem estender-se a toda a família, avós, pais, mães, irmãos, filhos ou netos, especialmente filhos, por serem os mais fracos. As crianças, quando pequenas, são as mais vulneráveis e indefesas e, portanto, devem ser tratadas com maior compreensão, carinho e respeito. As crianças nunca devem ser agredidas ou humilhadas. Já discutimos o amor pelas crianças em profundidade antes porque é muito importante, portanto, compreenda este mandamento em um sentido mais amplo, mostre carinho, respeito e compreensão a todos aqueles próximos a você com quem compartilha sua vida, principalmente os mais vulneráveis, que são os filhos.

Falemos agora do quinto mandamento, que é “Não matarás”.

Este comando não poderia ser mais claro. Este mandamento é preservado como foi dado pelo mundo espiritual. Não há espaço para interpretações. Não matar é não matar, não tirar vidas. Sabemos que o espírito é imortal e, felizmente, nada do que o ser humano pode fazer vai acabar com essa vida imortal. A única coisa que podemos fazer é interromper uma vida física. A vida física é um dos dons que o mundo espiritual concede ao espírito, é o estágio em que o espírito é testado no que aprendeu no mundo espiritual. O espírito precisa de vida física para evoluir tanto quanto o corpo precisa do ar que respira para viver, sendo assim, existe um instinto, o de sobrevivência, que programa os seres vivos para preservar sua vida e a de seus filhos antes mesmo de terem consciência de sua própria existência. Ao tirar a vida, você está acabando com a oportunidade de um ser evoluir e isso é algo muito negativo do ponto de vista espiritual. Por isso, enquanto este simples mas fundamental mandamento não é respeitado, a humanidade terrestre não pode ser considerada suficientemente preparada para dar o salto evolutivo a que aspira.

Bem, acho que não existe código penal no mundo que não condene um assassinato.

Certo. Mas parece que os humanos fazem distinções entre algumas mortes e outras. Algumas vidas parecem mais importantes para eles do que outras e legitimam o assassinato em muitos casos.

O que você quer dizer?

Se um homem mata outras pessoas em tempo de paz, ele é um assassino em série e a justiça certamente o condenará. Se aquele mesmo homem matar outros, em tempos de guerra, e eles estiverem do lado inimigo, então ele é um herói de guerra e seu governo lhe dará uma medalha. Mas se esse mesmo homem abandonar o exército porque não quer matar aqueles homens, então seu governo o captura e condena como um traidor e pode até executá-lo. Se um homem lança uma bomba que mata milhares de pessoas em tempos de paz, então ele é um terrorista, é caçado como tal e condenado se for pego. Se um presidente ordena que o exército de seu país ataque um país inimigo com bombas e milhares de pessoas morrem, ele está cumprindo seu dever; os mortos, se forem militares, são chamados de "baixas" e, se forem civis, de "danos colaterais". Se aquele país vencer a guerra, esse presidente será lembrado como um herói e a história o lembrará com honra. As ruas e escolas de seu país terão seu nome escrito nelas. Em muitas nações do mundo existe a pena de morte no código penal de acordo com os crimes e é aplicada para "fazer justiça". A conclusão de tudo isso é que você aplica o mandamento de "não matarás" com um acréscimo, que é como as letras miúdas de contratos abusivos: "Não matarás ... quem não merece. Mas, se merece, então está bem feito". Agora só precisamos encontrar uma boa desculpa para que aquele que vai ser morto mereça, porque todo mundo que mata ou manda matar acredita que tem motivos para isso.

Qual é a sua opinião sobre as guerras?

Os assassinatos e massacres em massa que vocês chamam de guerras são um dos crimes mais graves do ponto de vista espiritual. Não é apenas porque a vida física de incontáveis seres está distorcida, mas também por causa da destruição e do sofrimento que geram para os sobreviventes. É por isso que digo que também é um conselho espiritual muito importante não promover a guerra. Os maiores responsáveis pelas guerras terão de enfrentar duras e prolongadas expiações até reparar todo o dano que causaram.

Mas muitas vezes quem vai para a guerra não tem consciência dos estragos que está causando, tem a convicção de que está fazendo algo de bom, como defender o país, seus ideais ou suas crenças religiosas.

Ele está enganado ou o estão enganando. Não há nada que justifique o assassinato de seres humanos, nem pátrias, nem religiões, nem ideologias, portanto, não há guerra santa. É uma invenção do ser humano querer colocar Deus no meio para justificar sua ânsia de poder e riqueza e para convencer os outros para que, pelo fanatismo, concordem em se tornar os algozes de seus irmãos. Você não irá promover ou participar da guerra, pois não há nada que a justifique.

Também gostaria que me desse sua opinião sobre a pena de morte, já que em muitos países da Terra ela é considerada uma forma justa de punição para os crimes mais graves.

A pena de morte, de onde quer que venha, por qualquer motivo, é infame, hedionda, horrível e espiritualmente repulsiva. Com que profunda tristeza contemplamos que precisamente os Estados que se presumem os mais religiosos e crentes em Deus são os que mais assiduamente aplicam a pena de morte como castigo para os criminosos. Em que se é melhor que um assassino

se os representantes da justiça são iguais aos condenados quando executam uma pena igual à da ofensa cometida? Em alguns países ainda mais cruéis, a pena de morte é aplicada até mesmo para delitos menores, embora alguns deles não sejam puníveis do ponto de vista espiritual, como quando mulheres que foram infiéis a seus maridos são executadas, embora a maioria que o tenha feito foram forçadas a se casar com alguém que não amavam. Três religiões monoteístas, milhares de milhões de pessoas de centenas de países, reconhecem como divinos uns mandamentos entre os quais está o de “não matarás”. Porém, quantos, realmente, respeitam-no na prática se, ao que parece, os que se consideram mais crentes em Deus são os que menos o respeitam? Acontece frequentemente que há pessoas que se consideram fervorosamente religiosas, que cumprem todos os ritos e normas da sua religião e que se escandalizam por aqueles que os não observam, mas são ao mesmo tempo os mais insensíveis e implacáveis, pois não têm o menor respeito pela vida e pelo sofrimento alheio, visto que apoiam a pena de morte ou incentivam seus filhos a se alistarem nos exércitos para exterminar na guerra seus irmãos de outro país, firmemente convictos de que é Deus quem os abençoa. Quem quiser se considerar um verdadeiro crente em Deus deve ser totalmente contra esse horrendo crime disfarçado de ato de justiça e deve saber que não é Deus quem o encoraja em sua crença de que a pena de morte é algo justo, mas que esta se alimenta do fanatismo de quem quer fazer do seu egoísmo um deus à sua imagem e semelhança.

Qual é o destino daqueles encarnados que cometeram assassinatos ou que foram os responsáveis pela morte de alguém ou de muitas pessoas, uma vez que morrem?

Eles geralmente são retidos em certas áreas do plano astral inferior, comumente referido por alguns espíritos como o Abismo. Eles permanecem lá por mais ou menos tempo,

dependendo do peso dos crimes que cometeram ser maior ou menor, junto com outros seres que cometeram crimes semelhantes aos seus. Nesses locais, revivem cenas dos crimes que cometeram repetidas vezes, percebendo, no caso, como sendo seus o mesmo sofrimento que experimentaram suas vítimas, o que os faz sofrer enormemente. Esses seres atormentam-se uns aos outros e podem ser atormentados por pequenas vítimas desencarnadas e avançadas que mantêm o desejo de vingança. Quando mostram sinais de consciência do que fizeram e de arrependimento são resgatados do Abismo por espíritos mais avançados que os transferem para centros de socorro onde os auxiliam em sua recuperação e os preparam para a retificação de seus crimes, que começa no plano espiritual, por exemplo atendendo ao resgate daqueles que se encontravam na mesma situação e, uma vez que chega o momento, continua quando eles reencarnam no plano físico com vidas dedicadas a reparar os danos que causaram.

E que há a dizer sobre o suicídio?

O suicídio equivale ao assassinato de si e do ponto de vista espiritual é algo negativo, porque você está perdendo uma oportunidade de progresso espiritual. É equivalente a um exame perdido. O que você interromper naquele momento, terá que enfrentar novamente na próxima vida.

Qual é o destino dos suicidas no plano espiritual?

Eles tendem a entrar em um estado de confusão no qual se lembram repetidamente do momento em que sua vida foi cortada e percebem a dor que seus entes queridos sentiram como se fosse deles. Nesse processo, eles se conscientizam da futilidade do ato que cometeram. Ao mostrarem sinais de consciência e arrependimento estão preparados para uma nova encarnação, que geralmente é bastante imediata, em que terão que enfrentar

as mesmas provas que tinham a superar na vida que repentinamente interromperam.

Qual a sua opinião sobre a eutanásia? É justificada em alguns casos, por exemplo, no caso de pacientes incuráveis ou em estado terminal?

Já dissemos que a vida é sagrada e não deve ser interrompida antes que chegue a hora de a morte ocorrer por si. Interromper a vida, mesmo com a boa intenção de evitar o sofrimento, é negativo do ponto de vista espiritual. Lembre-se que se cada pessoa que vive uma situação de sofrimento tirasse a própria vida, não haveria ninguém vivo no mundo. Todas as circunstâncias que vive o ser humano, doenças congênitas, paraplegia, tudo tem um significado que é ajudar o espírito a evoluir. São provas escolhidas por aquele espírito antes de encarnar. Interrompê-las antes de seu tempo os força a voltar em outra hora para terminar o teste inacabado, o que não os ajuda em nada. Às vezes, o espírito que vive essa situação de sofrimento se encolhe e quer fugir dela cortando a vida, mas não é assim que vai conseguir.

E nos casos de doentes terminais é justificada a eutanásia?

Se estão morrendo, de que adianta antecipar sua morte? Deixe morrerem por si mesmos.

Suponho que o objetivo seja abreviar seu sofrimento, porque muitos deles experimentam uma dor terrível.

Alivie sua dor, então, mas sem cortar suas vidas.

E nos casos de coma prolongado? É justificada a eutanásia?

Também não se justifica. Quando alguém termina seu tempo de encarnação e precisa deixar o mundo terreno, o mundo espiritual o ajuda a se livrar do corpo físico o mais rápido possível. Se o

corpo permanece vivo é porque essa vida tem um sentido, porque se tivesse chegado o momento de desencarnar daquele espírito, nada do que fizéssemos impediria a sua partida.

Qual a sua opinião sobre o aborto?

Já discutimos anteriormente esse tópico em profundidade e não vamos repeti-lo. O assassinato de um recém-nascido não deixa de ser um assassinato só porque você não vê o rosto da vítima e percebe quanto ela sofre. Nem quem ordena um bombardeio vê o rosto de suas vítimas e o crime que cometem é menos grave. O espírito ligado a esse ser em gestação tem tantos problemas quanto as pessoas que são torturadas até a morte. Evite esse sofrimento e evite o sofrimento que vem por ter sido o executor de seus próprios filhos. Respeite a vida, que é um dom espiritual muito valioso para evoluir, e não a interrompa de forma alguma e em nenhuma circunstância, nem com assassinatos, guerras, sentenças de morte, suicídios, eutanásias ou abortos e com isso evitará muitos sofrimentos em você e nos outros.

O sexto é “Não cometerás atos impuros”.

Este é outro mandamento que foi variando ao longo do tempo pois, nas traduções católicas ou cristãs do Deuteronômio, aparece como “Não cometerás adultério”.

E qual é a versão correta?

Nenhuma das duas. Pegue a versão hebraica dos Dez Mandamentos, que aparece no Deuteronômio, e você perceberá que a tradução original do mandamento não é “Não cometerás adultério”, mas sim “Não prostituirás”, o que equivale a dizer “Não force ninguém a manter relações sexuais não desejadas”. Esse mandamento abrangeria também os casamentos combinados, em que se obriga um ou ambos os cônjuges, geralmente a mulher, a manter relações não desejadas. Isso quer

dizer que, ninguém deve ser obrigado a manter relações sexuais não desejadas, nem dentro nem fora do casamento. Lembre-se que naquela época os direitos das mulheres e crianças (principalmente das meninas) eram praticamente inexistentes. Elas eram tratadas apenas ligeiramente melhor do que o gado. Desde a mais tenra infância foram negociadas, especialmente aquelas que pertenciam às classes mais desfavorecidas. Elas foram compradas e vendidas como escravas e prostitutas para satisfazer os instintos baixos daqueles que podiam comprá-las. Raptos de mulheres e estupros eram comuns. Nas guerras eram frequentemente consideradas espólios de guerra, estupradas por soldados e mais tarde envolvidas na prostituição e na escravidão. Casamentos arranjados também eram frequentes. As próprias famílias consideravam um bom negócio se conseguissem casar uma de suas filhas com alguém com dinheiro e poder. Os casamentos de meninas com homens adultos ou idosos ou entre meninos e meninas por interesse dos pais foram muito frequentes. Poderíamos dizer praticamente que mais de 90% das uniões foram decididas sem que o cônjuge mais fraco participasse dessa decisão, pois foram decisões tomadas pelos pais quando os filhos ainda eram crianças ou nem haviam nascido ainda. Pessoas poderosas e ambiciosas usavam o casamento como uma forma de acumular maior riqueza ou poder, para anexar domínios vizinhos ou simplesmente para satisfazer o capricho de possuir sexualmente quem quisessem. A poligamia para os homens era normal e um sinal de poder e riqueza e era bem-vista. Imagine o sofrimento de todas aquelas mulheres e meninas submetidas a esses abusos e humilhações extremas. A intenção desse mandamento era acabar com todos esses abusos, mas o egoísmo do ser humano se encarregou também de pervertê-lo e fazer da vítima o carrasco e do carrasco a vítima, porque desde muito cedo se punia a mulher forçada à prostituição e não o cafetão, o estuprador, o “marido forçado” ou os pais que negociavam com a vida das filhas, que são os que

prostituem e violam o mandamento.

Qual seria o motivo pelo qual haveria interesse em modificar esse mandamento? Quero dizer, quando e por que passa de "você não deve se prostituir" para "você não deve cometer adultério"?

Se o poderoso estuprava e prostituía abertamente era evidente que ele estava violando o mandamento “Não prostituirás”. Casamento arranjado e poligamia eram na verdade formas de prostituição secreta e estupro que os mais poderosos podiam pagar, já que em troca eles tinham que cuidar da manutenção das esposas ou concubinas e seus filhos. Na realidade, tudo isso aconteceu muito antes do nascimento de Moisés e foi muito difundido. Ele estava ciente de todos esses abusos, que geraram grande indignação nele, e tentou legislar para impedir que fossem cometidos, contando com um Conselho Divino. Enquanto estava vivo, ele foi capaz de conter os casos de abuso mais flagrantes, mas, quando se foi, os poderosos interpretaram o mandamento conforme sua conveniência. Eles não ousaram mudar o mandamento, o que fizeram foi adicionar novas leis de sua própria invenção que estavam obscurecendo o significado do mandamento original. A primeira coisa era dar a imagem de que casamento arranjado, poligamia e ter concubinas eram coisas "agradáveis a Deus" e que o próprio casamento era uma instituição sagrada. Então, para evitar o sustento das esposas que não lhes interessavam, inventaram o repúdio e jogaram a culpa do repúdio na mulher, interpretando mal a própria lei de forma interessada sob a acusação de estarem envolvidas na prostituição. Em alguns casos era verdade que essas mulheres tinham relações sexuais com outros homens, justamente por quem estavam apaixonadas, visto que, sendo obrigadas a ser esposas de poderosos, não podiam estabelecer com eles relações abertas, por isso viveram seus amores às escondidas. Outras mulheres, ao serem renegadas, não tiveram outra escolha senão recorrer à prostituição para sobreviver, estando totalmente

excluídas da sociedade, confirmando assim a falsa acusação que lhes foi feita. O catolicismo foi mais ousado e finalmente modificou o mandamento para dar toda importância à instituição do casamento e nenhuma à liberdade de escolha do parceiro, já que os poderosos de tempos posteriores continuaram a usar o casamento arranjado como arma para satisfazer seu egoísmo e não estavam dispostos a desistir disso, por essa razão introduziram o conceito de adultério e o utilizaram na redefinição do mandamento, que passou a ser "não cometer adultério" para punir o cônjuge que teve relações sexuais fora do casamento. Na prática, apenas a mulher era condenada por adultério, pois, como a sociedade católica era profundamente machista, como a hebraica, o homem continuava levando a vida dupla que desejava sem que nada lhe acontecesse.

Bem, apesar do que você diz, as sociedades que se consideram mais religiosas ainda consideram que o casamento arranjado é algo normal e agradável a Deus e é uma prática comum. O que você tem a dizer sobre isso?

Saiba que o casamento arranjado é uma forma de estupro institucionalizado que recebeu a aparência de "honestidade". Para que não haja dúvidas, acrescentarei que do ponto de vista espiritual é uma violação flagrante do livre-arbítrio, uma manipulação horrenda que se faz dos sentimentos de uma pessoa, uma vez que é obrigada a viver junto e a ter uma relação sexual com alguém que não escolheu. Além disso, ela está impedida de se libertar dessa escravidão sob uma infinidade de ameaças e chantagens, entre as quais fazê-la acreditar que se não se submeter é uma pessoa suja, impura e que desobedece aos desígnios de Deus, com o qual também é violado o mandamento "você não deve usar o nome de Deus para fins egoístas."

Então, o adultério é algo negativo do ponto de vista espiritual ou não?

Já falamos muito sobre esse assunto quando tocamos no assunto do relacionamento do casal e dissemos que a fidelidade aos sentimentos é a única coisa que importa no plano espiritual, pois é a chave para a felicidade. A fidelidade surge espontaneamente quando existe um sentimento de amor mútuo entre os cônjuges e isso não pode ser forçado. Seus convencionalismos pouco importam aqui. Se uma união conjugal for forçada, tenha a certeza de que haverá uma rejeição completa, uma aversão ao relacionamento sexual com o cônjuge forçado e um desejo de ter um relacionamento por sua própria vontade, incluindo relacionamento sexual. Se for uma relação voluntária, mas não houver sentimentos, ocorre insatisfação, falta de apetite e até mesmo uma rejeição da relação sexual e um desejo insatisfeito que busca ser satisfeito em outro relacionamento. Nesses casos, a infidelidade, o adultério ou como se quiser chamar é um reflexo da ausência de sentimento por um companheiro entre os cônjuges, que se obrigam ou são obrigados a manter uma relação sem amor e que procuram fora dessa relação o que eles não encontram dentro. O problema é então querer forçar ou prolongar uniões indesejadas. Etimologicamente, a palavra “adultério” vem de adulterar, alterar a qualidade ou pureza de algo adicionando uma substância estranha, ou também falsificar ou manipular a verdade. Esses significados nos aproximam da definição espiritual que a palavra adultério deveria ter. Um relacionamento adulterado ocorre quando duas pessoas se unem como um casal sob o disfarce de que existe um sentimento e realmente não existe. Ou seja, a união do casal é manipulada ou falsificada, a pureza dela é alterada quando não é dada por amor. Quando as relações de casal são baseadas em um sentimento de amor mútuo e afinidade, não haverá adultério em sua definição espiritual nem terrena porque, ao estar unido ao ente querido, a relação sexual com o parceiro será verdadeiramente plena e não

serão procurados outros relacionamentos para satisfazer a sexualidade. Para que isso seja possível é necessário que haja liberdade de sentimento. É por isso que vos digo que esse mandamento de "não se prostituir", já que o ser humano já avançou o suficiente para assimilá-lo, pode ser reformulado hoje desta forma: "Respeitem a liberdade de sentir". Em outras palavras, todo ser humano tem o direito de escolher livremente com quem quer ou não quer ter um relacionamento, inclusive a relação sexual, e ninguém pode violar esse direito. Por isso, ninguém é obrigado a juntar-se a outra pessoa se não o quiser, nem a perpetuar uma relação se não o desejar.

Segundo o que o senhor explicou, em que situação ficaria a indissolubilidade do matrimônio, tão elogiada pela Igreja?

Já dissemos isso antes. O prolongamento da relação conjugal, se existirem sentimentos firmes no casal, ocorrerá de forma espontânea, haja ou não contrato de casamento assinado, mas, não pode ser forçado, pois isso seria um ataque ao livre-arbítrio. Portanto, a indissolubilidade do casamento não é uma lei divina, mas humana, e não vem de Moisés ou de Jesus. Se você revisar sua história verá que o divórcio estava em vigor durante o reinado de todos os imperadores romanos cristãos. A lei civil da época dos imperadores cristãos permitia um novo casamento após o divórcio. Também foi assim em todos os Estados que se originaram após a fragmentação do Império Romano. Foi o Papa Gregório IX (1227-1241) quem, por inimizade com os imperadores e reis da época, visto que trocavam de mulher com frequência, impôs por decreto o casamento indissolúvel nos reinos cristãos.

Então o divórcio não contraria nenhuma lei divina?

Claro que não. Pelo contrário, permite que o livre arbítrio e a liberdade de sentimento sejam exercidos. Já o dissemos, ninguém é obrigado a perpetuar uma relação se não o quer e não será o

mundo espiritual que põe obstáculos ao livre arbítrio e à liberdade de sentimento do ser humano.

Há pessoas que interpretam o aumento do número de divórcios como o reflexo da diminuição do sentimento de amor entre os casais. Estarão certas?

Não. É um reflexo de que há maior liberdade para terminar relacionamentos e que as pessoas se sentem mais livres para abrir mão de relacionamentos quando eles não são satisfatórios. Se antes não havia mais divórcios não era porque os relacionamentos eram melhores, ou porque havia mais amor, mas porque ou a lei não permitia o divórcio ou porque, mesmo que permitisse, a educação repressiva fazia com que muitas pessoas se sentissem obrigadas a continuar o relacionamento mesmo que elas não se sentissem apaixonadas.

Já que estamos falando do mandamento “Não prostituirás”, gostaria que você me desse a sua opinião sobre a prostituição, do ponto de vista espiritual.

A prostituição é um reflexo do pouco progresso que existe no que diz respeito ao desenvolvimento dos sentimentos, uma vez que um espírito avançado não concebe ter uma relação sexual sem amor, muito menos sem que haja um desejo mútuo entre aqueles que a mantêm. Quem se contenta com a sexualidade da prostituição reflete pobreza de sentimentos e predomínio do instinto sobre o sentimento e a sensibilidade.

Sim, mas como se deve legislar sobre a prostituição? Deveria ser permitida ou proibida?

Deve ser proibida em todos os casos que envolvem menores e tanto cafetões como clientes, neste caso pedófilos, devem ser perseguidos e os menores devem ser protegidos para que não voltem a sofrer qualquer tipo de abuso. No caso da prostituição que envolve adultos, deve ser proibida a prostituição forçada, ou

seja, quando a pessoa que a prática foi forçada ou pressionada de alguma forma a exercê-la e a justiça deve perseguir aqueles que a forçaram a se prostituir, pois eles estão violando seu livre-arbítrio, e também os clientes se souberem que a pessoa está praticando prostituição contra sua vontade. A pessoa que foi prostituída deve ser protegida para evitar maiores danos. Os governos também devem garantir o sustento das pessoas com recursos econômicos limitados para que ninguém se prostitua por necessidade econômica, já que há quem a utiliza como última opção para ganhar o seu sustento ou de sua família, porque não tem outra forma de o conseguir, visto que se trata de uma forma de prostituição da qual a própria sociedade é cúmplice. No entanto, não pode ser proibida quando uma pessoa, em plena posse das suas faculdades e por decisão livre e voluntária, sem necessidade de sustento familiar, pretende vender o seu corpo. Embora tal decisão reflita pouco progresso interior, não é objeto de violação de seu livre-arbítrio, uma vez que o exerce por sua vontade; nem o cliente comete um crime, uma vez que não forçou seu livre-arbítrio. Por outro lado, acrescentarei que uma proibição total da prostituição, num mundo como é o seu, onde há uma grande demanda pela satisfação do instinto sexual um tanto primitivo e uma falta de respeito ao livre-arbítrio, não serviria para erradicá-la. Em vez disso, teria como consequência um aumento dos casos de estupro e abuso sexual e da prostituição praticada de forma clandestina. Se olharmos com atenção, as pessoas que voluntariamente se dedicam à prostituição em seu mundo evitam muitos estupros e abusos sexuais, uma vez que satisfazem voluntariamente os baixos instintos de muitos espíritos pouco avançados, que na ausência dessa possibilidade buscariam satisfação sexual pela força. Por isso, a erradicação da prostituição em seu mundo não pode ser produzida de forma forçada, mas acontecerá quando o ser humano aumentar sua sensibilidade o suficiente para que o desejo sexual deixe de ser uma satisfação de um instinto

biológico para se tornar a expressão dos sentimentos de amor de um casal. Para que tudo isso aconteça é necessário que o ser humano tenha liberdade de sentimento e liberdade em relação à sua sexualidade, então, as relações sexuais serão naturais e não um negócio ou motivo de exploração.

O mandamento seguinte é "Não roubarás".

Sim. Geralmente, entende-se por roubar o furto, o ato de tirar de outro um bem material que lhe pertence sem o seu consentimento e consideram-se ladrões apenas batedores de carteira, ladrões de bancos, joalherias e outros estabelecimentos. Mas eu digo que aquele que priva o trabalhador de um salário justo para enriquecer com ele, aquele que acumula poder e riqueza à custa do dano, do sofrimento e da necessidade dos outros, usando engano, fraude, chantagem, embora a lei nunca consiga descobrir seu crime, é o maior ladrão que existe. É por isso que o mandamento "Não roubarás" pode ser agrupado em um só, junto com o "Não darás falso testemunho ou mentira" e o "Não cobiçarás os bens de outras pessoas", uma vez que todos fazem parte da mesma intenção, prejudicar os outros para satisfazer o próprio egoísmo. Nesse sentido, pode-se enunciar um conselho que reúne os três citados, que seria o seguinte: "Você não agirá por egoísmo para prejudicar os outros". As manifestações mais materialistas de egoísmo são a ganância e a ambição, pois são responsáveis pelas pessoas que se entregam ao acúmulo de riqueza e poder sem prestar atenção aos danos que causam aos outros. Mas também outras manifestações de egoísmo que não são materialistas, como todos os ego-sentimentos que já tratamos no capítulo das relações pessoais, como o apego, os ciúmes, o ódio, a raiva, a absorvência, o rancor e o ressentimento causam danos aos demais.

Se uma pessoa enriquece sem causar dano aos outros, ela incorre em algum tipo de dívida espiritual ou viola a máxima de "Você não agirá por egoísmo para prejudicar os outros"?

Não viola o mandamento, mas também não reflete um grande avanço, visto que o espírito avançado não ambiciona riquezas nem desperdiça seu tempo e esforço em ser rico, já que nada o atrai nessa condição. Pode não causar dano direto, mas se você possui riqueza ou poder material e não o usa para ajudar os outros, mas sim para satisfazer caprichos materiais, perde uma boa oportunidade de ajudar os outros e avançar sua própria evolução no amor, porque, embora pudesse fazer muito bem, não o fez. Se um espírito encarnou pedindo riquezas materiais para utilizá-las para o bem comum e, uma vez encarnado, dedica-se a utilizá-las para satisfazer seu egoísmo, falha em sua missão. Em todo caso, em seu mundo é difícil uma pessoa ficar rica sem causar dano a alguém, a não ser se receber uma herança ou ganhar na loteria, porque da maneira como se atua na economia e no comércio prevalece a lei do mais forte e as pessoas de boa vontade dificilmente podem prosperar em um sistema tão agressivo sem ser contagiadas pelas suas más práticas.

O que você quer dizer exatamente?

Bem, o sistema econômico que prevalece na Terra, que vocês chamam de capitalismo, é um sistema que nasce do egoísmo do ser humano e contradiz esse mandamento do princípio ao fim, pois pode-se dizer que é um sistema que permite e persegue o enriquecimento excessivo sem restrições, sem o mínimo respeito pelos direitos do ser humano.

Não entendo muito de economia, mas a verdade é que acho bastante difícil entender o que move a economia mundial, com tantos indicadores macroeconômicos. Observo que são muitas as desigualdades, injustiças e muita pobreza que aumentam cada vez mais e isso se agrava em tempos de crise econômica

como o atual. Acho difícil imaginar um futuro melhor para os seres humanos como somos e também não vejo qual é a solução.

É mais simples do que parece, embora você seja levado a acreditar que tudo é complicado e que ninguém é responsável pelo fato de as coisas funcionarem dessa maneira, de modo que você não vê nenhuma solução ou pode responsabilizar alguém. Seu sistema econômico atual é como uma grande empresa do tipo pirâmide. Baseia-se num sofisticado sistema de empréstimos com juros crescentes onde cada intermediário aumenta os juros para obter lucro, asfixiando quem recebe o dinheiro em última instância e não o empresta, pois tem de pagar o empréstimo e os seus juros com seu trabalho ou sua produção. Esses, os que estão na base da pirâmide, que são a maioria, são os que sustentam todo o sistema com seu esforço. O resto vive da usura e da especulação, pois também criam mercados especulativos em que obtêm benefícios comprando na baixa e vendendo na alta o que quer que seja. Alguns dos produtos comprados e vendidos são reais, como produtos agrícolas, de pecuária, pesca, mineração ou indústria, enquanto outros são produtos fictícios, chamados de “produtos financeiros”, como ações, títulos, fundos mútuos. Na verdade, hoje tudo é muito simples: alguns se apropriaram do direito de cunhar dinheiro. Quero dizer, eles têm a máquina de fazer dinheiro. Praticamente ganham dinheiro de graça e emprestam a todos com juros, todos estão em dívida com eles, e com esse sistema fazem com que todos façam o que quiserem, especulando nos mercados que criaram, sempre com informações privilegiadas que lhes permitem comprar na baixa e vender na alta.

Isto estará relacionado com a crise econômica?

Sim. As crises econômicas não acontecem por acaso, são geradas do topo da pirâmide. Primeiro, o empréstimo é facilitado a juros baixos para promover o endividamento. Os que estão abaixo da pirâmide, depois de passar por várias camadas de

intermediários, pegam esse dinheiro emprestado com taxas de juros mais altas e usam-no para administrar seus negócios ou adquirir bens, o que produz uma ativação da economia e um aumento da renda. É o que chamamos de época de boom econômico. Há uma aparência de riqueza e bem-estar, mas é apenas uma aparência, porque tudo foi construído com dinheiro emprestado, que deve ser pago com juros. Quando os pescadores observam que muitos peixes morderam a isca, ou seja, que tem muita gente endividada, puxam a linha para pegar a presa. Ou seja, em um determinado momento fecham a torneira do empréstimo. Isso torna o dinheiro escasso. Para obter crédito tem-se de pagar juros mais elevados e os empréstimos já concedidos também aumentam os seus juros. Tudo isso atrapalha a atividade econômica. Aqueles que se endividaram não conseguem pagar o empréstimo e todos os seus bens são desapropriados. O padrão de vida da população piora notavelmente enquanto toda a riqueza gerada naquele período passa para as mãos dos que dominam o sistema. Os ricos estão ficando mais ricos e os pobres, mais pobres. É assim que se gera uma crise econômica.

E qual é a solução de tudo isso?

A solução é muito simples: renunciar ao egoísmo, à cobiça, à avareza, cada um na posição em que se encontra, e passar a compartilhar, vendo o outro como a si e buscando o bem do outro e de si. Se todos derem esse passo, o mundo mudará rapidamente. Esse sistema é sustentado porque a avareza, a ganância e a ambição abundam no ser humano e o amor e a generosidade são escassos. Há pouca vontade de compartilhar. Quem tem muito não se contenta com o que tem, não pensa em compartilhar sua abundância com aqueles que têm menos, mas aspira a ter ainda mais, mais dinheiro e mais poder, mesmo ao custo de prejudicar os outros. Muitos dos que têm menos desejam ser como os que estão no topo, ter sucesso na vida e ser

ricos e poderosos. Eles fariam o mesmo que aquele que tem muito em suas circunstâncias, por isso, não basta mudar quem está acima, mas deve haver uma mudança geral de consciência que abarca todo ser humano, no sentido de reconhecer que na realidade somos todos seres espirituais, irmãos que compartilham o mesmo caminho, o da evolução espiritual, e o mesmo destino, tornarmo-nos feliz por meio da experiência do amor e para isso precisamos uns dos outros. É preciso entender que não adianta acumular riquezas porque não nos faz felizes, mas que nos privar do que precisamos para viver gera sofrimento, se tudo houver em abundância e dividirmos o que houver ninguém é prejudicado e todos nós nos beneficiamos. Mas, repito, para isso você tem que renunciar ao acúmulo de riqueza e estar disposto a compartilhar.

Isso me parece muito bom, mas muito utópico. Acho que deveria haver mais especificidade nas medidas.

Não existe um livro de receitas de medidas a tomar, se é o que me pede, porque tudo depende da intenção e da boa vontade do ser humano de renunciar ao egoísmo e de uma maior disposição para o amor fraterno e a partilha. Sem essa predisposição, todo esforço seria inútil. Deve haver um desejo da maioria das pessoas favorável a fazer as mudanças que conduzem a uma sociedade baseada no amor, uma vontade de colaborar ativamente na sua implementação, porque nada pode ser feito por imposição ou sem a colaboração de todos em geral. Devem ser eleitas como governantes pessoas de elevada capacidade espiritual, amorosas, humildes, de grande generosidade, totalmente desprovidas de ganância, avareza e ambição, conhecedoras da situação e dispostas a aplicar medidas que promovem o bem comum, a justiça e a redistribuição equitativa da riqueza. Elas saberiam o que fazer em todos os momentos. Uma das coisas que devem ser feitas com mais urgência é desmantelar todo esse sistema econômico baseado na usura e especulação e promulgar

leis mais justas e equitativas que persigam e evitem que práticas egoístas voltem a dominar o mundo. É por isso que o mandamento "Você não deve agir por egoísmo para prejudicar os outros" seria completado da seguinte maneira: "Você deve promover o bem comum, a justiça social e a redistribuição equitativa da riqueza."

Depois de termos analisado três mandamentos de uma só vez, apenas nos resta um: "Não consentirás pensamentos nem desejos impuros". O que você pode me dizer sobre este?

Que este mandamento não existe. Nem mesmo está registrado em Deuteronômio. É uma invenção posterior. Nem as igrejas cristãs protestantes contemplam isso. Seria muito pedir ao ser humano, o qual é tão difícil de agir sem egoísmo, que nem sequer tivesse pensamentos egoístas. O termo "impuro" também é bastante ambíguo, embora certamente se refira ao desejo sexual que não se enquadra nos cânones permitidos pela Igreja, ou seja, quando o desejo sexual ocorre fora da relação matrimonial. É um comando criado pelo ser humano com a finalidade de reprimir a liberdade de sentimento, pensamento e liberdade sexual.

Bem, se juntamos três mandamentos em um e eliminamos outro, temos sete mandamentos e não dez.

E quem disse que tinham que ser dez necessariamente? Bem, não importa porque há mais três dicas que eu gostaria de acrescentar que me parecem muito importantes e que você deve levar em consideração.

Quais são?

Respeitarás o livre-arbítrio, respeitarás a lei da justiça espiritual e resolverás os conflitos, individuais e coletivos, pacificamente. Estes três conselhos estão intimamente relacionados, pois a resolução dos conflitos de forma pacífica implica ser justo e respeitar a vontade dos outros, individual e coletivamente.

Você poderia se aprofundar um pouco mais em cada um deles para esclarecer a que se referem?

Sim, embora já tenhamos falado sobre isso quando explicamos em que consiste a lei do livre-arbítrio e a lei da justiça espiritual. Respeitar o livre-arbítrio é respeitar a liberdade dos outros, ou seja, respeitar sua vontade, suas opiniões, suas crenças, seus sentimentos e as decisões que tomam em relação à própria vida. A liberdade de sentimento nada mais é do que uma variante do livre-arbítrio. Ninguém pertence a ninguém, então, ninguém tem o direito de se apropriar da vontade de outros ou de decidir por outros. Respeitar a lei da justiça espiritual é tratar os outros como você gostaria que o tratassem e não fazer aos outros o que você não gostaria que fizessem a você porque, na realidade, tudo o que faz aos outros faz a si mesmo. Isso deve ser respeitado tanto individual quanto coletivamente.

Fica claro para mim sobre a forma individual, mas, em um nível coletivo, o que você quer dizer?

A humanidade como um todo, para conviver harmoniosamente, tem que respeitar a justiça e o livre-arbítrio e colocá-lo em prática, isso tem que se refletir no funcionamento das sociedades, nas formas de governo, nas leis, na economia, na educação e na cultura. Embora em teoria alguns países do mundo incluam em suas leis os princípios da liberdade e da justiça, na prática o egoísmo do ser humano se encarrega de jogá-los no chão e eles ficam apenas no papel.

Há algum exemplo do que você diz?

A escravidão formal é ilegal em todos os países, mas praticamente toda a humanidade é regida por um sistema econômico e político que tolera e incentiva a exploração e o abuso do ser humano de forma tão semelhante à escravidão formal que se confunde com ela. Muitos países se escondem sob

o disfarce de governos democráticos que pretendem servir ao povo mas, na realidade, usam o povo para satisfazer propósitos egoístas, ou que parecem querer a paz, mas fomentam a guerra e a justificam de forma que parece que é a única opção para resolver conflitos, quando na realidade nunca procuraram outra opção. Aquele que não vê outra opção é porque seu egoísmo, sua ambição e sua ganância o cegam e ele quer conseguir o que deseja a todo custo. Sempre há outra opção se houver vontade, respeito e compreensão pelos outros e uma vontade de renunciar a atitudes egoístas, portanto, leve em consideração este conselho que evitará muito sofrimento para si e para os outros: você resolverá os conflitos, individuais e coletivos, de forma pacífica. Nunca use de violência, coerção ou chantagem e nunca imponha sua vontade aos outros, mesmo se você se considerar possuidor da razão.

Isso me levanta algumas dúvidas. Se uma pessoa é agredida, abusada ou coagida, enfim, se ela sente que seu livre-arbítrio foi violado por outra em algum aspecto de sua vida, ela tem que permitir esse abuso para evitar um conflito ou tem o direito de se defender?

Claro que você tem o direito de se defender. Não só tem o direito de se defender, mas também o dever de o fazer, pois é tão importante respeitar a liberdade dos outros quanto defender a liberdade de si mesmo. Não se trata de evitar conflitos a partir da submissão à vontade dos mais fortes, mas de resolvê-los evitando a violência. Mas isso não significa que você tenha que se colocar no nível do outro.

Há algum exemplo que nos ajuda a esclarecer esse ponto?

Se uma mulher recebe maus-tratos do marido, ela não deve tolerar isso em nenhuma circunstância, porém, isso não significa que a forma de o evitar seja responder com a mesma agressão,

pois isso a igualaria ao agressor. O lógico é se afastar do agressor e denunciar o abuso para que a justiça cuide dele.

Mas com certeza o agressor vai ficar mais furioso com essas medidas e pode aumentar seu nível de violência, com o que o conflito se torna mais violento. Isso parece contradizer a mensagem de resolução pacífica de conflitos. O que você pode me falar sobre isso?

Essa violência não é gerada pela vítima com suas ações, mas pelo agressor porque ele não consegue o que quer. É o agressor quem deve aplicar o conselho que aqui lhe damos para resolver os conflitos sem violência, não a vítima. Por favor, não confunda ser pacífico com ser submisso, porque são coisas diferentes. Aqui, aconselhamos a ser pacífico, mas não ser submisso. Um bom exemplo que vai esclarecer a diferença é aquela pessoa que, por ser pacifista, recusa-se a cumprir o serviço militar nos países onde é obrigatório. Você não o chama de insubordinado? Um pacifista é insubordinado contra a violência e age de forma consistente e firme em suas convicções. Ele não permite que outros o obriguem a fazer algo que sua consciência lhe diz ser errado, com o qual ele está lutando para que seu livre-arbítrio não seja violado.

E em nível coletivo, se um país for atacado ou invadido por outro, tem direito a se defender ou não?

Você tem o direito de se defender, mas deve sempre esgotar o caminho pacífico. Aí está o exemplo de Gandhi para verificar que existe uma diferença entre ser submisso e ser pacifista e como a convicção em ideais nobres e justos, a vontade e a firmeza podem alcançar grandes coisas sem recorrer à violência. As guerras, os conflitos militares em geral, não acontecem da noite para o dia, nem aqueles que desejam gerá-los são a maioria. Geralmente, há interesses egoístas por trás dos conflitos armados, o desejo de confiscar algo por alguns, e esses são os

que enganam os outros para que façam seu trabalho sujo. Remova os ambiciosos beligerantes dos governos e você verá que todas as guerras e conflitos violentos em geral são evitáveis.

Bem, penso que o que conseguiu Gandhi é uma exceção, porque o normal é que o forte se imponha sempre ao fraco. Mesmo assim, ainda houve muitas vítimas inocentes.

Teria havido mais vítimas se houvesse uma guerra. E mesmo que fosse como você diz, entenda que o objetivo da vida não é a luta política, é o avanço espiritual. E mesmo que você acredite que é injusto um país invadir outro e conclua que o forte eventualmente domina o fraco, deve pensar que os invadidos de hoje podem ser os invasores do passado e que estão vivendo agora o mesmo pelo que eles já fizeram outros passar. Reveja a história e verá que as lutas entre os povos têm sido uma constante na história da humanidade e que a posição de opressor e oprimido mudou com o tempo. Os povos oprimidos tornam-se opressores com grande facilidade, porque se não o eram antes não era porque não quisessem, mas porque não podiam. E isso se deve ao fato de que em todos os povos, em todas as raças, espíritos com um egoísmo muito primitivo, cheios de ambição, ganância e ganância, encarnados lutaram entre si para ver quem se tornaria o mais rico e o mais poderoso. É isso que tem impulsionado e impulsiona os seres humanos a lutarem uns contra os outros, a ambição, a cobiça, a avareza e o fanatismo. Mas todos os impérios, por mais poderosos que tenham se tornado, desintegraram-se com o tempo, porque o que não se baseia no amor é efêmero. O que se deve aprender com tudo isso é que esse egoísmo na forma de ambição, cobiça e avareza gera muito sofrimento e que ninguém fica feliz em viver tal sofrimento, então, cada um deve lutar para eliminar esse egoísmo de seu coração. Quando essa lição for aprendida não haverá mais lutas entre países, povos, raças ou religiões, porque os espíritos que

encarnarem ficarão muito claros que nenhuma razão justifica prejudicar seu irmão, pois seria como prejudicar a si mesmo.



MISSÃO DE JESUS NA TERRA II

Parece-me surpreendente que, se a reencarnação é tão importante para o processo da evolução espiritual, Jesus não tenha falado de forma clara e direta sobre ela.

Sim, é verdade. Ele também falou sobre leis espirituais e tudo o que diz respeito à evolução espiritual de uma forma clara e simples. Outra coisa é que as informações que você tem sobre ele estão corretas e completas.

E há provas documentais disso?

Ninguém em seu mundo conhece toda a verdade sobre Jesus, sobre sua personalidade e seu trabalho. Quase não há vestígios de parte de seus pensamentos, sua personalidade e a mensagem que ele veio transmitir. Do pouco bem que restou, a maior parte foi modificada, manipulada ou escondida das pessoas por aqueles que governaram e governam seu mundo desde então. E assim continuam a sustentar essa situação, pois sua intenção é que nada disso se saiba, já que consideram que a verdade fere seus interesses egoístas.

Então, todas essas informações não são novas?

Claro que não! Essa é a mesma mensagem transmitida ao longo da história em diferentes partes do globo. Os transmissores foram, na realidade, sempre os mesmos enviados espirituais, com um nível de evolução superior à média do planeta, cientes da lei do amor e das demais leis espirituais, mas conhecidos por nomes diferentes de acordo com a época histórica em que viveram.

E por que não temos consciência disso?

Já dissemos isso. Quando os enviados espirituais desaparecem e a mensagem fica nas mãos de espíritos menos avançados, eles vão infiltrando suas ideias egoístas na mensagem original sem

que se possa evitar, pois os transmissores originais não estão mais lá para retificar os erros. No caso específico de Jesus, a mesma coisa também aconteceu. Com o passar dos séculos, a mensagem que ele deu foi adulterada, sempre para favorecer os poderosos ou para não prejudicar seus interesses. Os verdadeiros ensinamentos foram modificados conscientemente pela contratação de escribas que eliminaram o que os poderosos não queriam que se soubesse e acrescentaram o que era conveniente para eles.

E que tipo de ensinamentos foram os omitidas?

Os mesmos que estamos lançando agora. Conhecimento sobre a reencarnação das almas e a lei da evolução. O direito de cada ser de decidir por si mesmo sobre sua vida e seus sentimentos. A chamada para proteger e respeitar a vida e os direitos dos seres mais fracos e indefesos, incluindo os animais. Todas aquelas mensagens que condenavam e denunciavam o egoísmo em todas as suas manifestações, como cobiça, avareza, ódio, abuso e exploração de alguns seres por outros, todas foram eliminadas de forma consciente ou modificadas para que seu significado original não fosse reconhecível.

E por que Jesus não evitou que seus ensinamentos fossem manipulados depois que ele se foi?

Porque nem Jesus, nem qualquer outro enviado do mundo espiritual pode forçar o mundo a fazer o que eles querem, pois seria uma violação do livre-arbítrio. A única coisa que você pode fazer é encarnar novamente para refazer o que o egoísmo humano desfez.

Você quer dizer que Jesus vai encarnar novamente na Terra? Quer dizer, vai voltar uma segunda vez?

Sim. Só que não será a segunda vez, mas, sim, mais uma das muitas em que ele já veio.

Então as profecias de uma segunda vinda de Cristo são verdadeiras?

Já dissemos que o Cristo não se encarna, pois é uma entidade evolutivamente muito avançada, que ultrapassou a fase humana da evolução há muitas eras, e o que faz é influenciar os espíritos na fase da evolução humana quando encarnam com uma missão espiritual. Mas é verdade que Jesus vai reencarnar, embora, como já disse, não seja a segunda vez. Mas ele não virá para liderar a Igreja Católica, como alguns esperam. Tampouco será bem recebido por muitos que se consideram cristãos, principalmente pela hierarquia, porque, entre outras coisas, virá a dismantelar toda a falsidade e o erro que a Igreja criou em seu nome, como o fez há 2 mil anos com a igreja hebraica.

Por que quando eu perguntei antes se Jesus iria reencarnar novamente na Terra você me respondeu falando sobre Cristo, e agora que eu pergunto sobre Cristo, você responde me falando sobre Jesus, se são duas entidades diferentes?

Porque você identifica Jesus com o Cristo. E é verdade que quando Jesus reencarnar terá a inspiração do Cristo. Mas também é verdade que o Cristo pode inspirar outros seres de grande evolução quando é necessário que eles reencarnem para continuar o trabalho de evolução espiritual.

Eu entendo por suas palavras que o Cristo inspirou outros seres além de Jesus.

Claro.

E pode esse Cristo inspirar seres menos evoluídos, mesmo quando a encarnação do Messias não ocorreu?

Claro, visto que o Cristo, em particular, e os seres espirituais avançados, em geral, não se limitam a inspirar apenas um ser em momentos específicos, mas todos os seres que agem por

amor incondicional, mesmo que não sejam de um nível tão elevado como o de Jesus. Se a conexão com o Cristo e com outras entidades evolutivamente avançadas é mais ou menos intensa dependerá do grau de evolução do ser encarnado. Muitos desejam ser "escolhidos" para se sentir importantes e parecem querer amar, mas não estão dispostos a desistir de seu egoísmo. O mundo espiritual ajuda a todos que desejam avançar no caminho do amor, mas quem age por egoísmo não pode esperar que entidades espirituais avançadas o ajudem em seus objetivos. A escolha, portanto, é nossa e consiste em escolher entre o egoísmo e o amor. Dependendo do que você escolher, atrairá algumas influências ou outras.

Como devemos entender essa combinação Cristo-Jesus? Como um estado de consciência crístico?

O Cristo é um ser espiritual altamente evoluído que existe como cada um de vocês existe, com vontade e individualidade próprias, portanto, é muito mais do que um estado de consciência, pois um estado de consciência não é um ser, mas uma manifestação de um ser. Certamente, a conexão de um ser humano com o Cristo permite ao primeiro expandir sua consciência a limites muito maiores do que ele mesmo poderia abranger e estar sob a inspiração desse ser superevoluído permite que ele atue com muita mais clareza, coragem e determinação a favor da missão que lhe é confiada do que se só tivesse capacidade própria.

Qual é o ser mais avançado depois de Deus? Está encarnado? Que missão específica e geral tem?

Se você diz isso no caso de o Cristo ou Jesus serem os seres imediatamente abaixo de Deus em evolução, já antecipo que não são. O universo espiritual é muito grande e há uma infinidade de seres muito avançados, mais do que o Cristo e Jesus. O nascimento desses seres é tão anterior no tempo que seria impossível para mim explorar tão longe a história da evolução,

que não tem começo, já que Deus sempre existiu e nunca parou de criar. Vocês acreditam, em sua concepção limitada, que a ajuda máxima que esses seres podem dar é descer ao planeta encarnando em uma personalidade humana. É por isso que vocês até acreditam que é normal o próprio Deus encarnar em um humano quando consideram Jesus como a encarnação do próprio Deus. Com a amplitude de visão limitada que têm, vocês nem conseguem imaginar quão longe chega a capacidade desses seres superevoluídos. Eles têm responsabilidades muito maiores sob seu comando do que você pode imaginar, como criadores e diretores de uma infinidade de mundos e humanidades; uma encarnação em uma personalidade humana seria restringir sua capacidade de agir a uma parte infinitesimal de seu potencial, portanto, não se encarnam em personalidades humanas, pois seria como esperar que um ser humano encarnasse no corpo de uma formiga para levar a vida de uma formiga. Por isso, os seres evolutivamente mais próximos de si são os que assumem esse tipo de missão, embora ainda sejam assistidos por seres de maior evolução.

E por que, se Jesus não era a encarnação direta de Deus ou do Cristo, ele disse de si mesmo “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”?

Jesus nunca pronunciou essa frase como você a conhece, porque ele não poderia personalizar em si uma mensagem que fosse universal. É uma simplificação da seguinte mensagem: “Vim mostrar-lhe, como enviado do mundo espiritual, o caminho da evolução espiritual, a verdade do mundo espiritual e o que realmente é a vida do espírito”.

Você disse que Jesus já tinha vindo mais vezes, quer dizer que já havia encarnado mais vezes no passado antes de vir na personalidade de Jesus de Nazaré?

Claro. Ele já havia encarnado na Terra em tempos de antiguidade que sua história oficial não coleta nem admite.

E que fez nessas outras vidas?

Jesus era como você, como todos vocês. Quando evoluiu o suficiente, veio como um mensageiro espiritual.

Mas antes de vir como Jesus, suponho que ele também fez missões semelhantes no passado. Existe alguma constância histórico do que ele fez?

As missões são obras espirituais que deixam suas marcas nas almas em todas as épocas da história. Embora os livros de história não o colecionem, ou o façam de forma deturpada, o trabalho não é infrutífero, porque o espírito que é tocado pela mensagem espiritual nunca se esquece desse ensinamento e o manifestará em suas encarnações posteriores. Quando Jesus veio para deixar sua mensagem de amor, ele o fez em diferentes épocas e lugares do mundo. O grande esforço de Jesus foi encontrar uma maneira de transmitir às pessoas daquela época que todos os males do mundo eram consequência do egoísmo e também o poder de transmitir as noções espirituais básicas a elas para que entendessem o processo de evolução espiritual e as leis espirituais da maneira mais simples possível. Mas o mundo do passado não o reconheceu nem se dispôs a implementar as mudanças que propôs, já que a maioria das pessoas daquela época, comparadas com as de hoje, eram muito limitadas, tanto em inteligência como em sensibilidade, por isso ficaram muito fascinados com os atos, para eles sobrenaturais, que Jesus realizou, mas não compreenderam a profunda mensagem espiritual que ele transmitia. Elas sabiam que ele era um ser excepcional, mas não o entendiam. Apenas algumas, seus discípulos mais próximos, passaram a entendê-lo, portanto, é necessário continuar com o mesmo trabalho. E aqueles que o compreenderam no passado estão encarregados de continuar

seu trabalho no presente para ajudar aqueles que, por falta de evolução, não compreenderam seus ensinamentos no passado.

A salvação da humanidade depende da nova encarnação de Jesus ou pode ser salva sem a sua encarnação, visto que ele já encarnou no passado?

A "salvação", se a entendermos como uma mudança espiritual em direção ao amor humano, não depende da encarnação de nenhum espírito avançado em particular. Se muitas pessoas fizerem uma mudança simultaneamente, isso causará uma mudança positiva para o amor no nível coletivo, vamos chamá-lo de "salvação da humanidade", mas não depende de ninguém em particular, mas de todos em geral. Já dissemos que o avanço espiritual depende do que cada um faz e decide por si. Não se pode acusar Jesus, ou outros seres de grande evolução, da obrigação de fazer evoluir outros irmãos de menor evolução. Os espíritos avançados podem, com seu exemplo, ajudar outros seres a despertar, mas a evolução é individual e voluntária. Mesmo Deus, que é onipotente, não o força a avançar.

Talvez uma das consequências dessa falta de compreensão da missão de Jesus seja o fato de acreditarmos que com sua vinda nossos pecados seriam redimidos.

Assim é. Porque se ele pudesse salvar toda a humanidade com seu sacrifício, isso significaria que o ser humano, faça o bem ou o mal, será salvo mesmo contra sua vontade e seus méritos. E isso iria contra o livre-arbítrio. A vinda de seres espirituais avançados ao planeta sempre tem como objetivo instruir a humanidade para que se conscientize e evolua. Se ela vai ou não, depende dela mesma.

Portanto, se a salvação da humanidade não dependia da morte de Jesus na cruz, não sei até que ponto esse grande sacrifício foi necessário.

Olhe, a escolha de Jesus foi vir a este mundo para transmitir uma mensagem de amor à humanidade, sabendo que por isso corria o risco de ser assassinado. Em certo ponto de sua vida ele foi claramente informado, por meio de visões, que conforme os eventos se desenrolassem, seu assassinato por crucificação aconteceria e ele teve a opção de se aposentar, uma vez que o mundo espiritual superior respeita plenamente o livre-arbítrio e nunca obriga ninguém a fazer nada, nem mesmo aqueles que sabe que são totalmente conectados a ele.

E se ele sabia que eles iriam matá-lo, por que não evitou? Não seria uma espécie de suicídio, o que, segundo você, é contrário à lei espiritual?

Não que ele quisesse ser assassinado, ou que tivesse uma predileção especial por ser crucificado, se é isso que você quer dizer, mas, por causa de sua coragem pessoal e do exemplo que queria dar para levar sua mensagem de amor às últimas consequências, decidiu continuar. Já disse que o mérito de Jesus não estava em ter morrido na cruz, mas na coragem que teve para cumprir a sua missão de mensageiro de Deus, pois, apesar de saber que lhe custaria um grande sofrimento que culminaria com o seu martírio e homicídio, ele aceitou esse sacrifício apesar de tudo.

Então, se Jesus não veio para redimir nossos pecados, é Jesus o salvador que foi anunciado no Antigo Testamento ou não?

Jesus é realmente aquele que é anunciado no Antigo Testamento. Outra coisa seria se ele tivesse vindo com o propósito pelo qual a Igreja Católica fez crer, ou pelo qual o povo de Israel o esperava. Israel esperava um rei político, como seu rei Davi, que os libertaria do governo estrangeiro e os tornaria um povo conquistador, mas Jesus não veio com esse propósito. Sua missão era para toda a humanidade, não como governante material, mas como mensageiro de Deus, transmissor da verdade do mundo

espiritual, que veio trazer da escuridão a humanidade confusa, perdida em crenças mal interpretadas, absurdas e errôneas. Ele veio mostrar o verdadeiro caminho da evolução espiritual para uma humanidade totalmente confusa no que diz respeito ao seu conceito de Deus e evolução humana e totalmente presa ao egoísmo.

E será que alguns dos grandes avatares ou profetas que a história coleta, estou pensando em Moisés, Krishna ou Buda, foram encarnações anteriores de Jesus?

Nenhum dos que você mencionou foi Jesus. Embora fossem mensageiros de Deus, ou seja, enviados do mundo espiritual com a mesma missão de Jesus. Todos serviram à mesma causa e o seu trabalho foi mais ou menos fecundo, dependendo da receptividade das mentalidades dos povos entre os quais encarnaram.

Podemos dizer então que Jesus e Buda são os seres mais evoluídos que já existiram no planeta Terra?

Daqueles que você conhece, sim.

Mas não é verdade que o povo judeu rejeitou Jesus porque viu suas ideias contrárias à lei de Moisés?

Foi o clero hebreu e aqueles que foram influenciados por eles. E não eram as ideias de Jesus contrárias à lei de Moisés, mas às leis que o clero hebreu havia estabelecido para o povo, usando Moisés como cobertura. Por essa razão, ele não veio para revogar a lei de Moisés, mas para mostrá-la novamente como foi dada originalmente, despojando-a das mentiras e manipulações a que tinha sido submetida e para cumpri-la.

Você quer dizer os Dez Mandamentos?

Acontece que os Dez Mandamentos são o pouco que foi salvo, embora alguns deles tenham sido alterados para mudar seu

significado original. Já falamos muito sobre isso e não vamos repetir. Os verdadeiros escritos de Moisés eram curtos, simples, mas espiritualmente verdadeiros. Nada a ver com o chamado Pentateuco, que é atribuído a Moisés, que foi escrito muito depois de sua morte e está cheio de histórias alteradas, fantasiosos e atos abomináveis ordenados pelos líderes do povo hebreu, que, para se justificarem e silenciarem os insatisfeitos, atribuídos a Deus ou a Moisés.

Vamos voltar para Jesus. A última vez que ele encarnou na terra foi há 2 mil anos ou ele veio mais desde então sem que o tenhamos reconhecido?

A última vez que encarnou foi como Jesus há 2 mil anos e desde então não voltou a encarnar na Terra.

E está Jesus atualmente encarnado na Terra?

Não. Ainda não. Mas falta pouco.

A decisão de encarnar, e quando essa encarnação deve ocorrer, é feita por ele ou por outra entidade superior?

Ele decide por sua própria vontade, sabendo quais são as necessidades evolutivas do planeta e quais são os momentos mais favoráveis para alcançar um maior aprofundamento da mensagem.

Quanto tempo falta exatamente para que volte a encarnar?

Eu não posso responder isso a você. Ele retornará em um futuro não muito distante, dependendo de como os eventos se desenrolarem, mas, ainda não nesta geração. Aqueles que vão preparar o terreno para ele já estão encarnando há algum tempo.

O que você quer dizer com aqueles que "vão preparar o terreno para ele"?

As missões espirituais não são tarefas individuais e isoladas, nem improvisadas, mas preparadas de forma consciente e detalhada muito antes de ser realizadas. São missões de socorro coletivas das quais participam muitos seres que, embora não tão evoluídos como Jesus, agem em sintonia com ele, com o propósito de fazer avançar espiritualmente a humanidade. Alguns auxiliam e cooperam no plano espiritual e outros no plano físico, encarnando antes, durante e depois do mensageiro principal.

Em que consiste essa preparação?

Em ir dando a conhecer a mensagem em pequena escala, para que já se verifique uma boa predisposição nas pessoas à mensagem espiritual para que, quando o avatar encarnar, a sua mensagem tenha maior penetração.

Que características tem de ter o planeta para que se manifeste uma maior quantidade de seres evoluídos?

Já dissemos que as missões de ajuda espiritual não são novas hoje, mas estão vinculadas ao trabalho feito em outros tempos. Os mesmos espíritos encarnam em momentos distintos com o mesmo propósito, os menos avançados procuram aprender as noções básicas do amor e os mais avançados têm a responsabilidade de desenvolver a própria capacidade de amar mais e educar os que conhecem menos o amor, pregando com seu exemplo. À medida que o espírito “educador” avança, suas missões adquirem maior profundidade. Como os espíritos menos avançados também vão evoluindo como resultado desse trabalho, aumenta o número de espíritos que entendem mais profundamente o significado da mensagem espiritual e que decidem colocá-la em prática, eles próprios também se tornam transmissores da mensagem. Em cada onda de espiritualização, mais espíritos se juntam progressivamente à carruagem da evolução e isso torna o número de espíritos avançados cada vez maior. Portanto, que encarne um maior número de espíritos

avançados é um reflexo de que o nível espiritual da humanidade está aumentando.

O que você acabou de dizer sobre a encarnação de um maior número de espíritos avançados me faz lembrar de uma passagem nos Evangelhos em que Jesus supostamente diz “Coisas maiores que eu, fareis!”. Você vai concordar comigo em admitir que até hoje as que ele fez ainda não foram igualladas por ninguém e 2 mil anos se passaram. Jesus estava errado ao dizer isso ou essa declaração também foi mal interpretada?

Ele está se referindo aqui a algo que já falamos anteriormente, que quando o ser humano evoluir suficientemente poderá atingir o nível evolutivo que Jesus tinha quando encarnou neste planeta. E uma vez que não há limite para evoluir, você também pode atingir níveis mais elevados de evolução. Isso significa que neste estado de evolução ele terá as mesmas ou maiores capacidades que Jesus tinha quando encarnou no planeta. Se ainda não há ninguém que mostra uma capacidade de amar tão grande como a de Jesus em seu planeta é porque não se passou tempo suficiente para que até mesmo os seres mais evoluídos de seu mundo tenham atingido esse nível. Embora para você signifique muito tempo, espiritualmente falando 2 mil anos é um curto espaço de tempo, portanto, ele não se enganou nem é manipulada a mensagem, apenas acontece que ainda não chegou o momento de essa afirmação ser cumprida.

Existem muitas pessoas que se consideram espiritualmente avançadas e afirmam ser mensageiras de Deus. Eles estão certos?

A maioria, não. Elas expressam o desejo de notoriedade que possuem, alimentado pelo desejo de destaque, o que não é uma realidade. O espírito avançado é reconhecido por sua capacidade de amar e sua humildade e por seu respeito pelas ideias e crenças dos outros. Muitas das pessoas que afirmam ser mensageiras de

Deus ostentam esse suposto status e usam essa suposta superioridade para se impor aos outros e obter lucro. Quem se vangloria de ser mais do que os outros e também quer se impor aos outros carece de humildade e falta de respeito pelo livre arbítrio. Nisso sabe-se que elas não são o que dizem ser.

Ao falar de uma nova encarnação de Jesus me veio à mente que o Apocalipse parece anunciar essa vinda. Esta interpretação está correta?

Sim.

Mas o Apocalipse faz uma previsão de eventos em relação ao futuro da Terra, muitos deles catastróficos. Essas previsões são verdadeiras? Você pode esclarecer um pouco esse tópico para mim?

O Apocalipse, como já disse, é uma visão do possível futuro da Terra que João teve. Nessa visão, ele teve acesso a certos eventos que poderiam ocorrer na Terra no futuro, alguns causados pelo homem e outros como consequência de mudanças geológicas naturais, que ele tentou transmitir de acordo com sua capacidade às pessoas de seu tempo e também os eventos e transformações que a humanidade experimentaria durante esse período. Pode parecer que contando tudo de uma vez tudo iria acontecer muito rapidamente, mas na realidade esses eventos abrangem um período de tempo bastante longo, milhares de anos, ao fim do qual haverá um avanço espiritual na humanidade. O ser humano terá então consciência da sua origem, do seu destino, da existência de um mundo espiritual e da descoberta de que existem entidades acima dele, a começar por Deus, Cristo, Jesus e outros seres desconhecidos para você ou para aqueles que você não tem nome, que o amam, zelam pelo seu desenvolvimento espiritual e felicidade.

Assim como o Apocalipse fala da vinda de Cristo, fala do reinado do Anticristo. Minha pergunta é: o Anticristo existe? Ele vai encarnar? Quando?

Já dissemos que não existe nenhum ser onipotente no mal, nem qualquer espírito encarnado com o propósito manifesto de causar o mal. Se acaba fazendo, não é porque cumpre esse propósito como se fosse uma missão espiritual. Nenhum espírito encarna de antemão com um propósito negativo, mas por sua falta de evolução espiritual se inclina para o mal seguindo o impulso de seu próprio egoísmo, uma vez encarnado. Portanto, se você espera que o Anticristo seja um ser poderosamente mau, que encarna com o propósito de destruir o mundo, ou de destruir Cristo ou seus seguidores, já lhe digo que ele não existe.

E se não existe, qual é o sentido em que essa palavra é usada no Apocalipse? Ou é apenas outra manipulação das escrituras?

O evangelista viu nos acontecimentos do futuro que havia grande egoísmo na humanidade, que era governada por valores egoístas contrários ao amor. Além disso, parte da mensagem foi criptografada para dificultar a manipulação posterior. Nesse contexto, o Anticristo é uma figura simbólica, representando a faceta egoísta, ambiciosa e implacável do ser humano carente, que por consequência age causando grandes danos aos outros. É o egoísmo personificado. E o reinado do Anticristo representa o mundo governado pelo egoísmo. Se assumirmos que a mensagem de Cristo é o amor incondicional, o Anticristo é aquele que age contra Cristo, ou seja, que é fortemente contrário ao amor.

Então, personagens como Nero, Napoleão e Hitler, que causaram muitos danos à humanidade, eram ou não o Anticristo?

As figuras históricas que você mencionou que se identificaram com o Anticristo eram pessoas extremamente egoístas que, movidas pela ambição e pelo desejo de poder, causaram sérios

danos à humanidade. Mas, como houve muitos na história, existem e continuarão a existir enquanto o egoísmo estiver à vontade no mundo. Como você os chama não os torna melhores ou piores, embora talvez os torne mais importantes e assustadores aos olhos do mundo.

Isso sobre o fim do mundo, o Apocalipse, também me lembra as profecias maias, que colocaram eventos catastróficos para a humanidade em 2012...

Você quer dizer que os ocidentais querem ver isso nas escrituras maias porque se você perguntar aos descendentes dos maias, eles dirão que não é assim.

Mas vai acontecer algo apocalíptico, como um cataclismo planetário, ou o início de uma Terceira Guerra Mundial que destruirá a humanidade em 2012 ou não?

Em 2012, nada disso vai acontecer. As catástrofes naturais continuarão sendo as que já existem, mais ou menos na mesma proporção, mas nenhuma será tão forte a ponto de causar destruição em nível planetário. Você se preocupa muito com as catástrofes naturais, que não pode evitar, e pouco com as que pode evitar, que são as guerras e a barbárie, obra do ser humano. Os conflitos de guerra, infelizmente tão frequentes em seu mundo, continuarão a se desenvolver mais ou menos na linha dos que existem atualmente e continuarão a fazê-lo enquanto não houver mudança de consciência em relação ao amor. Mas nada que destrua a Terra ou a humanidade, por enquanto. Se você se lembra, no fim do século passado havia uma psicose semelhante que previa diversos eventos catastróficos para o fim do século ou o início do atual que supostamente se baseavam nas profecias de Nostradamus. E o ano de 2001 passou e nada disso aconteceu. É o fanatismo, a fantasia e a ignorância de muitas pessoas que fizeram uma montanha de um pequeno morro. As pessoas que são levadas por esses maus presságios estão presas

em uma psicose de medo ou alucinação que as impede de se concentrar no que é importante, que é a evolução espiritual. Já dissemos que a mudança fundamental que está por vir é de natureza espiritual e que não se limita a um ano ou data específicos, mas abrange um tempo que pode ser centenas de anos. Quem espera o fim do mundo em 2012 vai se decepcionar.

Também em diferentes partes do mundo ocorreram manifestações de um tipo sobrenatural com um certo ar apocalíptico que tiveram grande impacto. Refiro-me às chamadas aparições marianas de Lourdes e Fátima. Existe alguma verdade nisso?

O que realmente existe é que existem seres espirituais que se comunicam diretamente com pessoas com capacidade mediúnica com o propósito de transmitir mensagens, algumas de tipo mais pessoal e outras de tipo coletivo. Em geral, essas manifestações não costumam ter grande repercussão, pois as pessoas que as apresentam costumam ser discretas e não divulgam esses eventos, pois sabem que têm maior probabilidade de serem rotuladas como mentalmente desequilibradas. Os casos de Lourdes e Fátima tornaram-se notórios pelo fato de serem vistos por crianças que naturalmente contaram o que tinham visto.

Mas, nos casos específicos de Lourdes e Fátima, diz-se que foi a Virgem Maria quem se manifestou. É certo? Qual foi a mensagem que transmitiu?

Não, não foi Maria quem se manifestou, embora isso não tenha grande importância. É verdade que eram espíritos avançados que surgiam com fisionomia de mulher, mas eles nunca disseram que eram Maria. Eles geralmente não fornecem nomes ou, se o fazem, são nomes genéricos. A identificação com Maria geralmente ocorre porque as crianças a identificam com os personagens das crenças religiosas em que foram criadas ou porque, após as visões, foram condicionadas por adultos a

identificá-la com Maria. A mensagem que transmitem costuma ser muito clara, em linha com o que estamos falando, que o ser humano está no mundo para evoluir, para isso deve desenvolver sua capacidade de amar e se livrar do egoísmo. Às vezes, eles alertam sobre os riscos futuros que as atitudes egoístas individuais e coletivas acarretam no nível coletivo, como futuros conflitos de guerra. Mas, então, a Igreja aparece e manipula todas as mensagens à sua conveniência e se cala sobre o que não lhe interessa ser divulgado porque fere seus interesses. Acima de tudo, faz-nos crer que o aparecimento da suposta Virgem Maria é um apelo à conversão da humanidade à sua religião para obter mais prosélitos ou para assegurar os que já tem. O fanatismo e a superstição fazem o resto, transformando esses lugares em centros de peregrinação, que trazem benefícios consideráveis à custa do fanatismo e da ignorância dos fiéis.

E qual é o terceiro segredo de Fátima se pode ser conhecido? Isso tem algo a ver com o fim do mundo?

Se o mundo espiritual quisesse manter um segredo, não o teria revelado ao mundo. É o egoísmo do ser humano, especialmente daquele que detém o poder material do mundo, que mantém as revelações do mundo espiritual a sete chaves e não quer torná-las conhecidas por medo de ser expostas. Em qualquer caso, não perca o sono por causa disso, porque o que foi dito lá já tinha sido revelado por outras vias.

A DESPEDIDA

Uma das vezes em que estava relaxando conversando com Isaías, ele me disse: “Olá, irmão. Hoje quero que você saia do seu corpo porque quero que veja algo”.

Logo em seguida saí do corpo atirado a toda velocidade para dentro de uma das pirâmides de vidro que faziam parte daquele precioso lugar para onde Isaías costumava me levar. Ele me levou a um lugar que parecia uma espécie de sala de exposições circular. No centro, havia como um pequeno palco circular cercado por bancadas ao seu redor. No centro do palco havia um suporte segurando uma pedra cristalina muito grande e bem entalhada que parecia quartzo.

- Sente-se onde quiser e espere - ele me disse.

Depois de mim, as arquibancadas começaram a encher-se de outras pessoas que também estavam acompanhadas como eu. Compreendi que aquelas pessoas encarnavam como eu e deduzi que seus companheiros, pela maneira como se vestiam, com as vestes e pela luz que emitiam, eram seus espíritos-guias. Elas se sentaram como eu enquanto os guias espirituais, como Isaías, foram para o centro formando um círculo ao redor do suporte com a pedra. Todos eles deram as mãos. A certa altura, a luz da sala diminuiu para quase um apagão, então começamos a ver como o cristal de quartzo se iluminava aos poucos e de repente vimos como a luz do cristal atingiu o teto e ativou algum mecanismo desconhecido que fez todo o centro do anel se iluminar, como se formando uma espécie de cilindro luminoso. Em seguida, o cilindro luminoso se expandiu até envolver todos nós na sala, como se nos colocasse dentro.

“Não se assustem. Nada pode acontecer com vocês, prestem atenção ao que verão”, podíamos ouvir em nossas mentes. Aos poucos a luz foi se apagando e começamos a ver imagens. Parecia um filme 3D, mas muito mais real, era como se estivéssemos lá dentro, com total realismo. As imagens eram tão perfeitas que eu diria que realmente estava naquele lugar. Começamos a ver homens que pareciam políticos fazendo discursos na frente de um monte de gente e as pessoas empolgadas batiam palmas e rugiam. Embora não entendesse as palavras, podia perceber os pensamentos. Os políticos obedeciam às ordens de outros seres cuja fisionomia não conseguimos ver, mas que eram morenos e transmitiam fluxos de escuridão aos políticos que falavam. Eles os estavam incitando à guerra. Enquanto os políticos falavam, a corrente de escuridão se espalhou como névoa sobre a audiência e os penetrou de modo que ficaram impregnados dessa névoa escura. Percebi como uma grande corrente de medo, ódio e fanatismo que me impactou profundamente. Em seguida, as imagens desapareceram e outras apareceram onde os exércitos foram vistos marchando. Então, começamos a ver imagens de aviões, tanques de batalha, navios de guerra, lançadores de mísseis em plena atividade. Vimos soldados com metralhadoras se preparando para entrar em ação. Começamos a ver bombas caindo e explosões destruindo tudo em seu caminho. Vimos a forma como morreram muitas pessoas, homens, mulheres e crianças, alguns crivados de balas, outros explodidos por bombas, outros queimados. Também vimos como os soldados pegaram mulheres e as estupraram sem qualquer consideração e depois as mataram sem qualquer contemplação. Vimos prisioneiros espancados e torturados até a morte. Cidades, vilas, campos completamente destruídos, cadáveres espalhados por toda parte. Foi a coisa mais horrível que já vi na minha vida, porque tudo aconteceu como se estivesse bem ali. Eu estava em choque, todos nós. A certa altura foi como se pulássemos em um navio e víssemos toda a destruição de cima. Começamos a ver

mísseis no céu e vimos o que estava acontecendo quando um dos mísseis atingiu uma cidade muito grande. Houve um enorme rugido, ao mesmo tempo em que uma onda de fogo explosiva se espalhava em alta velocidade, devastando tudo com uma impressionante capacidade de destruição. Uma enorme nuvem de poeira gigantesca se formou. Não sei como calcular a extensão da devastação, mas foi enorme. Em um ponto, descemos de volta ao nível do solo, bem distantes de onde a bomba havia explodido. Eu vi a forma da nuvem. Era semelhante ao cogumelo das explosões da bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki, mas a sensação era de detonações muito mais poderosas e destrutivas. Vimos várias bombas atômicas semelhantes explodir em lugares diferentes.

O show foi dantesco. Em alguns lugares, não havia nada de pé. Nada. Tudo completamente destruído em pó e cinzas. Em outros lugares, havia ruínas onde você podia ver cadáveres despedaçados por toda parte. Vimos em certos lugares como alguns sobreviventes desfigurados e esfarrapados estavam indo sem rumo, tentando fugir das áreas mais devastadas. Essa visão passou.

Começamos a ter outra visão de um lugar onde a terra estava começando a tremer e se abrir em muitos lugares. Houve terremotos muito fortes que destruíram o pouco que restara de pé. Vulcões também se formaram em muitos lugares e lava fluíu por toda parte, destruindo tudo na superfície de uma terra já devastada. Em outra ocasião, experimentamos um estrondo muito maior, que não tenho palavras para descrever. A terra ali estava afundando. Vimos imagens de diferentes lugares simultaneamente, todos passando por um cataclismo semelhante. O afundamento da terra fez com que ondas gigantes se formassem nos mares circundantes, como tsunamis gigantescas que ao atingirem as costas dos continentes que não

havia afundado levaram tudo numa extensão enorme, difícil de determinar. O contato repentino da lava com a água causou uma grande evaporação da água. O céu estava completamente coberto por nuvens muito grossas. Enormes tempestades castigavam tudo e a luz do sol não era mais visível. Então, fomos nos afastando progressivamente da superfície da Terra até que vissemos completamente a esfera terrestre do espaço. A aparência era sombria. O azul do mar e o marrom e verde dos continentes não eram mais visíveis, nem o branco das nuvens. Uma esfera foi vista completamente coberta por uma atmosfera cinzenta e densa, o que tornava impossível ver a superfície da Terra. Que grande tristeza ver qual foi o destino do nosso mundo!

A visão acabou aí. A tela cilíndrica voltou ao centro da sala e depois escureceu. A luz na sala de projeção ficou brilhante novamente. Todos os assistentes ficaram em estado de choque. Vimos como um dos guias se aproximou do centro da sala e retirou o cristal de quartzo, substituindo-o por outro. Antes que tivéssemos tempo de reagir, o cilindro foi reativado da mesma forma que da vez anterior e novamente a tela cilíndrica de imagens 3D nos envolveu novamente. Vimos novamente os mesmos políticos de outrora, aqueles que faziam discursos pró-guerra, com as entidades sombrias transmitindo influências negativas para eles, mas, desta vez, eles fizeram isso em aparelhos de televisão. Estavam comunicando pela televisão a decisão de ir à guerra contra outros países, porém, as pessoas reagiram de forma diferente à visão anterior. Elas também formaram multidões não para apoiar seus governantes belicistas, mas para protestar contra eles. As manifestações foram massivas. Os governantes tentaram reprimir os protestos ordenando que o exército e a polícia agissem contra o povo, entretanto, os próprios soldados e policiais se recusaram a cumprir as ordens de atacar seus concidadãos e se juntaram ao protesto. Vimos a queda desses governantes em face das

rebeliões populares e como eles foram presos e encarcerados. Isso aconteceu simultaneamente em todos os países que iriam para a guerra. Vimos então aparecer outras pessoas que transmitiam sentimentos muito diferentes dos políticos. Estes estavam acompanhados por seres luminosos que lhes transmitiram fluxos luminosos, e os espalharam sobre os demais. Exalavam humildade, serenidade. Vimos como um halo de luz se espalhou deles para o povo, transmitindo paz e amor. Esses novos líderes decretaram a cessação de todas as atividades violentas e formaram uma espécie de congresso mundial para decidir qual seria o novo curso para a humanidade.

Houve outra visão em que todas as máquinas de guerra foram desmanteladas e derretidas, os exércitos foram dissolvidos e todos aqueles que contribuíram para levar o mundo à beira da guerra foram colocados em julgamento. A visão desapareceu.

Eles nos avisaram mentalmente que iríamos ver as mudanças que ocorreram no mundo depois dessa decisão, depois de um tempo que eu não sabia como especificar. Tudo mudou para melhor. Víamos pessoas em suas atividades diárias. Não houve guerras, não houve conflitos, não houve pobreza ou desigualdade. A humanidade viveu em harmonia. Você podia ver os rostos das pessoas e elas exalavam felicidade. A visão terminou, como antes, com uma imagem da Terra vista de fora. Que contraste gritante com a primeira visão! Como ela estava bonita agora em comparação com a visão anterior!

O cilindro luminoso encolheu de volta ao centro do anel e depois apagou. As luzes se acenderam. Fiquei extremamente emocionado e animado. Eu vi os outros e vi que estavam tão impressionados quanto eu. Foram muitas emoções fortes e contraditórias em pouco tempo. Os guias se dispersaram do círculo que haviam formado e juntaram a seus protegidos. Eu

podia ver ondas de energia sendo transmitidas a eles para ajudá-los a se curar do impacto da experiência. Em um momento, todos haviam desaparecido da sala.

- É hora de voltar para você também - era Isaías quem estava falando comigo.

Senti um forte puxão e uma queda livre que me levou diretamente ao meu corpo. No entanto, não acordei imediatamente, permaneci em estado de paralisia.

- Vamos falar um pouco antes de acordar. Nós fazemos isso para que sua mente se recorde melhor.

- Quem eram eles? - perguntei.

- São pessoas como você, espíritos encarnados do seu mundo - disse Isaías - os seus companheiros foram irmãos do mundo espiritual que os ajudam.

- Eles pareciam muito afetados - disse eu...

- Sim, você também. Muitos deles não se lembrarão conscientemente dessa experiência. Isso seria um impacto muito pesado em sua mente terrestre, mas seu interior vai se lembrar e levará em conta.

-O que foi que vimos? - perguntei.

- O que você viu são duas possibilidades diferentes do futuro do seu mundo. O primeiro é o futuro possível se a humanidade se deixar levar pelo egoísmo e o segundo é o futuro que os espera se vocês decidirem pelo amor.

- Então nada disso aconteceu ainda, nem necessariamente tem que acontecer. Quero dizer que não gostaria que acontecesse a primeira possibilidade de futuro.

- Exato. Nada disso sucedeu. Ainda.

- E há mais possibilidades para o futuro, além daquelas que vimos?

- Sim. Isso que você viu são os extremos negativo e positivo. Existem situações intermédias, mas, basicamente todas as possibilidades se convergem, com um tempo de desenvolvimento maior ou menor, para uma das duas. Essas são coisas que não acontecerão da noite pro dia, mas é bom que você tenha uma perspectiva em longo prazo, maior do que dura uma encarnação.

-E quem está vendo essas possibilidades para o futuro?

- Aqueles encarnados que querem avançar espiritualmente. Como aqueles que foram hoje, muitos humanos encarnados estão sendo levados pelos seus guias à noite, dormindo, para testemunhar este tipo de projeções sobre o futuro.

- E por qual motivo?

- Faz parte de uma preparação de seu interior, para que possa estar ciente das consequências de seus atos em nível global e assim você pode decidir com conhecimento em qual o lado da balança quer estar, se no lado do egoísmo ou no do amor.

- Não acredito que alguém queira viver a situação do primeiro possível futuro.

- Certo, ninguém quer sofrer. Aquele que atua egoisticamente sempre pensa que nunca sofrerá as consequências de seus atos. O que tentamos fazer você entender é que tudo está interconectado e que o que você faz aos outros voltará cedo ou tarde para si, para todos vocês...

- Mas, por que esta visão em concreto? É muito inquietante.

- Porque parte da humanidade de seu planeta está alcançando certo extremo de egoísmo e de capacidade de destruição que está pondo em perigo a sobrevivência de toda ela. Você vai colaborar nessa destruição ou, ao contrário, vai colaborar para tentar evitá-la? Porque tudo depende de você, de sua livre vontade. Em algum momento nesta ou noutras vidas terá que escolher de que lado está. O destino do mundo está em suas mãos.

- Uau! O destino do mundo está em minhas mãos. Que responsabilidade enorme! É demais para qualquer um!

- Compreenda que o destino do mundo não depende da ação de uma única pessoa, mas da soma de milhões. Cada um contribui um pouco com sua atitude de amor ou ego para fazer do mundo um pouco melhor ou um pouco pior, embora alguns possam fazer mais ou menos dano ou prover mais ou menos amor do que outros, de acordo com sua capacidade e vontade de fazer o bem ou o mal. É como uma dessas competições de força em que duas equipes se enfrentam, puxando cada uma pela ponta de uma corda para arrastar o lenço atado no centro para o seu lado. Sua escolha consiste em saber qual fim da corda você quer puxar, o fim do egoísmo ou o fim do amor. O lenço do jogo é neste caso o destino do seu mundo. Quanto mais os jogadores puxam o amor, mais possibilidades existem de que o destino do mundo se deixe para o amor.

- E como está a competição de momento?

-Se eu dizer que está bem, você pode relaxar, e se eu dizer que está mal, você pode perder as esperanças. Como pensa que está, bem?

- OK, você não vai me dizer nada. Eu imaginei. Acho que o egoísmo vence no momento. Mas vejo que as pessoas estão mudando de lado, porque estão percebendo que as coisas, à medida que avançam, não vão acabar bem. Quero dizer que antes elas estavam puxando do extremo do egoísmo, mas mudaram e agora estão puxando do lado do amor.

-E são muitos outros que por um tempo podem ser de um lado e depois do outro, segundo a sua conveniência, hehehe!

- Não me parece que é um tema para fazer piada...

- Não faço disso uma piada. Estou só tentando deixar a conversa mais leve, porque percebo que você está assustado e chocado com o que viveu. Mas você vai voltar. Bem, agora é hora de dizer adeus.

- Você está indo embora tão cedo? - eu disse.

- É hora de eu ir pra casa. Estou bem com você aqui, mas estou melhor lá. Não se preocupe. Logo nos veremos novamente. Amor, irmão! Um abraço para toda a família. Você sabe, nossa cara humanidade.

FIM

CONSIDERAÇÕES FINAIS DOS AUTORES

É nosso desejo expresso que a mensagem manifestada por meio desta obra chegue ao mundo inteiro de forma totalmente gratuita e desinteressada, em consonância com a filosofia do amor incondicional que expusemos, ou seja, a de dar sem esperar receber nada em troca.

Portanto, apoiamos e permitimos a livre divulgação, reprodução total ou parcial desta obra por todos os meios atualmente disponíveis, desde que não seja com fins lucrativos ou que seu conteúdo seja modificado.

Nossa intenção é que este trabalho seja ampliado com a contribuição de todos. Se você tiver dúvidas sobre o assunto do livro, ou seja, sobre espiritualidade e amor, sejam elas pessoais ou gerais, fique à vontade para expô-las e enviá-las para nós por e-mail e teremos o maior prazer em tentar respondê-las o mais rápido possível. Aquelas perguntas que são consideradas de interesse geral e supõem novas e valiosas contribuições para o objetivo do trabalho serão incluídas junto com sua resposta em trabalhos futuros. Neste livro, A lei do amor (As leis espirituais, parte II), algumas das perguntas feitas por alguns leitores de Leis espirituais, parte I, já foram incorporadas.

Pedimos também a colaboração de pessoas interessadas em traduzir abnegadamente esta obra para outros idiomas, para que sua mensagem chegue ao maior número de pessoas possível.

Se você estiver interessado em visitemos sua cidade, considerando que há um número suficiente de pessoas interessadas em ouvir uma palestra sobre o assunto deste livro, entre em contato conosco. Não importa se sua cidade ou município se encontra em outro país ou continente, da melhor

maneira possível tentaremos atender à sua demanda. A realização da palestra não implicará nenhum gasto financeiro para os proponentes, incluindo hospedagem e passagem, pois o faremos de forma totalmente gratuita e desinteressada. A única condição é que a entrada seja, sempre, livre e gratuita para todos os interessados.

Encaminhe o seu pedido para Vicent Guillem Primo.

Endereço de e-mail: lasleyes.espirituales@gmail.com

No site <http://lasleyes.espirituales.blogspot.com> você pode baixar o livro gratuitamente em formato eletrônico, solicitar uma cópia impressa e consultar a programação de palestras sobre o livro.

Com todo o nosso amor para você. Até já!



O trabalho A lei do amor de Vicent Guillem Primo foi licenciado com uma licença Creative Commons - Atribuição não comercial - Sem derivados 3.0 Não Adaptada.
Com base no trabalho disponível em <http://asleisespirituais.blogspot.com.es/>.

